



REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

◆

COMISSÃO DE REDAÇÃO:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA

OTHELO ROSA

EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA

EDUARDO DUARTE

◆

PÔRTO ALEGRE — BRASIL

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Sede: PÔRTO ALEGRE

DIRETORIA DO INSTITUTO

Presidente honorário:

Presidente:

Dr. Leonardo Macedônia.

Vice-Presidente:

Prof. Othelo Rosa.

2.º Secretario:

Prof. Valter Spalding.

Secretario Perpétuo:

Dr. Eduardo Duarte.

Orador:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.

Tesoureiro:

Prof. Afonso Guerreiro Lima.

Bibliotecário:

Prof. Valter Spalding.

COMISSÕES PERMANENTES.

Fundos e Orçamentos:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.

Prof. Jorge Bahlis.

Dr. Lindolfo Collor.

Clemenciano Barnasque.

HISTÓRIA:

Prof. Othelo Rosa.

Dr. Darcy Azambuja.

Dr. Felix Contreiras Rodrigues.

Cel. Aurelio Porto.

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL



III TRIMESTRE

ANO XVII

Comissão de Redação:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA

OTHELO ROSA

EMÍLIO FERNANDES DE SOUZA DOÇA

EDUARDO DUARTE

1937

Officinas Gráficas da LIVRARIA DO GLOBO

Barcellos, Bertaso & Cia. — *Pôrto Alegre*

Filiais: Santa Maria e Pelotas

PÔRTO ALEGRE

= 1937 =

A Religião dos nossos Índios

(Última parte do livro O REINO DAS MULHERES SEM LEI, a sair breve).

por Ângelo Guido.

O MITO DO IURUPARÍ

Os primeiros cronistas que escreveram sobre as crenças dos nossos índios, principalmente os nossos piedosos missionários, fizeram do Iuruparí um mito idêntico ao Anhãnga — um espírito mau que atormentava os pobres bugres, parecidíssimo, como gênio das trevas, a Satanaz.

Não é de estranhar essa identificação do Iuruparí com o Diabo, visto que para os zelosos Jesuítas que aqui vieram pregar o Evangelho todos os deuses ou mitos dos povos selvagens do Novo Mundo, como, aliás, os de outras terras que acabavam de ser descobertas, não eram senão encarnações diversas do Maligno, empenhado, em toda a parte, em se fazer adorar em lugar do verdadeiro Deus. Esse fenômeno da transformação de deuses em demônios por uma nova religião que se sobrepõe à antiga ou deriva de velhas crenças, não se verifica somente em relação ao cristianismo e aos mitos do paganismo oriental e dos povos ameríndios. Os dévas da Índia, exaltados nos hinos do **Rig-Véda**, transformaram-se em demônios na religião zoroastriana, pois o termo **déva**, aplicado na Índia aos deuses radiosos, como Indra, Agni e Varúna, passou a ser, no antigo zend, **daéva**; **dêv** no pelvi e **div** no persa moderno, mas com o significado oposto de demônio. Em compensação o termo **asura**, que na Índia antiga, em período posterior ao dos hinos do **Rig-Véda**, applicava-se a entidades opostas aos dévas, tornou-se, no mazdeísmo, a palavra da qual emergiu o sublime e fulgurante Haúra-Mazda, o deus supremo da religião de Zaratustra.

Igual transformação de um deus em demônio verificou-se, segundo julgam alguns mitólogos, com o Satanaz bíblico. O povo de Israel fêz de Set ou Suté, a divindade tutelar dos hititas que habitavam a terra de Canaan, uma entidade demoníaca em oposição a Jeová, chamando-a Satan, nome que talvez derive diretamente de **Sat-an**, o mesmo Set com denominação diversa, que os aborígenes sírios cultuavam. O próprio apelido de Belzebú (talvez Beel ou Baal-zebub) lembra o grande deus caldeu Bél, tornado o terrível deus fenício Baal.

Assim como o Iuruparí se fêz um demônio, por obra dos primeiros difusores do cristianismo em terras brasileiras, vemos diversos deuses africanos, como Exú e Leba, se identificarem com o Diabo ao serem trazidos para o Brasil. Essa identificação se fêz no espírito do povo afro-brasileiro das **macumbas**, pois que, no dizer de Artur Ramos, ⁽¹⁾ o negro africano já encontrou uma demonolatria católica preparada no Brasil. E foi fácil a identificação de seus **orixás** com o Capêta ou com alguns santos da Igreja.

Igual fenômeno se deu quanto à identificação do Iuruparí com o Demônio no espírito dos primeiros missionários que visitaram o Brasil e, posteriormente, na transformação do Iuruparí em um diabo, na credence do ingênuo tapúio. Em ambos os casos, a interpretação do mito encontrou um fundo de superstição ou desse temor inconsciente que, no dizer dos psicoanalistas, é o elemento em que os demônios são gerados. É natural, portanto, que os que aqui vieram com a mente obsecada pela idéia do Demônio, vissem o Diabo no Iuruparí como o viram no Anhanga. O próprio Sací — um caboclinho arrelento que andava de tanga e que também é identificado com um pássaro das nossas florestas — não passou a ser um diabinho de mão furada, representado na credence popular como um pequeno diabo, cheirando a enxôfre e com pés de cabra, saindo do inferno? De gênio alegre da selva, transformou-se, em contacto com a demonologia católica, num negrinho retinto, de uma perna só, filho do Diabo. Até se conta

(1) O folclore negro do Brasil, pág. 25 — Rio, 1935.

que sendo muito mau foi expulso do inferno e condenado a viver na terra e a “assombrar todo mundo”. (2)

Parece-me que houve uma confusão, entre os primeiros escritores que trataram das crenças dos nossos índios, a respeito do Anhãnga e do Iuruparí. Ambos os mitos, embora tão diversos, foram confundidos num só e ainda hoje não se fez, entre os estudiosos do nosso folclore, uma distinção bem clara entre os dois mitos. Vemos, por exemplo, um erudito como Basílio de Magalhães confundir num só gênio demoníaco os dois grandes mitos ameríndios, quando escreve: “o juruparí e o anhãnga são o mesmo tipo mítico, aquele preponderante na linguagem dos selvícolas do norte e este na do sul, notando-se que só o último é que sofre encarnação em animais inferiores”. (3)

Gonçalves Dias faz uma distinção entre o Anhãnga e o Iuruparí, mas admitindo aquele como sendo um gênio subalterno, “principal executor das vontades do último”. O Iuruparí ou Jeriparí, como escreve Gonçalves Dias, representaria, na sua opinião, aquele mesmo princípio do mal ou Príncipe das Trevas que no mazdeísmo é **Aura-Mainiu** ou **Ariman** e no judaísmo e na demonologia cristã **Satanaz**. Estava em oposição a **Tupan**, como **Satanaz** a **Jeová**. “Temos, pois, dois seres superiores, contrários e independentes — os dois princípios dos persas — o bem e o mal, ambos poderosos, ambos deificados — **Tupan** e **Jeriparí**: — além destes os espíritos que compõem a corte de cada um destes — os bons, e maus espíritos e assim como o Deus bom era oposto ao deus mau, os espíritos que serviam a cada um deles se contrapunham entre si”. (4)

Parece-me difícil dizer onde o cantor de **I-Juca-Pirama** encontrou bases para acreditar que os nossos índios concebiam esse dualismo e que **Tupan** e **Iuruparí** comandavam

(2) Ver “**O Saci Perêre**” resultado de um inquérito — São-Paulo, 1918.

(3) O folclore no Brasil, págs. 71-72.

(4) **Brasil e Oceania** — pág. 105.

duas hostes opostas de espíritos. Nos escritores antigos, mesmo no Padre Ives d'Évreux, que o autor de a **Canção do Tamôio** cita, só com muita fantasia se poderia encontrar elementos para imaginar que os nossos índios "tinham conhecimento dos gênios secundários dos bons e maus espíritos".

As notícias que sôbre êsses pretensos espíritos votados ao mal nos transmitiram os cronistas antigos, como João Daniel, d'Évreux, Macgraff, Simão de Vasconcelhos, Claude d'Abbeville, João de Léry, Thevet, Fernão Cardim e outros, são insuficientes para se formar um juízo acertado, pois que há uma terrível confusão em que um e outro mito se incorporam, por efeito de uma falsa interpretação, a uma idéia diabólica. "Juruparí e Anhãnga — afirmou Macgraff, significam simplesmente diabo. Entretanto, como, com acêrto, o demonstrou Barbosa Rodrigues ⁽⁵⁾ e o reafirmou Couto de Magalhães, nunca os nossos selvagens, senão depois de catequizados, imaginaram o Iuruparí "como um espírito sobrenatural, cuja missão fôsse exclusivamente para o mal, como é entre nós a concepção de Satanaz". ⁽⁶⁾

Penso que não só não há relação alguma entre a idéia que nossos índios faziam e, entre a que algumas tribus, ainda fazem do Iuruparí, com a concepção cristã do Demônio, como não podem ser confundidos os mitos do Iuruparí e do Anhãnga, a meu ver, de origem e caráter inteiramente diversos.

Mesmo concebido como um gênio da obscura mitologia amerába, como o espírito dos maus sonhos ou do pesadelo, embora as tradições o apresentem sob diverso aspecto, o mito do Iuruparí se diferencia do mito do Anhãnga.

Isto não é fácil de se demonstrar em vista da confusão estabelecida, desde o início, pelos que trataram das crenças dos nossos índios, assim como é difícil esclarecer satisfatoriamente como Iuruparí é, na poranduba amazonense, ao mesmo tempo o herói civilizador, o homem-deus, filho do Sol,

⁽⁵⁾ **Poranduba Amazonense** — págs. 93 a 100.

⁽⁶⁾ **O Selvagem**, pág. 148 ed. de 1913.

que, segundo algumas tradições, trouxe o fogo aos homens, deu-lhes novas leis e estabeleceu entre êles um estranho culto, e, também, um espírito que índios e tapúios temem, que os visita no sono e sôbre o qual se contam coisas terríveis, como as da lenda de Poronominare, que Maximiano José Roberto recolheu entre os **Barés** e que Brandão de Amorim traduziu. (7)

(7) Ver — Lendas em Nheêngatú e em Português — em "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", Tomo 100, vol. 154.

A POSSESSÃO MÍSTICA NO CULTO DO IURUPARÍ

Já manifestei a opinião de que os mitos do Anhãnga e do Iuruparí sejam de origem diversa. Talvez seja o primeiro um mito essencialmente tupí, o outro divulgado pelas hordas nú-áruaques. Êsses dois mitos podiam ter-se confundido através do contacto que tiveram as diversas nações indígenas no território brasileiro, dando-se o fenômeno já indicado, relativamente às grandes religiões, dos deuses de um povo se transformarem em demônios noutro povo ou num ciclo religioso posterior, como aconteceu com os **suras** da Índia, que se tornaram **asuras**, como se verificou com as divindades gêgeiorubanas Exú, Leba, Cariapêmba, Zumbí e outros **orixás** africanos que, penetrando em nosso folclore, se identificaram com o Diabo católico ou com algum santo. Pode-se admitir, portanto, que o mito do herói civilizador conhecido entre várias tribus como Iuruparí, Izí, Bocan, Maasanqueró, tenha passado para outros grupos indígenas a ser temido como uma entidade maléfica. Tal parece ter acontecido realmente, visto aquele legislador mítico ter sido apelidado, pelas mulheres suas inimigas e, possivelmente, pelas tribus que não quiseram submeter-se ao jugo de suas leis, de Bocan — coração mau.

Extremamente difícil se nos afigura determinar não só a origem do mito do Iuruparí, bem como as modificações que, através dos tempos, em diversas tribus e diferentes círculos de cultura primitiva, foram introduzidas na tradição oral e no culto dêsse semideus ameríndio, ao mesmo tempo legislador e reformador religioso. No seu culto, que consta de uma parte exotérica e outra esotérica, estão incluídos ritos de iniciação e festas ritualísticas que algumas tribus denominam

Dabucurí e outras **Poconã** e **Nauã-retã**. É nessas festas selvagens e bizarras — parecidas, aliás, com as de outros povos naturais como polinésios, malaios, africanos, etc. — cuja parte principal é vedada, sob pena de morte, às mulheres, que **Iuruparí** aparece, encarnado num dos presentes, do qual se apodera, realizando, assim, o mesmo fenômeno da possessão fetichista ou mediúnica que se observa nas **macumbas**, **batuques** ou **candomblés** dos negros-brasileiros ou nas chamadas **pagelanças** do Pará e do Amazonas, em que se misturam, num complicadíssimo sincretismo, elementos espíritas, africanos e ameríndios. O “estado de santo” dos cultos afro-brasileiros das **macumbas**, que é o da possessão da filha do terreiro pelo **orixá** (santo ou deus africano), é parecido com o da possessão do **amerába** pelo **Iuruparí** nas festas ritualísticas que, com dansas de máscaras, se realizam em sua honra.

Como os **orixás** da religião iorubana — **Olorum**, **Obatalá**, **Xangô** e outros — que são deuses com várias atribuições e, alguns, heróis civilizadores, o **Iuruparí** das tribus conhecidas sob a denominação geral de **uaupés**, não é propriamente considerado como entidade demoníaca pelos que o cultuam e temem, embora o caráter violento, selvagem, que toma a sua manifestação.

As suas manifestações podem ser julgadas, como a do **Santo** nas **macumbas**, de caráter demoníaco, pois o índio mascarado que representa o **Iuruparí**, ou que lhe serve de **médium**, sai do mato aos pulos e aos gritos, fustigando, rai-voso, o **pagé** e seus outros adoradores, lembrando-lhes, dêsse modo, a severidade de suas leis e o rigor do seu culto. Deve-se lembrar também que essas festas, talvez outrora de caráter mais severo, como é de presumir pelas tradições da **poranduba**, degeneraram em orgias desenfreiadas. O **Iuruparí** dos **Dabucurís**, entretanto, longe de ser tido, pelos seus adoradores, como um espírito maligno, o oposto de um deus bom, é respeitado e cultuado como o espírito protetor da raça, o gênio que os instruiu no princípio dos tempos, que lhes deu novos costumes e preciosos ensinamentos e que vive em contacto permanente com a tribu, para que esta continue a observar a sua lei. Ele está presente nos ritos de iniciação,

nas festas realizadas em sua honra e no som dos instrumentos sagrados, que as mulheres não podem ouvir. A própria flagelação que se verifica durante as festas do Iuruparí ou das cerimônias de iniciação, em que os mancebos passam à maioridade, não diferem muito das penitências com que os místicos das grandes religiões procuram tornar-se dignos da divina graça ou da sua possessão pela divindade.

No fundo é o mesmo anseio de ser possuído pela divina alucinação, realizar a incorporação momentânea do deus, do espírito ou do santo, para que êle se manifeste através da natureza humana. O sacrifício corporal, como a flagelação e o jejum — também instituído pelo Iuruparí — é um ato de magia para atrair o deus ou o Grande Antepassado, como é, também, o símbolo exterior da entrega da vontade do crente a uma sobrenatural vontade superior.

Não há muito o sr. Lima Figueiredo, escrevendo para a "Revista da Semana" sobre os **uaupés**, mencionava a observação feita pelo coronel Boanerges a respeito de feixes de açoitos presos ao teto das choças dêsses índios.

Diz o citado autor, a respeito do uso dêsses açoitos: "Todos se sujeitam ao sacrifício do **adabi**; até as mulheres, que apresentam fortes lanhos no busto.

"Era interessante sabermos porque os índios fazem uso de tão bárbaro costume. A nossa curiosidade foi em parte satisfeita. Dizem uns índios que se sujeitam à surra para adquirir a virtude e o poder de Juruparí, o deus da floresta. Outros arengam que o sacrifício é um legado de honra que receberam de seus antepassados, uma penitência que Juruparí exige de seus adeptos".

Esse costume bárbaro da flagelação, inspirado pelo anseio de adquirir as virtudes de um deus ou de se tornar a êle agradável pelo sofrimento, não nos autoriza a que se julguem os pobres índios que o adotam adoradores de uma entidade demoníaca. Se assim fôsse, todos os deuses das diversas religiões do mundo deveriam passar à categoria de demônios, pois que a flagelação é um prática religiosa universal. A mística cristã está repleta de exemplos não só de auto-flagelação praticadas na solidão das celas ou dos eremitérios, mas,

também, da pública, nas ruas e nas igrejas. Bastará mencionar o que viu na Espanha, a êsse respeito, a condessa d'Aulnoy em 1685, que descreveu, em sua obra **Relation du Voyage d'Espagne**, cenas de mahoquismo religioso que nada ficam a dever às que se podem observar entre os índios que guardam a tradição do Iuruparí.

Se essas cenas descritas pela condessa d'Aulnoy, como as que observou Joseph Townsend e as que, tratando da mística cristã, relatam inúmeros outros autores, fôsem observadas entre povos selvagens, seriam classificadas como práticas bárbaras próprias de um culto demoníaco.

Foi esta a interpretação dada ao culto do Iuruparí pelos primeiros cronistas e os religiosos que escreveram sobre as crenças dos nossos índios.

O QUE FECHA A BÔCA

Pelo que acabamos de expôr vemos que o culto do Iuruparí não consiste apenas em manter viva na memória da tribo a lembrança do Filho do Sol, que apareceu, segundo a poranduba, num passado remoto, em forma humana, como chefe e profeta, para transmitir aos homens a vontade de seu Pai.

Iuruparí ou Izí é um Grande Espírito — não o Ser Supremo, um deus celeste ou Criador — que acompanha a raça. Ele ainda vive entre os homens, invisível presença que se manifesta durante as cerimônias ritualistas que o evocam, potência misteriosa que guarda a lei e atinge com seu tremendo castigo os que a infringem ou desrespeitam. É por essa supersticiosa convicção da presença do Iuruparí que as mulheres acreditam cegamente que serão mortas se se atreverem a ir espreitar os ritos que lhes são vedados, virem ou simplesmente ouvirem os instrumentos sagrados que, desde tempos imemoriais, Iuruparí deu a seus adoradores. A morte não colherá apenas a mulher que descobrir os segredos do Iuruparí, mas também ao iniciado que os revelar. Os próprios instrumentos dêsse deus selvagem não podem ser vistos pelos que não tiverem atravessado as duras provas da iniciação. É tão severa a lei, que o pai dará morte ao próprio filho que tiver desvendado o segrêdo tremendo e traído, assim, os mandamentos do Filho do Sol.

Parece-nos que independentemente da crença do tapúio, que identifica o Iuruparí com o pesadelo ou, como se expressa Couto de Magalhães, com “um ente que de noite cerra a gar-

ganta da criança ou mesmo dos homens, para trazer-lhes aflição ou maus sonhos”, a palavra Iuruparí pode ser interpretada como querendo significar “aquele que fecha a bôca”.

O autor de “O Selvagem” deu ao nome do herói-deus indígena o significado de “mão sôbre a bôca” ou, ao pé da letra, **mão-bôca-sôbre**. Inegavelmente esta interpretação, em seu significado, corresponde mais à tradição do que a de Batista Caetano, que traduziu **i-ur-upa-rí**, como significando “o que vem à nossa rêde”.

A tradução exata, porém, não é nem a de Batista Caetano nem a que dá, aproximadamente, Couto de Magalhães.

Batista Caetano deixou-se impressionar pelas crendices do caboclo amazonense e adulterou o sentido do vocábulo **nheêngatú** para adaptá-lo a essas crendices em que o mito é inteiramente desfigurado.

Quanto ao erudito Couto de Magalhães, embora seus conhecimentos da língua geral dos nossos índios, não reparou que na composição do vocábulo **iuru-parí** não entram nem o substantivo **pô** ou **pu-mão**, nem a preposição **arupi** ou **iarupi-sôbre**.

Entretanto, o vocábulo Iuruparí ou Juruparí, como escrevem vários autores, corresponderá ao exato significado das palavras que o compõem e ao sentido da tradição, se lhe dermos a tradução de **bôca fechada**; de **iurú**, bôca e **parí**, tapume de varas com que, na Amazônia, se fecha a bôca dos igarapés para reter o peixe. ⁽¹⁾

Logo, o sentido é claro: **Iuru-parí** — bôca fechada. Este sentido está de acôrdo com a tradição mitológica, pois que,

(1) A respeito da palavra **parí**, diz o seguinte Raimundo de Moraes em **O meu dicionário das cousas da Amazônia**: “**Parí**, pano de talas e varas com que se constrói o **cacurí**, que é uma espécie de tapagem armada nas praias e onde o peixe que desce ou sobe a margem esbarra, resvala, procurando o fundo e cai logo no saco”.

O Conde Stradelli, descreve assim o **parí**: “Gradeado feito de fascias de madeira, de preferência de espiques de palmeira paxiuba, amarradas com cipó, com que barram a bôca dos lagos ou dos igarapés para impedir a saída do peixe, ou com que constróem os currais ou **cacurís**”.

efetivamente, Iuruparí é o que fecha a bôca, o que véda de revelar os segredos do seu culto.

Tanto é assim que na iniciação dos rapazes ou **Camuano nindé**, realizada pelas tribus **uananas** e por quantas cultuam o Iuruparí, o pagé, entre as muitas recomendações que faz ao iniciado, insiste principalmente no segrêdo que deve manter e, o saber calar, é uma das maiores virtudes que se lhe exige. Durante a iniciação, enquanto no ar se agita o **adabi**, e o **maracá** marca o ritmo da **poracé**, os velhos entôam o canto ao Sol, à Lua e ao Sete-Estrelo, pedindo que concedam aos rapazes que estão penetrando nos segredos do Iuruparí, a virtude, entre outras, de calar sôbre o que estão vendo e ouvindo.

Diz assim o canto:

“Sol, faz valente seus corações!

“Lua, adoça suas falas!,

“Sete-Estrelo, ensina-os a fugir

“De um dia contar tudo”.

É bem, portanto, Iuruparí, aquele que “fecha a bôca” e, nesse sentido, parece-me que deve ser interpretado o nome do mito ameraba e não por ser uma entidade que vai tolher a respiração ao caboclo adormecido, uma representação do pesadelo ou algo de semelhante ao “diabinho de mão furada”, figura do folclore luso, transplantada para o Brasil e objeto da credice supersticiosa dos nossos matutos.

IURUPARÍ MAAIÚA

Iuruparí, como vimos, nada tem da natureza demoníaca que lhe tem sido atribuída. É possível, entretanto, que entre algumas tribus que não guardaram em sua forma originária a tradição do Iuruparí, o mito do herói civilizador, que passou a ser o gênio da raça, o seu protetor invisível e seu guia, se tenha identificado a seres obscuros emersos do terror cósmico e que, mais do que demônios no sentido que sua concepção tem na teologia cristã, são representações de forças da natureza. Essas forças o índio as teme, não porque as julgue opostas a algum princípio elevado do bem e votadas ao mal, mas porque não as pode explicar e dominar e são a própria expressão do vago temor, do mistério e do assombro em que seu ser se abisma.

Os seres que passam a viver no seu mundo subjetivo, fantasmas, duêndes da sua imaginação infantil e desordenada, formas imprecisas da sua perpétua fascinação, nada mais são do que expressões exaltadas que florescem do seu próprio espanto e deslumbramento, que nascem do mundo brumoso do seu inconciente e influenciam, envolvem na sua magia e no seu mistério tôdas as idéias, concepções ou crenças que uma cultura mais elevada ou diversa pode trazer a um ambiente primitivo. Assim o mito ou a tradição de um certo círculo de cultura pode passar a um meio cultural diferente e deformar-se, até seus elementos originais se misturarem com outros de tal modo que, na fusão realizada, se tornam dificilmente reconhecíveis. Sobrevivendo, embora, nos ambientes novos e sob a influência de outras culturas, os mitos perdem seu caráter primitivo, se transformam e fundem, muitas vezes,

num vago terror, que era desordenado e impreciso, mas que se objetivou ao entrar em contacto com uma forma mítica importada.

Dêste modo, o mito do Iuruparí — antigo herói civilizador na tradição de um vasto grupo de nações indígenas, o espírito guia da raça, uma força sobrenatural representada num ser superior, capaz, em certos momentos, pelo sortilégio do ritual e da penitência, de tornar mais real, mais objetiva a sua presença — passou a ser uma potência mágica, desordenada e obscura para outros grupos indígenas que o assimilaram aos seus fantasmas e às formas dessa alucinação primitiva que vem do terror cósmico, imaginoso e inconciente. Isto explicaria o fato curioso de encontrarmos no folclore amazonense o Iuruparí imaginado como uma entidade vaga, intangível, que atua sobre o pensamento, povoa o sono de terrores e imagens apavorantes e também como um espírito perverso, que se encarna em todas as formas da natureza e é a própria expressão da força mágica que domina, na assombrada imaginação do índio, o ambiente misterioso e agressivo da floresta.

Iuruparí ou Izí, segundo a tradição dos *tarianas*, foi denominado **Bocan** — coração mau — e se tornou, para os que seguem suas leis, um gênio temível e portentoso. Imaginado assim, é possível que nêle algumas tribus, que o concebiam como um ser mau, tenham encarnado seus próprios terrores, suas allucinações, seus fantasmas, transformando o Filho do Sol num potência mágica, sem forma definida, mas capaz de assombrar a floresta com a sua presença invisível e de se manifestar através de todas as forças misteriosas da natureza.

Como tal aparece Iuruparí numa interessante lenda colhida por Antônio Brandão de Amorim entre os índios **barés**. ⁽¹⁾ Nessa lenda conta-se que Iuruparí diz de si mesmo:

⁽¹⁾ **Lendas em Nheêngatú e Português** — Em “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, págs. 131 a 147 — tomo 100, vol. 154 — 1928.

“Eu sou terrível, sou *maaiua*, ⁽²⁾ feitiço, frecha, raio, ninguém brinca de mim”. Entretanto, embora com o caráter de uma potência mágica temível, não se poderia identificá-lo a uma entidade demoníaca, a um ser como o Anhãnga, por exemplo, ou o Supai dos quichúas.

É mau somente para os que não seguem seus mandamentos, para os que lhe desobedecem. Vêmo-lo, na referida lenda, enfurecer-se com crianças que lhe desobedeceram e gritar-lhes: “Vocês parecem surdos, não escutam conselhos de ninguém”.

Na referida lenda baré o Iuruparí toma diversas formas para castigar as crianças que o ensaruraram, ⁽³⁾ fazendo o que o gênio da mata lhes proibira. Transformado numa espécie de Protêo, assume aspectos terríveis, como se fôra uma força caprichosa da natureza de multiformes manifestações. Não faz o mal pelo prazer de ser mau, castiga apenas aos que desobedecem suas prescrições.

A meu ver, essa concepção baré do Iuruparí pode ter surgido da fusão de velhas crenças desses índios, de um fundo mágico animista, com a tradição de herói lendário, provavelmente recebida de outras tribus. É uma suposição, mas que me parece plausível, em vista do caráter que na lenda referida toma o mito do Iuruparí.

Em outras lendas, colhidas em diversos pontos da mesopotâmia amazônica, Iuruparí aparece como um gênio temível da mata, comumente perverso, em que parece se confundirem os caracteres de outros mitos, como os do Anhãnga, o Curupira e o Mappinguarí. Suas façanhas poderiam ser indistintamente atribuídas a um e outro mito.

Temos um exemplo dessa fusão ou confusão de tradições mitológicas na lenda do homem que foi caçar e matou a própria mãe, que o Anhãnga transformara em veada para punir

(2) *Maá-aiua* — coisa ruim.

(3) *Sarná* — Mal que se pode produzir, mesmo de longe, mediante um ato qualquer, voluntário ou não e que é esperado como consequência natural desse próprio ato.

a perversidade do caçador. Essa façanha, na versão colhida por Couto de Magalhães é atribuída ao Anhãnga. Entretanto Barbosa Rodrigues a refere ao Iuruparí.

A meu ver, certa é a versão de Couto de Magalhães, porque o veado fantasma, provavelmente sobrevivência totêmica, se refere ao Anhãnga e não ao Iuruparí. Não só no Norte, mas também no Sul, entre as tribus guaranís, é o Anhãnga que aparece na forma de um veado, como na formosa lenda de Ponaim, em que se conta de um veado maravilhoso, que luzia ao sol como se fôra de ouro, e levou à perdição o jovem guerreiro que o perseguia, espôso da bela cunhã selvagem. Êsse veado era, como na lenda tapajoára colhida por Barbosa Rodrigues e Couto de Magalhães, o traíçoeiro Anhãnga.

Noutra lenda, a do Merereua Iuruparí ou Iuruparí tinha-se, o mito se identifica a um desses monstros comuns no folclore de todos os povos que, como os Ogros das lendas medievais, o **Mapinguarí** amazonense e o **Quibungo** do folclore afro-brasileiro da Baía, comem gente.

Como vemos, o mito do Iuruparí, ao difundir-se, desfigurou-se e recebido por tribus diversas, foi assimilado a vários gênios ou concepções mitológicas emersas da emotividade assombrada da alma primitiva.

Originariamente, porém, a tradição do Iuruparí nada tem que ver com êsses fantasmas, duêndes, gênios temíveis que surgiram do assombro da alma selvagem. Essa tradição diz respeito apenas ao aparecimento de um herói civilizador, o Coarací Raira — Filho do Sol.

O MITO DE PORONOMINARE

Pelo estudo da poranduba amazonense vemos que a tradição do Iuruparí se difundiu no meio de várias tribus através de versões diversas.

É mesmo de crer que alguns fragmentos da tradição se tenham enxertado na história de outros heróis lendários daquela confusa e entretanto fascinante mitologia selvagem. Aquí e alí, nos contos sugestivos que formam o tesouro de lendas dos nossos íncolas do Setentrião, um e outro personagem aponta que parece apenas uma transfiguração do mito do Iuruparí.

Como tal aflora entre os mitos amazônicos a figura sugestiva, imersa numa atmosfera de admirável lirismo místico, de Poronominare.

Conta a tradição que Iuruparí nasceu de uma virgem fecundada pelo suco de uma fruta selvagem. Iuruparí era o próprio Filho do Sol, que segundo outra versão desceu do céu envolto numa nuvem de fumaça. Como enviado celeste, nascido de uma virgem que, no dizer da poranduba, era a própria encarnação do espírito divino de Ceuci, ⁽¹⁾ filha de Iuacaci, ⁽²⁾ Iuruparí era um ser sobrehumano que como Poronominare — o mito dos índios **barés**, ⁽³⁾ bem poderia ser chamado o “dono da terra”, pois que por ordem dêle os homens

⁽¹⁾ **Cenci** — As Pléiades.

⁽²⁾ **Iuacaci** — Mãe do céu.

⁽³⁾ **Barés** — Tribu que viveu no local em que agora se ergue a cidade de Manáus. Porisso ainda hoje se costuma chamar os habitantes de Manáus de povo **baré**.

receberam a dádiva do fogo e êle mesmo estabeleceu o império das leis que, por todos os tempos, deviam orientar a sua conduta.

Com o caráter maravilhoso de semelhante enviado celestial se identifica Poronominare, apenas com a diferença que Iuruparí nasceu de uma virgem em quem se encarnara o espírito das Pléiades, enquanto que a mãe de Poronominare foi fecundada por uma figura misteriosa que desceu da Lua.

Numa como noutra versão, porém, o herói figura como de origem celeste.

Segundo a lenda dos índios *barés*, a filha de um velho pagé, inquieta com a demora de seu pai, que fôra pescar, saíu à sua procura, pela beira do rio, perto da cachoeira do Bubure.

Surpreendida pela noite, sentou-se no chão e fitou seus olhos na lua, que vinha subindo, facelra, pelo céu. A luz de Jací, dando-lhe nos olhos, fê-la adormecer. No sono grande que a tomou a virgem selvagem viu que um vulto vinha descendo para ela, e no meio da noite a morena cunhantã sonhou que “o dono de tôdas as coisas” entrara no seu ventre.

“Corpo dêle era claro e a sombra do dia nêle aparecia de um para outro lado”.

Quando a moça acordou, “o dia já vinha avermelhando e havia barulho n’água”.

“Olhou, contam, para todos os lados, conheceu que a água estava crescendo, que ela mesma estava para ir ao fundo.

“Viu para baixo uma ilha, nadou para lá. Quando já queria chegar um peixe mordeu sua barriga, tirou dela alguma coisa.

“Já em terra, contam, sentiu sua barriga rasgada, meteu dentro a mão, não sentiu nada”.

A lenda, segundo a versão traduzida por Brandão de Amorim, continua contando várias aventuras da moça, até ser encontrada por seu pai, com o ventre já grande.

Vencida de cansaço pelos dias de privação que passara, a moça mergulhou em sono grande.

Ao acordar com o sol do dia seguinte, contou:

— “Paíca, sonhei porção de coisas bonitas, são mesmo bonitas, vou contá-las para ti.

“Sonhei que êste filho que tenho dentro de mim eu o tive em cima duma serra grande.

“Corpo dêle era transparente, preto seu cabelo, veio falando.

“Quando eu o tive os animais vieram para junto dêle alegrá-lo.

“Anoiteceu, meu filho tinha fome, meus peitos estavam secos, êle chorava.

“Nesse momento um bando de beija-flores, com outro bando de borboletas trouxeram mel de flor, deram para êle.

“Êle calou-se logo, seu rosto alegrou-se, os animais o lambiam de alegria.

“Como estava cansada deitei meu filho perto de mim, dormí.

“Quando acordei no outro dia, meu filho estava longe de mim no comprimento de uma frecha.

“Quis ir para junto dêle, os animais não me deixaram passar, gritei por meu filho.

“Aí niesmo então vi o bando das borboletas suspendê-lo no ar, vir para meu lado.

“Quando chegaram junto de mim peguei nêle, sôbre mim pousaram as borboletas.

“Nesse momento os animais me cercaram, puseram-se em pé encostados em mim para lambê-lo.

“Eu sentí ciúmes de meu filho, levantei-o na altura da minha cabeça, o pêso dos animais me derrubou, meu filho ficou suspenso nas asas das borboletas.

“Aquí eu acordei, ainda julguei verdadeiro meu sonho, olhei para tôda parte para procurar meu filho.

“Já depois êle buliu dentro de mim, lembrei-me então de tudo”.

.....

O velho depois de ouvir o sonho de sua filha foi sondar por meio da sua pajécagem.

Ele viu que aquele seu neto que ainda estava dentro de sua filha era o dono da terra.

“Essa noite era para sua filha tê-lo.

“Depois de sondar veio para casa, a noite escondeu a terra.

“Sono grande agarrou-se nêle, êle dormiu.

“Pelo meio da noite, contam, todo animal da terra acordou alegre, em sua alegria cantavam bonito.

“Barulho de vento também se ouvia pelo céu.

“Eram, contam, pássaros que andavam procurando aquele que tinha nascido.

“Já de manhã cedo, contam, o velho acordou-se espantado de ouvir barulho grande, perguntou aos animais:

— “Quê então se passa no meio de nós?

“Todos responderam:

“Nasceu Poronominare, dono da terra, dono do céu.

— “Onde?

— “Em cima da Serra do Jacamim.

“Imediatamente, contam, o velho partiu para a Serra do Jacamim, quando chegou no tronco não pôde subir porque porção de animais estavam por lá.

“Ele virou-se, contam, jacuruarú, subiu.

“Poronominare estava sentado no cimo da serra com uma sarabatana na mão.

“Estava dividindo a terra, mostrando a cada animal o seu lugar.

“Assim, contam, anoiteceu, quando o outro dia apareceu tudo estava calado na Serra do Jacamim, sòmente a figura dum jacuruarú grande estava encostada na pedra.

“Longe, para o lado em que o Sol se deita, a gente ouvia a cantiga da mãe de Poronominare.

“Era ela, contam, que cantava enquanto as borboletas a iam levando para o céu”.

A RAÇA DOS JACAMINS

Poucas lendas em tórno de figuras míticas de heróis civilizadores ou enviados celestes têm a expressão de límpido lirismo que torna tão sugestiva a história do nascimento de Poronominare. Essa lenda tem um fundo de tão límpida poesia que por vezes se aproxima à doçura com que os livros antigos da Índia relatam o aparecimento de Sri Crishna ou com que os Evangelhos contam do nascimento de Jesús, também, como Poronominare, “dono da terra, dono do céu”.

Poder-se-á, entretanto, identificar Poronominare com Iuruparí, o Filho do Sol?

Extremamente difícil parece-me determinar de que remotas tradições surgiu o mito de Poronominare na sua personificação de herói civilizador, “dono da terra e do céu”. É bem possível, entretanto, que a essa figura mítica tenham aderido elementos da lenda de Iuruparí, contada por diversas tribus de maneira diferente.

Vários detalhes da lenda de Poronominare levam-me a formular essa suposição, visto os mesmos coincidirem com os das diversas versões da tradição de Iuruparí.

Já vimos que ambos os heróis, Iuruparí e Poronominare nasceram de uma virgem.

Lembro mais êsse detalhe: — A mãe de Poronominare, ao nadar para salvar-se da inundação que a ameaçava foi atacada por um peixe que lhe rasgou a barriga. Ora, êsse detalhe é semelhante ao que se refere ao nascimento de Izí, ou Iuruparí, de acôrdo com a versão dos índios **tucanos**. Segundo a lenda de Izí entre os **tucanos** — que é uma variante da tradição guardada pelos **tarianas** — uma moça, após tomar a

ipadú com os velhos da tribu, ficou grávida, sem ter tido relações com homem algum. Depois disso, atravessando, um dia, para o outro lado do rio, uma traíra mordeu-lhe a barriga e então nasceu o filho. Esse era Izí, o Filho do Sol, que outros chamaram Iuruparí, Bocan e Maasanqueró. Apareceu pondo fogo pela cabeça, pelas mãos e pelo corpo, fazendo barulho com a cara coberta.

Outro detalhe importante da lenda de Poronominare é o que se refere ao lugar em que este apareceu para dividir a terra.

Esse lugar era a Serra do Jacamim.

Os Jacamins têm um papel importantíssimo na tradição de Izí, esparsa entre várias tribus do rio Uaupés e colhida por Barbosa Rodrigues.

Segundo essa tradição, Izí era descendente da raça dos Jacamins.

Em resumo, a lenda é a seguinte:

No comêço do mundo havia um povo que tinha as donzelas fechadas numa espécie de convento. Uma delas, Dinarí, fugiu procurando marido.

Na sua fuga encontrou-se, certa manhã, com o filho do chefe de outro povo que dela se apaixonou. Resolvido a casar-se com a fugitiva ia, acompanhado de seus guerreiros, levando-a para casa de seu pai, quando, ao chegarem à margem de um rio, todos se banharam nas suas águas. Ao saírem do rio, Dinarí e os que a acompanhavam estavam transformados em Jacamins. ⁽¹⁾

Passadas nove luas, achando-se Dinarí de barriga crescida, pediu ao marido que lhe restituísse, antes de dar à luz, a sua forma humana.

Voltando à sua forma humana, Dinarí teve duas crianças extraordinárias, sendo uma menina e um menino.

(1) **Jacamim** (Psophia) — Pássaro muito bonito da ordem dos gruíformes, que figura entre os domesticáveis da Amazônia. Existem, segundo Ihering e Goeldi, 6 espécies na região amazônica. Costumam andar em bando.

A menina era Ceucí, o Sete-Estrela, pois tinha a cabeça coroada com uma grinalda de sete estrêlas. O menino ostentava uma faixa de estrêlas em tórno do corpo, em forma de cobra. ⁽²⁾

A lenda passa a relatar como as crianças, mais tarde, ignorando sua origem, mataram diversos jacamins e, dentre êles, seu próprio pai. ⁽³⁾

Depois disso seguem-se peregrinações de Dinarí com seus filhos, até que aquela desaparece e o rapaz, não querendo que sua irmã se casasse, levou-a para o céu, onde ficou Ceucí, a constelação das Pléíades.

Feito isto, o rapaz voltou à terra e, reunida grande multidão, enviou gente por diversas direções com a incumbência de encontrarem sua mãe que havia desaparecido.

Seguiram para cada direção cinco casais com a ordem de não voltarem senão depois de terem encontrado Dinarí ou de terem chegado aos limites da terra, onde se assenta a abóbada celeste.

O filho de Dinarí, Pinon — O Cobra Grande — também empreendeu longa viagem à procura de sua mãe. Quando voltou numerosas tribus estavam formadas e numa das aldeias um pagé disse a Pinon que sua mãe, transformada em peixe, ⁽⁴⁾ se encontrava dentro de um lago situado sôbre uma montanha próxima ao céu.

Perguntando-lhe Pinon como poderia chegar lá, respondeu o pagé que só iniciando-se em seus mistérios.

Assim Pinon, se iniciou naqueles antigos mistérios e iniciou a outros que também se tornaram pagés. Izí ou Iuruparí era descendente de Pinon, o qual, depois de morto, foi

⁽²⁾ A constelação chamada **Serpentário**.

⁽³⁾ Na minha opinião faz-se nessa lenda referência a um povo de cultura totêmica, que tinha o jacamim por totem, como outros tinham a cobra, a anta, etc.

⁽⁴⁾ Chamo a atenção do leitor para o mito peixiforme do qual já tratamos a respeito das formas do Muiraquitã. Como se vê, também aqui a mãe primitiva tem forma de peixe.

viver no reino do Sol, entre as estrêlas. É a constelação da Serpente ou Serpentário, a Cobra Grande do céu, mencionada em outras curiosas lendas amazônicas.

Vemos, pois, que o detalhe a que nos referimos relativo à Serra do Jacamim, onde Poronominare dividiu a terra, relaciona de modo evidente êsse mito dos barés ao Iuruparí ou Izí da lenda tariana. E se considerarmos que Pinon também dividiu a terra, afim-de enviar gente nas suas diversas direções, ressaltará mais evidente a filiação de um a outro mito.

O APARECIMENTO DO FILHO DO SOL

Relativamente ao nascimento ou aparecimento do Filho do Sol, as versões variam de uma a outra tribu.

Já nos referimos à versão **dacé** ou dos índios **tucanos**.

Muito diversa é outra versão contida na coletânea de “Lendas em Nheêngatú e Português” de Brandão de Amorim.

Segundo essa versão, o fogo foi uma dádiva feita aos homens pelo Sol, o qual, depois de lhe dar êsse bem inestimável, lhes enviou seu próprio Filho para reformar os costumes e lhes ensinar as novas leis como o culto do Iuruparí.

Um dia, contam, apareceu no meio do rio um rapaz maravilhoso que trouxe a **Mãe do quente** — o fogo — e lhes anunciou a vinda do Filho do Sol.

Reünindo a tribu, assim falou o moço:

— “O Sol, dono dêsse fogo que agora mesmo deixei nas mãos de vocês, mandou mudar os costumes de tôdas as gentes da terra por costumes novos.

“Nesta Lua Nova aparecerá no meio de nós quem terá de mostrar a vontade do Sol. Como só os homens é que têm de saber da vontade do Sol, é bom mandar ainda as mulheres para a cidade, para cuidarem do fogo para êle não desaparecer”.

Na véspera do grande dia, o moço chamou o tuchaua da tribu e lhe anunciou:

— “Amanhã, quando o dia se sumir, há de chegar o Filho do Sol, é êle quem traz os Costumes Novos. Êle há de vir com fumaça do céu, descera mesmo nesta ilha, onde eu fiz aparecer o fogo”.

.....
“O outro dia chegou.

“Com a tarde atravessaram todos para essa ilha nova. Quando de noite êles começaram ouvindo longe para as bandas do céu a voz dos instrumentos.

“Bonito, contam, vinha essa voz.

“Essa gente, contam, segurava bem a respiração para ouvir a voz dos instrumentos.

“Daí a bocadinho, contam, êles ouviram já pertinho.

“No meio de um vento grande, contam, vinha o som.

“Daí a bocadinho êles viram vultos descendo.

“Aí, então, contam, aquele moço correu para aquela lage onde o tinham pescado, gritou:

— “Eh!... Eh!... Eh!...

“Depois, guirí!... guirí!... guirí!... soou, abalou a terra de verdade.

“Aí, então, o Filho do Sol desceu com a sombra de sua mãe, junto dêle, aí ficaram calados.

“Daí a bocadinho, contam, todos ouviram uma voz assim dizer:

— “Filhos do Sangue do Céu, o Sol já mandou a vocês o fogo antes de mim! Trago agora os Costumes dêle, para Costumes de vocês homens.

“Todos cuidarão das mulheres para fazer delas gente boa.

“Ela há de ter grande o coração, não será curiosa, saberá guardar segredo, não quererá provar o que não é para ela.

“Amanhã de noite eu mostrarei os instrumentos do Sol que sòmente os homens podem ver. Então direi tudo o que tôda gente tem de fazer.

“Assim sòmente êle disse.

“Todos estavam mudos no meio do silêncio grande. Êles sentiam seu coração amansar-se”.

No dia seguinte o Filho do Sol reapareceu e ensinou os Costumes Novos, dando aos homens os instrumentos do Sol, que seriam usados na festa do Iuruparí, mas que não podiam ser vistos nem ouvidos pelas mulheres. Aquela que os visse ou ouvisse seria morta, assim como seria morto quem contasse às mulheres os segredos do Iuruparí, Coarací Raíra.

*

* *

Esta versão que faz do Filho do Sol um enviado celeste, difere das que colheram outros investigadores da nossa mitologia selvagem, em que o mítico herói ameríndio aparece como nascido de uma virgem, dotado de poderes mágicos extraordinários e incumbidos de uma grande missão de profeta e legislador.

Algumas versões são concordes em dar Iurupari como filho de uma virgem fecundada pelo suco de uma fruta do mato, *purumá*, que as impuberes não podem comer, ou *uacú*.

A moça comeu, contam, a fruta do mato e o caldo foi escorrendo pelo corpo nú até chegar ao “caminho das crianças”, fecundando-a.

Segundo a tradição dos tarianas do rio Uaupés, em tempos remotos apareceu no rio Ucaiari uma horda de mulheres acompanhadas de alguns velhos impotentes.

Impossibilitadas de terem filhos, essas mulheres andavam tristes. Ao se banharem, porém, certo dia, no lago, foram fecundadas pela Cobra Grande.

Dessas mulheres nasceram muitas crianças e dentre estas uma menina mais linda que as outras, que, ao crescer, se tornou mais bonita ainda.

Tornada moça foi um dia para o mato e comeu fruta de *uacú*. Depois disso sua barriga cresceu e ao cabo de nove luas teve um filho. Este era Izí, o Filho do Sol, que, tornado adulto, saíu a ensinar entre os homens os Costumes Novos.

Uma variante da lenda diz que a mãe de Izí era uma moça virgem, na qual se encarnara, expulsando-lhe a alma, o espírito de Ceucí. Depois de realizar vários prodígios em virtude dos poderes sobrenaturais que lhe vinham de Ceucí, a moça foi fecundada pelo suco de uma fruta.

Os velhos da tribo queriam matar a pobre cunhantã, que também ignorava o mistério da sua gravidez. Tendo, porém, o pagé declarado a inocência da moça, foi ela desterrada para o cimo de uma serra.

Alí, dentro de uma caverna, nasceu a criança maravilhosa que devia fundar um novo culto e tornar-se chefe e divino guia da sua raça.

Contam os **tarianas** que o povo em que Iuruparí nasceu era governado pelas mulheres. Com o aparecimento dêsse grande chefe e a instituição, por êle, de Costumes Novos, o domínio e a direção do culto passou para as mãos dos homens.

*

* *

A tradição do Iuruparí, que acabamos de resumir, em largos traços e que, a nosso ver, bem pode prender-se a algum fato histórico que se perde num passado remoto, nos vem revelar, através do poético tecido das lendas, os contôrnos imprecisos, mas expressivos, de uma luta que possivelmente se verificou em época distante entre duas diversas organizações sociais, dois cultos talvez, costumes, crenças e leis diferentes. E quem sabe se não foi Iuruparí o chefe vitorioso de um movimento revolucionário contra um regime matriarcal ou contra o domínio das mulheres no país que era por elas governado?

De fato as tradições dos índios que seguem as leis de Iuruparí se referem a uma tribo que, em tempos remotos, apareceu no rio Ucaiari governada por mulheres, pois que uma epidemia havia abatido todos os homens, salvando-se apenas, além das mulheres, alguns velhos e um pagé.

Lenda semelhante é a de Pai-Tunaré, segundo a qual a serra de Paituna foi habitada, em tempos antigos, por uma horda de mulheres que haviam conservado comsigo apenas um ancião.

Teria sido essa tribo, na qual Iuruparí apareceu, o reino governado pelas mulheres?

O culto instituído por Iuruparí, de caráter esotérico, radicava-se numa mitologia solar, provavelmente contrária a das mulheres, adoradoras da Lua, que, segundo a tradição, governavam no tempo em que apareceu Iuruparí. Êste, embora tido como o Filho do Sol, não teria sido, segundo relatam as lendas publicadas por Barbosa Rodrigues e pelo conde Stradelli, senão um iniciado nos Mistérios do Sol, que exis-

tiam antes dêle e nos quais se iniciara seu antepassado Pinon que, por sua vez, recebera a iniciação de um velho pagé.

A tradição a que se refere Barbosa Rodrigues é clara a êsse respeito, pois diz ela que o pagé encontrado por Pinon na aldeia de Cadiacurí o iniciou em seus mistérios. “Pinon foi, pois — diz a lenda— o segundo pagé do mundo, e Filho do Sol e da grande Serpente, morrendo no mesmo dia em que fecundara as primeiras mães”. Entre estas estava, de acôrdo com essa versão, a mãe de Izí ou Iuruparí.

A lenda dos tarianas, entretanto, diz que Izí depois de nascer se tornou invisível: sua mãe o ouvia chorar, rir, brincar, correr, mas não o via.

Passados vários anos, a maravilhosa criança se fêz homem e então um dia apareceu à sua mãe irradiando fogo das mãos e da cabeça. Quando os pagés o viram, chamaram-no Izí — o que se originou da fruta — e o povo lhe pediu para ser seu chefe.

Êle disse que ainda não tinha a pedra sagrada para ser chefe e que iria buscá-la na serra do Gancho da Lua.

Quererá isto dizer que ainda não estava iniciado e não possuía, portanto, o muiraquitã, a pedra que era um emblema de poder temporal e superioridade espiritual?

Parece que a lenda se refere à iniciação em sentido figurado, pois conta que Izí, depois de receber do Sol um saquinho cheio de coisas encantadas, foi levado por um gavião à serra do Gancho da Lua, onde a Lua estava sentada e lhe disse:

— “Toma a tua pedra, recebe a tua nobreza, que com ela serás chefe do teu povo. Reune a tua gente e faz jejuar, que eu vou te ensinar como hás de governar a tua gente. Aquele que te não obedecer mata”.

Esta é uma das versões da lenda, outra, porém, diz que Izí “tinha recebido das mãos de seu pai, o Sol, tudo quanto era necessário para governar e reformar os costumes”.

O próprio Barbosa Rodrigues, cuja interpretação da aventura de Orellana levou vários autores que escreveram sôbre

coisas amazônicas a negarem a origem indígena da tradição das icamiabas, depois de referir que Izí fôra instruído pelo Sol para governar e reformar os costumes, conta: “Com isso as mulheres, que até então governavam o país, ficaram descontentes, por não serem convidadas”.

Virá da vaga lembrança do tempo em que as mulheres governavam, a tradição das icamiabas?

Parece que não. A república de mulheres, tal como é descrita nas lendas e segundo se pode deduzir do mito de Izí, surgiu depois, daquele grupo de mulheres rebeldes que, habituadas a governar, não quiseram sujeitar-se ao duro jugo das leis impostas por Iuruparí e, por isso, fugiram para ir fundar o reino das cunhãs-teco-imas, isto é, das mulheres sem lei, ou fora das leis do grande legislador ameríndio.

Dai, a meu ver, que as Amazonas brasileiras tenham sido denominadas de “mulheres sem lei”, isto é, cunhãs-teco-imas.

Conta a lenda que, aproveitando-se de uma ocasião em que os homens, conduzidos por Izí, haviam saído para uma festa que se realizava noutra aldeia, as mulheres tomaram conselho entre elas e decidiram “que, como os homens eram ingratos e sem amor, deviam, para não perpetuar mais a raça, matar todos os filhos machos, cortar os cabelos, porque ainda estavam impregnados de beijos ingratos, que depois deviam abandonar o lugar e fugir”. ⁽¹⁾

De fato, conta a lenda, as mulheres fugiram, “deixando-se ir água abaixo, sem destino”.

Depois dêsse acontecimento, a lenda conta que os que haviam sido abandonados pelas mulheres se dispersaram. “Os que foram para o nascente (isto é, descendo o Içana rumo ao rio Negro e neste até dar no Amazonas) encontraram uma tribo de mulheres, governadas por Narúna, a que tinha partido de Tunai”. ⁽²⁾

⁽¹⁾ Barbosa Rodrigues — *O Mulraquitã*, tomo II, pág. 68.

⁽²⁾ Obr. cit., pág. 70.

Que essa tribu governada por Narúna era o reino das mulheres sem lei ou das cunhãs-teco-imas, é a própria lenda que o diz contando que Izí, deixando Tunaí, “em que tudo ficou petrificado para memória”, foi ao encontro da mulheres que viviam sem homens e lhes impôs a sua lei. Conquistado o reino de Narúna, imposta a sua vontade às mulheres que viviam sem leis, continuou sua viagem dirigindo-se para o nascente.

CÍCLOS DE CULTURA PRIMITIVA

Chegamos à parte final do nosso estudo. Como o leitor pôde verificar, o mito das icamiabas nos levou, pela análise de seus vários aspectos, à investigação de todo um interessante ciclo de lendas e tradições que dizem respeito não apenas à mitologia dos nossos índios do Setentrião, mas também a elementos fundamentais da sua peculiar cultura, a certas formas de organização social, a costumes e crenças que, a nosso ver, constituem a estrutura de sociedades primitivas, que não se encontram apenas entre os aborígenes amazonenses, mas também, como é fácil verificar, entre os povos naturais de outras regiões do globo.

O que se depreende do estudo que até aqui fizemos da lenda das icamiabas e das tradições relativas a Izí ou Iuruparí, é que não se pode explicar nenhum mito e nenhuma lenda dos nossos índios sem penetrar na estrutura cultural de cujo conjunto de elementos espirituais e materiais as lendas e os mitos emergiram.

Lendas e mitos constituem a filosofia ingênua, feita de assombro e encantamento, dos povos primitivos, mas constituem também ensaios de uma epopéia selvagem, a sua bíblia e a sua história desfigurada, confusa e nebulosa, penetrada de maravilhoso. Essa história, entretanto, ilógica e fascinante, tecida de absurdos e arroubos líricos, mais do que a recordação dos fatos objetivos, é a evocação de emoções, de terrores, de deslumbramentos que ficaram como o eco de uma harmonia perdida a resoar na alma eternamente infantil e perpétua-mente deslumbrada da raça. Para a alma que ainda não saíu da fase mitológica, o mundo objetivo e o subjetivo se

confundem e interpenetram num mixto de realidade e sonho, em que não existe a sucessão lógica das causas e dos efeitos nem o conceito de tempo, a que se subordina a concepção do desenvolvimento histórico para o homem civilizado. Sua maneira de pensar, como já acentuou Spengler, não pode ser senão mítica. Daí não se poderem separar as lendas e os mitos do clima espiritual em que a alma primária vive e da própria organização da sociedade em que as criações mitológicas se formaram e existem.

Não podíamos, porisso, compreender o mito das icamias ou da formação do reino das cunhãs-teco-imas sem lhe buscar as raízes profundas e remotas na sociedade primitiva, de organização matriarcal, em que apareceu o legislador ou herói civilizador que as tribus amazonenses denominaram Iuruparí e cultuam como o Filho do Sol.

Examinado o ambiente cultural e de onde, segundo a tradição, teriam saído as cunhãs-teco-imas, ou aquelas mulheres que, fugindo às imposições de Iuruparí, foram formar uma povoação à parte, verificaremos que o fato — que originou a lenda — nada tem de extraordinário e é perfeitamente possível dentro de uma sociedade primitiva, subvertida, como conta a poranduba, em sua estrutura matriarcal, pelo advento de um Reformador, que instituiu novas leis e costumes novos, lançando assim os fundamentos sociais-religiosos de uma organização diversa da que, até então, existira.

Sabemos que os etnólogos modernos — Graebner, Montandon, Schmidt, Koppers, Foy, Ankermann, Frobenius entre outros — dividem as culturas primitivas em vários conjuntos patrimoniais ou ciclos culturais. Essas culturas, formadas por conjuntos de elementos materiais e espirituais que não podem ser separados uns dos outros, não estão adstritos a um ou outro território apenas, mas se encontram esparsos em áreas geográficas de vários pontos do globo, sem comunicação alguma entre si.

Se certas estruturas culturais primitivas se correspondem quanto ao seu conteúdo, não se correspondem, em muitos casos, quanto à sua localização no espaço. Se, por exemplo,

tomarmos em consideração o conteúdo patrimonial do ciclo de cultura chamado de Bumerag (arma arrojadiza encurvada que volta ao ponto de onde é lançada), verificaremos que seus elementos fundamentais — economia, mitos, culto, técnica artística, forma de choça, instrumentos, armas, objetos de adorno, formas de sepélio, estrutura social — se encontram esparsos em áreas muito distantes umas das outras. Assim encontramos os caracteres da chamada cultura do Bumerag, tipicamente australiana, entre as tribus do Sul da Austrália, em vários grupos de ilhas da Oceania — Fiji, Nova Caledonia, Salomão, Havaii, Nova Zelândia, etc. — Sul-Este da África, Sudão central e cabeceiras do Nilo, entre tribus da Califórnia, na Amazônia e outras regiões da América do Sul.

Notou-se também que o chamado ciclo cultural das máscaras, ⁽¹⁾ cuja economia é de tendência agrícola e a sociedade não raro de estrutura matriarcal ou transição para o patriarcado, se encontra situado em vários sectores da Oceania, da Indonésia, Polinésia, África, Austrália e América, inclusive a Amazônia.

Esse conjunto cultural se distingue, como dissemos, por uma economia agrícola confiada às mulheres, por uma organização totêmica de base exogâmica em que as mulheres gosam de elevada posição, por certas formas peculiares de armas e utensílios, desenvolvimento da técnica dos trançados (cestas e rêdes) e da arte figulina e determinadas formas de culto em que tem grande importância, afora o culto dos mortos e evocação dos espíritos, os ritos de iniciação das donzelas e dos rapazes, as sociedades secretas masculinas e as dansas religiosas com máscaras, onde se tocam instrumentos sagrados que as mulheres não podem ver ou ouvir e que, após a cerimônia, são cuidadosamente escondidos.

Essas formas de culto, em parte são inspiradas — como

⁽¹⁾ Chama-se assim por serem comuns entre as tribus desse ciclo as dansas rituais e cerimônias de iniciação em que seus participantes usam máscaras com configurações de animais, humanas ou de monstros fantásticos.

os ritos das sociedades esotéricas masculinas — na necessidade que os homens têm de se congregarem para opôr uma resistência ao crescente prestígio da mulher. Em parte também se inspiram na crença de que as almas dos mortos continuam vivendo no meio da tribo, invisíveis embora, com a mesma forma, as mesmas faculdades que tinha a pessoa quando pertencia à vida objetiva.

É crença desses povos que a alma se separa do corpo temporariamente, durante o sono, sendo a morte a separação definitiva.

Nas dansas mascaradas, como as que realizam os índios que cultuam o Iuruparí e várias tribus da Melanésia, Ceilão, Austrália, Nova Guinéia, Congo e outros sectores de cultura primitiva, os dansarinos se tornam médiuns dos espíritos. Eles são, diz Graebner, “imagens vivas dos espíritos”. Em certos casos, porém, como na Amazônia, entre as tribus que guardam as leis do Iuruparí, o mascarado se torna a imagem do espírito protetor e guia da raça, que foi o grande Antepassado, ou, como no caso de Izí, o legislador, o Filho do Sol.

O culto consiste, pois, na evocação do grande espírito que foi outrora, o Profeta, o Legislador, o Guia espiritual da raça. Essa evocação do Iuruparí se faz, na Amazônia, durante as grandes festas de iniciação, no chamado *dabucurí*. A máscara do Iuruparí — o *pucamucá* ou *macacaraua* — é a própria representação desse gênio selvagem que os bons missionários confundiram com o Diabo.

Quando se encontram, nas sociedades primitivas, como na Amazônia, essas ligas secretas dos homens, é evidente que a tribo, ou está num ciclo cultural mixto, em que as ligas esotéricas lutam contra um matriarcado que vai enfraquecendo ou já entraram numa estrutura patriarcal em que, herança de períodos anteriores, as sociedades secretas existem para, pelo terror religioso e a imposição de severas leis, ser mantido o predomínio dos homens sobre as mulheres.

Vemos aqui nitidamente caracterizadas as duas fases pelas quais passou, segundo os elementos que o ciclo de len-

das do Iuruparí nos fornece, a sociedade primitiva dos índios amazonenses que seguem as leis de Izí. Dêsses índios que receberam de Izí os Costumes Novos, os sagrados instrumentos e o cerimonial das grandes festas da iniciação, teria saído, como rezam as tradições, as mulheres que foram constituir o reino das cunhãs-teco-imas ou das chamadas amazonas brasileiras.

UMA SOCIEDADE MATRIARCAI NAS FLORESTAS AMAZÔNICAS

De fato, na lenda tária de Izí, que já relatámos em suas linhas essenciais, fala-se de uma tribo que era comandada outrora pelas mulheres. Isto é, a tribo, cuja economia tinha, pelo menos em grande parte, sua base no trabalho agrícola feminino, dera margem a que as mulheres organizassem a sociedade sôbre uma estrutura matriarcal, em que elas tinham acentuada predominância. ⁽¹⁾.

Nessas estruturas sociais de base matriarcal "a posição jurídica da mulher é predominante" — informa Imbelloni ⁽²⁾ Nelas, em muitos casos, o pai não só não tem direito algum sôbre os filhos, visto estes pertencerem ao grupo materno, como se encontra numa posição política de inferioridade em relação à mulher.

⁽¹⁾ É sabido pelos estudiosos da etnografia amazônica que o regime social dos índios aruaques ou maipures é "o dos clans totêmicos com matriarcado e exogamia, embora hajam excepções" (Luiz Pericot Garcia — *Los Pueblos de America*, vol. II de "Las Razas", pág. 128). Esses índios, aos quais pertencem numerosas tribus que cultuam o Iuruparí, embora caçadores e pescadores, têm em grande parte sua economia ligada à agricultura e à indústria dos trançados e da cerâmica, confiadas às mulheres. Suas lavouras são na floresta onde derrubam as árvores com machados de pedra e preparam a terra com as queimadas, cavando-a com páus. Entre seus principais produtos agrícolas figuram a mandioca, o milho, o tabaco, a batata, a pimenta, o inhame, o cará, a abóbora, o algodão, além de várias árvores frutíferas. Parece que entre algumas tribus o tabaco servia para fins rituais, para produzir êxtases.

⁽²⁾ *Epítome de Culturologia*, pág. 128 — Buenos-Aires, 1936.

Não se julgue que essa predominância da mulher, nas organizações matriarcais, é mais aparente do que real, ou que, à semelhança do que acontece nas sociedades civilizadas, de predomínio patriarcal, a mulher domina com as artes da sua sedução ou por um fascínio estreitamente relacionado ao instinto sexual. Não raro existe, uma verdadeira ginecocracia. Conhecem-se algumas tribus — diz Haberlandt nas quais “o homem figura como uma espécie de escravo na casa da mulher, tendo de executar nela os serviços mais baixos, sem que seus filhos o possam considerar como pai”. (3)

Não sabemos até que limites, num matriarcado primitivo, entre os indígenas brasileiros, em certas áreas culturais amazônicas, chegou o domínio das mulheres sobre os homens.(4) A tradição, segundo as afirmações do Conde Stradelli que já mencionámos, fala de um período em que as mulheres mandavam e os homens obedeciam. Em algumas tribus a recordação do tempo em que o domínio das mulheres estava em mãos femininas persiste através das lendas e, como veremos mais adiante, nas tradições relativas à origem das ligas secretas masculinas e dos ritos de iniciação. Vemos, aliás, claramente, na lenda de Izí, que êsse legislador mítico apareceu no meio de um povo em que o predomínio era das mulheres, visto terem os homens moços perecido, ficando apenas alguns velhos impotentes.

É de presumir, portanto, que a estrutura matriarcal que, embora atenuada, diversa da rigidez ortodoxa primitiva, ainda subsiste entre várias tribus da grande família aruaque — da qual, a nosso ver, eram originárias as icamiabas e o mito do Iuruparí — tenha existido, em tempos antigos, com uma acentuação mais viva do predomínio jurídico e religioso da

(3) *Etnografia*, pág. 105 — Ed. Labor — Barcelona, 1926.

(4) Gilberto Freyre, em *Sobrados e Mucambos*, pág. 122, cita a observação feita por Vaerting entre os Canchadales e os Lapões que guardam “reminiscências de um período em que o trabalho doméstico era o dos homens e o extra-doméstico, o das mulheres”. Êsse período, acrescenta Gilberto Freyre, “teria correspondido a uma organização um tanto amazônica, de domínio político da mulher sobre o homem”.

mulher. Isto explicaria a vasta difusão do singular costume da **couvade** entre as tribus brasileiras. ⁽⁵⁾ É bem verdade que, como o trabalho feminino do roçado, a **couvade** se encontra, atualmente, entre as tribus de cultura mixta ou francamente patriarcal, em que a mulher exerce o duro papel de besta de carga. Mas não será a **couvade** um costume originário de uma sociedade fundamentada sobre o matriarcado que sobreviveu dentro de culturas que se sobrepuseram ao domínio feminino? ⁽⁶⁾

Segundo Letourneau ⁽⁷⁾ êsse estranho costume surgiu numa época de transição do matriarcado para o patriarcado, em que o homem tratou de reconquistar o poder que caíra nas mãos das mulheres.

É possível que assim seja e que, como pensa o dr. R. R. Schuller, ⁽⁸⁾ haja na **couvade** uma expressão de amor paterno ou a idéia de expressar simbòlicamente que a descendência biológica vem da linha paterna e não da materna. Parece-nos, entretanto, admissível a existência, na **couvade**, de um sub-conciente complexo de ordem sexual, que vem dos tem-

⁽⁵⁾ O que é a **couvade**, di-lo de maneira expressiva Gabriel Soares de Souza em **Tratado Descritivo do Brasil**, contando que as índias, depois de terem o filho, “vêm-se para casa, onde o marido se deita logo na rede, onde está muito coberto, até que seca o umbigo da criança; em o qual lugar visitam seus parentes e amigos e lhe trazem presentes de comer e beber, e a mulher lhe faz muitos mimos, enquanto o marido está assim parido, o qual está muito empanado para que lhe não dê o ar; e dizem que se lhe der o ar que fará muito nojo à criança, e que si se erguerem e forem ao trabalho, que lhe morrerão os filhos, e êles que serão doentes da barriga, etc.”

⁽⁶⁾ É de notar que certos costumes, de origens remotas, persistem até nas etapas mais avançadas, entre povos civilizados. A **couvade** é um exemplo. Não se encontra só entre os povos primitivos ou selvagens, mas também entre várias populações da Europa atual. Na campanha rio-grandense, por exemplo, era costume, quando a mulher dava à luz, o marido ir ao galpão em cuja porta dependurava, pelo rabicho, os arreios. Era sinal de que o homem estava de quarentena e não saía de casa como não recebia, para que a mulher não sobreviesse alguma complicação.

⁽⁷⁾ *L'Évolution du Mariage et de la Famille*, pág. 394.

⁽⁸⁾ A **Couvade**, em “Boletim do Museu Goeldi”, vol. VI, 1910.

pos em que, no predomínio do matriarcado, o homem, sujeito à mulher, se afeminava ou de qualquer maneira, procurava mostrar de um modo mais evidente, vivendo-a em si mesmo, seu culto pela maternidade.

Note-se que não é entre os povos mais atrasados ou nas mais baixas culturas primitivas que a mulher vive em piores condições e sujeição. Parece, pelo contrário, que a mulher piorou suas condições nas fases mais avançadas de cultura, isto é, entre aqueles povos que sobrepujaram a base patriarcal, com o culto de divindades solares, masculinas, ao sistema cujo fundamento era o matriarcado e em que se rendia culto à Grande Mãe, à Lua ou divindades aquáticas, encarnações da imagem materna.

Nos agrupamentos étnicos de cultura primária, como, por exemplo, os bosquímanos, andamaneses, védas, carajás, a mulher desfruta igualdade de condições. Entre os bosquímanos, segundo notou Fritsch, a mulher é a verdadeira companheira do homem. Os búrnais da Austrália levam suas mulheres às costas quando as sentem demasiado débeis para andar.

Chegando-se às culturas sedentárias, mais elevadas que as dos ciclos a que pertencem os povos mencionados, com o início da faina agrícola, o trabalho feminino adquire uma importância considerável na economia e na estrutura social da tribo. O grupo, em virtude das tendências de estabilidade e persistência da mulher, crêa mais amor à aldeia e à casa como desenvolve uma economia mais segura e elementos técnicos ou indústrias primitivas estranhas ao nomadismo. E nessas culturas, em que, afora o trabalho agrícola, a construção da casa e várias atividades industriais dependem da iniciativa feminina ou vêm da sua inspiração, a mulher passa a gozar uma situação de privilegiada predominância. Dentro da organização estável dessas sociedades ela não desempenha apenas um importante papel econômico e social em relação à tribo e à família, mas, também, um papel espiritual, pois que é de crer que certas formas de magia e o culto dos mortos provenham de remotas culturas matriarcais. Nessas sociedades criam-se as reuniões ou ligas das mulheres, que

não raro perduram ao lado das ligas esotéricas masculinas nas culturas mixtas de transição. ⁽⁹⁾

Por outro lado, enquanto nos grupos masculinos ou nas ligas esotéricas dos homens se venera o Sol ou o grande Antepassado, pai mítico ou totem do clan, nos grupos de fundo matriarcal é cultuada a Terra ou a Lua, a Grande Mãe, que, como a Ci (Mãe) dos nossos índios, é imaginada, em algumas culturas, como a essência íntima, a vida oculta das coisas. Daí o nosso ameraba dizer que tôdas as coisas têm sua Ci, sua mãe. É dêsse culto da Grande Mãe, tão intimamente ligado ao culto das águas e da Lua, que nasce o mito dos Gêmeos, representações da lua nova e lua cheia ⁽¹⁰⁾ e também, em fases posteriores, do contraste entre o Sol e a Lua, como provávelmente era o significado do mito de Castor e Polux. ⁽¹¹⁾ Explica-se o culto da Lua, da Água e da

⁽⁹⁾ Essas ligas secretas, femininas e masculinas, são comuns entre as tribus australianas, cujos clans, no dizer de Maurice Besson (*El Totemismo*, pág. 31) compreendem “corporações antagônicas que constam de tôdas as mulheres por uma parte e, por outra, de todos os homens, e cada um dêsses grupos tem um totem protetor”. Na Oceania, como nota Haberlandt (*Obr. cit.*, pág. 110), em certas áreas culturais “há mercados públicos, festas e ritos sômente acessíveis às mulheres”.

⁽¹⁰⁾ Dr. P. Guilherme Schmidt — *Manual de Historia Comparada de las Religiones*, pág. 82. Madri, 1932.

⁽¹¹⁾ Na lenda de Izí, que relatámos em páginas anteriores o mito dos Gêmeos aparece, pois vemos que Dinari, unindo-se a um homem do clan do Jacamim (Repáre-se a identidade com o mito de Castor e Polux, filhos de Leda, fecundada por Júpiter em forma de cisne) teve dois filhos, gêmeos, neste caso um menino e uma menina.

O mito dos Gêmeos, freqüente nas culturas de predominâncias matriarcal e de mitologia lunar ou em que se cultua a Grande Mãe (Veja Imbelloni *Epítome de Cultorologia*, pág. 109), é largamente esparso entre as tribus tupís-guaraní e também entre os caraibas, caingangs, iurucarés e uruaques. O dr. A. Metraux, que colecionou várias versões dêsse mito entre os índios chiriguano e demonstra a sua vasta difusão entre os indígenas brasileiros, diz, a respeito: “Supérfluo seria, depois do sagaz estudo de Ehrenreich, querer enumerar os argumentos que provam o caráter solar e lunar dos Irmãos ou Gêmeos divinos que aparecem como principais protagonistas de tantos mitos americanos”. — Veja: *Mitos y cuentos de los indios Chiriguano*, em “*Revista del Museo de la Plata*” — tomo XXIII — 1932.

Terra nas sociedades de fundo matriarcal pelas relações que há nesse culto com o mistério da geração e com a agricultura. A idéia de que o pálido astro noturno é “um vaso cheio de um licor de vida e fecundidade”, faz parte das concepções religiosas dessas culturas primitivas em que o conceito da maternidade é elevado a uma acepção de divino mistério. E explica-se que a essa mitologia lunar e ao culto de deusas mães, terrestres ou aquáticas, estivessem em relação certos objetos sagrados de adorno, como as pedras verdes das icamiabas, tão intimamente filiadas, pelas suas formas simbólicas, como já demonstrámos, a ritos de magia sexual.

A Lua não é só, nesses cultos, uma divindade que preside à geração da espécie e ao germinar das sementes, deusa, por isso da fecundidade, como é também a Mãe do Céu, **Iuacaci** para os nossos índios, fonte da vida universal e a senhora do reino dos mortos, como era Artemisa ou Hécate entre os gregos. Símbolo do eterno feminino cósmico, da maternidade universal, ela é também, como Jací ou Iací, a Mãe das Águas, ou, como foi denominada nas religiões antigas, Rainha do Mar. ⁽¹²⁾ Ela é no céu o que é a mulher para a geração e a terra para os vegetais. Tudo, afinal, se resume no mito da Grande Mãe. Assim como o Céu se une à Terra para criar todos os seres, a Lua é espôsa do Sol nas culturas de fundo patriarcal, ⁽¹³⁾ em que o herói civilizador, o gênio condutor da raça se diz Filho do Sol.

Entre certas tribus, porém, em que ficaram, provavelmente, reminiscências de uma extinta cultura matriarcal remota, a potência criadora é feminina e, como se verifica na mitologia tupí-guaraní, o próprio sol tem uma designação feminina, **Cuara-ci** — mãe dos viventes. ⁽¹⁴⁾ **Jací**, a Lua, é

⁽¹²⁾ Daí as deusas mãe serem representadas, como Isis e a Virgem Maria, com o símbolo da meia lua.

⁽¹³⁾ Considere-se a lenda do inca Manco Capac e sua irmã e espôsa Mama Ocllo — êle Filho do Sol, ela representação na terra de Mama Quilla, a Lua.

⁽¹⁴⁾ Na mitologia grega Apolo, deus solar, é também chamado **hecatos**, o que o torna um deus bi-sexual, identificando-o com Hécate, a lua.

apenas, como mãe das águas e dos vegetais, um seu desdobramento.

Afora o papel de Mãe que a Lua representa nos cultos matriarcais e de “sol dos mortos”, ela é também a deusa que preside aos ritos mágicos, como a Hécate grega, sobretudo à magia sexual, pois que sua luz é como uma potência mágica poderosa. Mas para que essa potência mágica e fecundadora, tão extritamente relacionada ao mistério sexual, seja benéfica, para que se derrame seu influxo sobre a terra e a tribu prolfere, são indispensáveis os sacrifícios. Daí o costume, nas culturas matriarcais, de oferecer vítimas à “velha Lua” ⁽¹⁵⁾ e à Mãe Terra em sacrifício, para que não caiam desgraças sobre a tribu e a terra seja dadivosa. ⁽¹⁶⁾

A essa religião feminina, de mitologia lunar, se opõe a religião solar das sociedades secretas dos homens, semelhante a que Izí ou Iuruparí instituiu entre os habitantes das selvas amazônicas.

⁽¹⁵⁾ Dr. P. Guilherme Schmidt — Obr. cit.

⁽¹⁶⁾ Tal era o culto de Hécate na Frigia, identificada no orfismo à Grande Mãe, dominadora do Céu, da Terra e do Mar, confundindo-se com De-Meter (deusa mãe), Persefona e Cibele.

O DABUCURÍ E AS LIGAS SECRETAS DOS POVOS SELVAGENS CONTRA AS MULHERES

O culto do Iuruparí, do qual só os homens, iniciados, podem participar é bem uma dessas corporações esotéricas masculinas, criadas no período de transição do matriarcado para o patriarcado, em que os homens se unem para se sobrepor ao domínio das mulheres.

Porisso essas espécies de agremiações maçônicas primitivas impõem duras leis às mulheres e exercem sobre elas uma severa vigilância para que não penetrem em seus segredos. A desobediência a essas proibições é geralmente punida com a morte.

Tal foi a lei instituída por Iuruparí, o Filho do Sol, para tirar o poder das mãos das mulheres.

Em honra dêsse deus e legislador selvagem, diz Eliseu Reclus, ⁽¹⁾ “celebram-se grandes festas e dansas, flagelações e orgias; mas oferecem-lhe também um culto secreto, do qual as mulheres são rigorosamente excluídas. Desgraçada daquela que visse as **paxiubas** ou trompas de oração (os instrumentos do Iuruparí) e a **macacarana**, vestido negro, tecido de péle de macaco e cabelos de mulher! Mata-la-iam imediatamente”.

Nessas corporações secretas **contra mulierem**, são usados certos instrumentos rituais que os não iniciados e as mulhe-

⁽¹⁾ Eliseu Reclus — Estado-Unidos-do-Brasil, trad. de Ramiz Galvão, 1900.

res não podem ver ou ouvir. Entre as tribus australianas de cultura totemista êsses objetos sagrados são denominados “churinga” ou “tjurunga”, o que, segundo Besson, significa “objeto poderoso particular do totem”. (2) Tais objetos “se conservam em lugar escondido, dissimulado com o maior cuidado, e a caverna, o tronco de árvore ou cova onde os colocam os chefes, são objeto de tabús; o terreno circundante é, em muitos casos, como um lugar de proteção”.

Os instrumentos rituais que entre as tribus *uaupés* não podem ser vistos nem ouvidos pelas mulheres são os instrumentos do Iuruparí. Essas proibições impostas às mulheres, relativamente a certos ritos, objetos sagrados ou instrumentos como os do Iuruparí, os churingas das tribus australianas e fetiches totêmicos de alguns grupos da Polinésia e Melanésia, (3) têm a finalidade de manter em sujeição as mulheres. O que os homens contam a respeito dos perigos que as mulheres correm, se, levadas pela sua curiosidade, procurarem conhecer os segredos que lhes são vedados, tem como objetivo infundir-lhes terror e, pelo terror enfraquecer-lhe a autoridade que dominara nos períodos matriarcais. É, pois, evidente o papel importante que exercem as agremiações secretas masculinas, como as amazônicas filiadas ao culto do Iuruparí, para a solidificação da autoridade do homem nas fases iniciais das sociedades primitivas de estrutura patriarcal. (4)

Sobre o particular é um exemplo, afora o do culto do Iuruparí, o chamado *eloqueten* dos índios *onas* da Terra do Fogo. Entre êsse índios, segundo as informações colhidas por Gusinde, existe a tradição de que antes “as mulheres exerciam sobre os homens um poder tirânico, devendo estes ocupar-se dos mistéres mais penosos e desagradáveis. Para

(2) Obra cit.

(3) Carlos A. Adao — *Através del Mundo*, pág. 489.

(4) Veja sobre a importância das ligas secretas masculinas nos clans de cultura totêmica — *An American of Totemism* do Major J. W. Powell e também *Quarta Expedición a la Tierra del Fuego* de Gusinde Martin, “Publicaciones del Museo de Etnologia y Antropologia de Chile”, tomo IV, 1924.

manter êsse poder inventaram o **cloqueten**, instituição destinada a atemorizar os homens com aparições de espíritos malignos, fingidos por elas mesmas. Os homens descobriram o segredo e depois de apoderar-se dêle mataram tôdas as mulheres, deixando só as meninas. Desde então os homens governaram a tribo com os mesmos recursos com que antes governavam a êles.

O **cloqueten** passou a ser um segredo dos homens, cuja revelação às mulheres se paga com a morte.” (5)

*

* *

Pelo que expomos até aqui, sôbre as sociedades primitivas de estrutura matriarcal, suas crenças, costumes, culto, lendas e mitos, verifica-se que essas curiosas organizações em que a mulher tem prerrogativas especiais não se restringem a uma determinada área de cultura amazônica. Os elementos do ciclo cultural que chamaremos de **ciclo do Iuruparí**, são comuns a várias tribus da América do Sul e a diversos outros setores étnicos de vida primitiva das ilhas do Pacífico e do continente negro. Entre êsses elementos materiais e espirituais podem contar-se as máscaras ritualísticas, emblemas totêmicos ou do espírito ou gênio tutelar da tribo, que é, às vezes, o Antepassado lendário, o Filho do Sol ou a Mãe primordial. Além das máscaras são comuns a essas culturas as sociedades secretas contra as mulheres; os instrumentos sagrados, como os dos **uaupés**, **boróros**, tribus da Austrália, Melanésia e Polinésia, que só os homens, iniciados, podem ouvir; iniciação dos rapazes nas ligas secretas masculinas; culto dos espíritos ou crenças animistas; sacerdotes — **pagés** entre os nossos índios — que praticam o curandeirismo mágico, a necromância, a feitiçaria sob as mais extravagantes

(5) Antônio Serrano — **Los Primitivos habitantes del territorio Argentino**, págs. 167-168 — Buenos-Aires, 1930.

formas; culto dos crânios, **couvade**, flechas envenenadas, ritos agrários e uma economia agrícola inferior.

No uso das máscaras e dansas mascaradas, às vezes, como as de diversos povos antigos, em relação com ritos agrários e mistérios iniciáticos, (6) há um início de arte dramática.

Como essas culturas provêm de um período de predominância do matriarcado, persiste a crença de que tôdas as coisas têm mãe, uma mitologia lunar que se mistura com o mito do Filho do Sol, a indústria da cerâmica e dos trançados, com decorações ricas de meandros, espirais, motivos curvilíneos e retos e estilizações antropomorfas e zoomorfas. Não raro se encontra o culto fálico, denunciado por ídolos de barro, de madeira ou de pedra.

Afora os mitos relacionados à agricultura e os mitos femininos e aquáticos, encontra-se o dos Gêmeos, que, como vimos, é filiado a uma mitologia lunar, ou, como entre os índios **uaupés**, que guardam a tradição do Iuruparí, a uma mitologia astral.

Vemos que, estudadas dentro dêsse critério histórico cultural, as tradições relativas ao Iuruparí e às cunhãs-tecoimas ou às denominadas amazonas brasileiras, encontram uma explicação lógica, simples e plausível.

Segundo os próprios dados que a poranduba nos oferece, a lenda que nos fala de “uma porção de mulheres, acompanhadas de velhos impotentes” que apareceram no rio Ucaiarí, referir-se-ia a uma tribo de regime matriarcal. A êsse tempo ou a essa sociedade matriarcal alude o conde Stradelli, onde diz que então “as mulheres mandavam e os homens obedeciam, o que era contrário às leis do Sol”. Porisso Iuruparí aparece para tirar “o poder das mãos das mulheres e restituí-lo aos homens”.

Já vimos que para se emanciparem do domínio feminino dessas sociedades matriarcais, instituem os homens ligas se-

(6) Veja James George Frazer — *Le Rameau d'or* e a A. Moret. — *Mystères égyptiens*.

cretas e opõem a uma mitologia lunar ou ao culto da Mãe Água, um mito solar. Às vezes êsse mito se prende diretamente ao dos Gêmeos e, no humbral das culturas mais elevadas, em que se ingressa na estrutura dos Estados e dos Impérios, os elementos totêmicos e mitológicos dos estágios matriarcais e patriarcais se misturam e confundem numa religião politeísta ou francamente solar como a do período peruano dos Incas. ⁽⁷⁾ No exemplo de Manco Capac e Mama Ocllo vemos que o Filho do Sol, aparece com a irmã, que representa a Lua. ⁽⁸⁾ Na tradição amazônica, segundo a lenda dos **uaupés**, os Gêmeos também eram irmão e irmã e de sua estirpe veio Izí ou Iuruparí.

(7) Elementos diversos, de ordem religiosa sociológica, que integram as culturas que pertencem à proto-história, como as do México, do Perú e da Colômbia, demonstram nessas culturas ou ciclo dos Estados semi-civilizados, a supervivência de crenças, costumes, usos, idéias e instituições de um anterior período matriarcal. Isto encontramos no Perú, no culto das divindades femininas Mama Cocha, Mama Pacha, Mama Ocllo e México não só em sua mitologia, como em certas regras que existiam relativamente às uniões sexuais irregulares. Ver, a êsse respeito — J. Uriel Garcia — **Algunos aspectos del matriarcado peruano**, em "La Prensa" — 2-7-1933; Santiago P. Minetti — **Los Aztecas** — Montevideo, 1931 e J. Perez de Barradas — **Interpretacion de un mito Chibcha**, em "Revista de las Indias" — Bogotá n.º 4, vol. I, 1936.

(8) É interessante notar que a água se encontra freqüentemente relacionada a êsses mitos bi-sexuais — Sol-Lua. No caso de Manco Capac é o lago de Titicaca. O Iuruparí também nasceu à margem de um lago.

MULHERES GUERREIRAS

Aparece clara, agora, a explicação do mito das amazonas brasileiras. Eram as mulheres que vinham de uma antiga organização de tipo matriarcal, que não se adaptaram ao novo regime que lhes quiseram impôr.

É possível, pois, que as mulheres guerreiras que enfrentaram Orellana, quando êste descia o Amazonas, fôsem realmente algumas daquelas cunhãs-teco-imas que haviam constituído um outro matriarcado naquele mundo selvagem, hoje ainda tão cheio de segredos e mistérios.

Segundo as notícias que os índios deram a Orellana, ao padre Acunha, La Condamine e a outros, eram as icamiabas uma congregação de mulheres habituadas ao manejo das armas. Vimos, de fato, com que ardor bélico atacaram o bergantim de Orellana ao passar êste, rumo ao Levante, defronte das terras em que elas habitavam ou em que tinham sua guarda avançada. Não podemos averiguar se o índio interrogado por Orellana, e cujo depoimento se encontra na "Relação" de frei Carvajal, disse a verdade ao contar que o domínio daquelas mulheres abrangia vasta extensão de terras e se exercia sôbre diversas tribus que lhes pagavam tributo. O que nos parece fora de dúvida, entretanto, como julgamos ter amplamente demonstrado, é a possibilidade de ter existido tal reino de mulheres guerreiras, assim como a de terem governado sôbre um grupo de tribus.

A nossa suposição não nos parece descabida diante dos seguintes fatos:

- 1.º — A existência, que já não pode ser negada, de cul-

turas matriarcais como as que descrevemos, desde a idade neolítica talvez e entre os povos selvagens da atualidade; 2.º — A existência, que também parece demonstrada, de mulheres aguerridas que, nos tempos pre-incáicos, governavam, ao sul do Perú, na província de Colas, vastos agrupamentos ameríndios, dentro de uma organização matriarcal de economia agrária e culto de divindades femininas; 3.º — A capacidade combativa das índias brasileiras e as de outros setores da América do Sul, confirmadas pelas descrições que dos costumes dos selvícolas do Novo Mundo fizeram navegantes, missionários, exploradores e etnólogos. São numerosas as informações a respeito da cooperação da mulher ameríndia nos embates entre as tribus. É um exemplo típico, entre muitos outros, o das mulheres **diaguitas**, que, no dizer de Nicolas del Techo, “levando nas mãos tições acesos, animavam seus maridos, obrigando-os a voltar ao combate, se acaso fugiam”. (1)

A respeito das índias amazonenses, lembraremos que o próprio Barbosa Rodrigues, ao referir-se à tribo dos **uaupés**, afirmou que êsses índios “conduziam as mulheres aos combates”.

A observação devia ser certa, pois que as lendas nos falam de lutas entre tribus nas quais as mulheres participavam para vingar os maridos mortos em combates anteriores.

É muito expressiva, a êsse respeito, a lenda da luta dos índios **tárias**, no rio Uaupés, com a tribo dos **uananas**. Aqueles índios, comandados pelo tuchaua Buopé, haviam feito entre os **uananas** verdadeira carnificina.

Conta a lenda que quando as mulheres souberam da morte dos maridos disseram:

— “Nós mulheres vingaremos a morte de nossos maridos! Não pensem os **tárias** que a gente **uanana** se acabou na terra! Nós, as mulheres **uananas**, havemos de ir pintar de vermelho êste rio com o sangue dêles!

(1) Historia de la provincia de Tucuman, liv. V, XXII — Madri, 1897.

As outras mulheres que tinham seus maridos na cidade disseram:

— “Nós havemos de ir tôdas com o resto de nossos homens!

“Elas mandaram logo, contam, chamar os **dessanas, arapasses, cobéus, tucanos**, para guerrearem juntos contra Buopé”.

A luta que foi tremenda e terminou com a derrota do exército de mulheres e seus aliados é relatada na lenda:

“Depois que tudo acabou — diz a lenda — Buopé foi ver os que tinham morrido, encontrou então no meio dêles as mulheres uananas. Êle voltou para junto da sua gente e disse:

“Meu coração está triste porque todos nós já sujámos nossa flecha em sangue de mulher. Iuruparí sabe que nós não sabíamos que tinha mulheres no meio de nossos inimigos”. (2)

A respeito das amazonas peruanas, a que nos referimos, num interessante trabalho sôbre “Algunos aspectos del matriarcado peruano” (3) diz o seguinte Uriel Garcia: “Evidente influjo historico han tenido en la vida de los pueblos especialmente surperuanos, ciertos grupos femininos investidos de poder económico, político e social. Podria caracterizar-se ese influjo de la mujer indigena — la principal sustentadora del alma de nuestras muchedumbres, llámense “plebe” o “deemos” nacional — en tres tipos de sintesis colectiva, la antigua “capullana”, la “cacica” colonial y la “gatera” o mujer de los mercados, de preponderancia social en la época republicana”.

“Sobre todo en el Kollac — prossegue Uriel Garcia — segun versiones de los cronistas, y contemporaneas al imperio sacerdotal del Tiahuanacu, habia mujeres jefes, gobernadoras de constelaciones de ayllus gentilicios, llamadas, “capullanas,

(2) Ver a lenda “Guerra de Buopé”, a págs. 11 a 22 de obra citada de Antônio Brandão de Amorim.

(3) Publicado em “La Prensa” de Buenos Aires, em 2-7-1933.

aguerridas matronas que lograron imponer su predominio económico y hasta político en todas aquellas zonas de fertilidade agricola que la naturaleza ofrecia como incentivo para la vida sedentaria, mientras el varón era un vagabundo de las estepas, en afan de sejuzgar y domesticar salbajes camélidos de los Andes”.

Descrevendo êsse tipo de mulher que governava e combatia, diz o citado autor que mesmo nos tempos coloniais era uma mulher aguerrida, de “voliciones energicas, que quando se ofrece encabeça a las huestes domesticas, al numeroso fâmulato de yanaconas, a la defensa de la linde comareana o de los hitos demarcadores del latifundio”.

Às amazonas peruanas dos tempos preincacos também se refere Zarate tratando da conquista de Cuzco pelo inca Manco Capac. O general do inca, um tal Zapana, à frente de suas tropas teve que defrontar-se com um exército de mulheres que dominavam em Chunchara. Só depois de derrotar as amazonas dessa localidade é que os invasores puderam penetrar em Cuzco e iniciar o ciclo histórico da dinastia solar dos Incas. (4)

A existência de mulheres guerreiras que, em alguns casos, formavam hostes de amazonas ou se colocavam à frente de agrupamentos ameríndios para os conduzir à guerra, parece-nos demonstrada pelos exemplos das mulheres uananas e das antigas “capullanas” ou “cacicas” do Perú.

Parece-nos desnecessário citar outros exemplos das qualidades guerreiras das selvagens americanas, mesmo porque não é novidade o fato de, em certas ocasiões, a mulher rivalizar com o homem em ardor combativo. Não serve de prova segura, certamente, a lenda das amazonas da Ásia Menor e da Líbia, mas a lenda bem pode ser o eco de alguma realidade que a tradição oral desfigurou, pois que há seguros indí-

(4) Zarate — *Historia del descubrimiento y conquista de la provincia del Perú*, citado por Júlio Trajano de Moura, *Do homem americano*, pág. 643, em “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” — Tomo 100, vol. 154.

cios de que entre alguns povos da Europa dominava o matriarcado, nos tempos pré-históricos. Entre outros indícios dêsse matriarcado, afora o costume da **couvade**, Albert Carnoy menciona o fato de que enquanto os indianos reverenciavam as almas dos antepassados sob o nome de **pitaros** “pais” e os gregos sob o de **tritopatores**, os celtas falavam das **matronae** “mães”. Além disso o mesmo autor cita o exemplo da exportação na Gália de algumas mulheres guerreiras. ⁽⁵⁾

Para a nossa mentalidade formada dentro de uma ordem social de domínio exclusivista do homem, — que, a-pesar das grandes modificações do espírito do nosso tempo, ainda está arraigada a múltiplos preconceitos de um patriarcalismo intransigente e dogmático, torna-se difícil a aceitação da idéia de que tenham existido algumas sociedades em que a mulher, o eterno “sexo frágil” do nosso lirismo sentimental, pôde competir com o homem pelas suas virtudes de combatividade ou pelos seus sentimentos de independência. ⁽⁶⁾ Entretanto, existiram e existem sociedades matriarcais, de predominância política da mulher e existiram também mulheres guerreiras que defenderam pelas armas seus domínios e sua independência, como aquelas amazonas do Perú que já mencionámos e como, talvez, aquelas mulheres aguerridas que atacaram Orellana e que nossos índios denominaram de **cunhãs-teco-imas**.

Nos regimes patriarcais realiza-se “a diferenciação e especialização do sexo feminino em “belo sexo” e “sexo frágil”, observa Gilberto Freyre. ⁽⁷⁾ A mulher se tornou o “sexo frágil” — prossegue o mesmo autor — em consequência dos “fatores econômicos, ou antes sociais” que, nas sociedades

⁽⁵⁾ Albert Carnoy — **Les Indo Européens**, páss. 67-68 — Paris, 1921.

⁽⁶⁾ Lembraremos que na antiguidade, entre os hititas, precisamente na região da Ásia Menor onde surgiu a lenda das amazonas, as mulheres exerciam importantes funções administrativas. Ver — Félix Sartiaux — **Las civilizaciones antiguas del Asia Menor**, pág. 21 — Barcelona, 1931.

⁽⁷⁾ **Sobrados e Mucambos**, pág. 119 — São-Paulo, 1936.

de estrutura patriarcal, “a comprimem, amolecem, alargam-lhe as ancas, acentuam-lhe o arredondado das formas, para melhor ajustamento da sua figura aos interesses do sexo dominante e da sociedade organizada sob o domínio exclusivo de uma classe, de uma raça e de um sexo”. Em outras palavras — foram as leis, os costumes, as imposições do patriarcalismo exclusivista, que mataram todo espírito de independência, iniciativa e energia na mulher, cercando-a de fantasmas e tabús morais, sociais e religiosos. Dentro dos tabús em que vive e se formou o complexo de seus terrores, a mulher está ainda hoje para a vida do homem, para as suas atividades e seus direitos de “sexo forte” como aquelas nossas patricias que fogem aterrorizadas diante dos instrumentos do Iuruparí ou do local em que se realizam os ritos misteriosos que o Filho do Sol instituiu.

Se Iuruparí existiu ou foi criado pela imaginação selvagem, não saberíamos dizer.

Certo é que Iuruparí instituiu uns Costumes Novos que impunham duras proibições às mulheres. As que desobedecessem seriam mortas. Assim mandava o Filho do Sol.

Diz a tradição dos **uaupés**: “Como era costume de Buopé dansar o Iuruparí, tôdas as noites na Serra de Iuruparí, todos os homens fugiam de suas mulheres ao vir da noite. Essas mulheres que estavam novas aí, com elas Iauí, filha de Uauixa, ficaram logo tristes porisso.

“Assim, contam, sempre os homens faziam, não faltavam uma só noite.

“Duas luas depois Uauí aconselhou essas mulheres para fugir, assis elas fizeram”.

Conta a lenda que os homens foram no seu encalço e as trouxeram para a sua aldeia. Elas, porém, se zangaram e disseram a Buopé:

— “Tuixaua, nós não queremos ficar numa terra aonde nós mulheres não podemos dansar tôdas as festas com nossos maridos. Porisso deixa-os ir conosco para nossa terra, porque lá tudo é mais bonito que na tua cidade; tudo é feio aquí”.

“Buopé, contam, não respondeu, mandou imediatamente jogar essas mulheres na cachoeira para comida de peixe”. (8)

Tais eram os Costumes Novos instituídos por Iuruparí.

As tradições, porém, dizem que outras mulheres, as que viviam no tempo remoto em que Iuruparí apareceu, abandonaram para sempre o lugar em que se lhes impunha tão duro jugo, mas, antes de partirem, para não perpetuarem mais a raça, resolveram, em conselho, matar todos os filhos machos.

“Depois disso fugiram, deixando-se ir águas abaixo, sem destino”. (9)

Elas se tornaram, desde êsse dia, mulheres fora das leis patriarcais de Iuruparí — as **cunhãs-teco-imas**.

(8) Ver obr. cit. de Antônio Brandão de Amorim, págs. 11-12.

(9) Barbosa Rodrigues — **O Muiraquitã** — II vol., pág. 68.

Lições de Meteorologia

pelo Dr. Ladislau Cousirat Araújo.

Sua classificação como ciência

As Ciências Naturais estudam os fenômenos do globo. Como êsses fenômenos são tão numerosos, complexos e variados, dividem-se, êles entre os diversos ramos das Ciências Naturais. A Física e a Química são dois ramos fundamentais, porque os fenômenos que êles estudam e as leis, os princípios que estabelecem são usados grandemente pelas outras ciências naturais. A Biologia, com as suas diversas subdivisões, estuda todos os fenômenos que dizem respeito à vida. Os outros fenômenos que dizem respeito à matéria inanimada, são estudados pela: Astronomia, Meteorologia e Geologia. A Astronomia estuda os corpos celestes; a Meteorologia a atmosfera terrestre; e a Geologia, a própria Terra.

Definição de meteorologia

Assim, a Meteorologia é uma Ciência Natural porque tem um certo grupo de fenômenos naturais a investigar. Trata das causas dessas mudanças; coordena os fatos de maneira a determinar as relações existentes entre causas e efeitos e a estabelecer generalização das leis.

Resumidamente, a Meteorologia pode ser definida como o estudo dos fenômenos atmosféricos e, como um grande número de leis e princípios da física tem enorme aplicação nos fenômenos da atmosfera, a Meteorologia é comumente definida como Física da Atmosfera.

HISTÓRIA DA METEOROLOGIA

As variações anuais do tempo de verão para inverno e novamente de inverno para verão, com todo o seu cortejo de mutações na vegetação, as variações diárias da temperatura, dias quentes e noites frescas, a queda da chuva e da neve, o desenvolvimento de uma trovoadas, um dia quente, com todo aquele cortejo de fenômenos impressionantes, a formação de geadas, a queda de granizo, as fortes ventanias e as brisas suaves, todo esse conjunto de fenômenos não podia ter deixado de impressionar os espíritos mais observadores dos diferentes povos que surgem no alvorecer de nossa história.

Meteorologia é uma ciência antiga

A antiguidade de alguns provérbios contribue para mostrar que observações meteorológicas e generalizações já preocuparam o espírito das raças mais inteligentes. No Museu Britânico de Londres, há tábuas de barro da antiga Babilônia, (4000 A. C.) onde lêem-se provérbios como este: “Quando um anel circunda o Sol, chuva cairá”.

Aproximadamente 400 anos A. C., Sócrates referindo-se aos diálogos de Plato diz: “um homem sábio, pensador das cousas “Supra-terrestres” e investigador das cousas abaixo da terra”, sendo que essa denominação de Supra-terrestres forneceu a raiz para a formação da palavra Meteorologia.

Mais ou menos 350 A. C., Aristóteles escreveu o primeiro tratado de que há notícias, sobre meteorologia, onde eram considerados outros fenômenos que em nossos dias não são mais incluídos nessa ciência.

Quatro períodos característicos na história da meteorologia

Há quatro períodos bem distintos na história da evolução da Ciência Meteorológica. O primeiro inclui a mais remota antiguidade até 1600 da nossa era. As observações eram imperfeitas, executadas sem o auxílio de instrumentos precisos, deturpadas pela superstição e alteradas pela imaginação. A explicação dos fenômenos era, geralmente, fantástica e sobrenatural.

A invenção de instrumentos meteorológicos é o marco de origem do segundo período. O termômetro, inventado por Galileu e Sanctorius de Pádua, e o barômetro, por Torricelli (1590), trouxeram como consequência a montagem, no norte da Itália, de estações meteorológicas. O fato característico desse período são o aumento do número de observações e uma maior precisão na sua execução.

O terceiro período inicia-se um pouco antes de 1800 e vai até 1860. Nêle procura-se, com mais cuidado, explicar os fenômenos observados.

O quarto é o período moderno. Caracteriza-o a organização oficial de Serviços Meteorológicos, por parte de diversos governos. Este período é caracterizado por grande atividade em obter informações meteorológicas, cuidado nas observações de todos os fenômenos, e uma rigorosa experimentação de todas as teorias e hipóteses.

Meteorologia no Brasil

No Brasil, anteriormente ao ano de 1909, já tinha sido criado o Serviço Meteorológico, subordinado ao Ministério da Marinha e tendo por escopo a distribuição de avisos de temporais aos marítimos em portos brasileiros. Nesse sentido, foi mesmo tentada a previsão do tempo a curto prazo.

Em 1909, passou o Serviço Meteorológico, juntamente com o Astronômico, a fazer parte do Ministério da Agricultura e um maior desenvolvimento lhe foi dado. Em maio de

1921, os serviços de Astronomia e Meteorologia foram desligados, formando, desde então, repartições distintas, afim de que se pudesse ampliar os raios de ação de ambos.

Meteorologia no Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul, a Escola de Engenharia iniciou o Serviço de Meteorologia, em 1910. Esse serviço, a princípio bem modesto, granjeou, pouco a pouco, a confiança dos governos da União e do Estado, sendo, hoje, igualmente amparados por esses poderes públicos, e considerado como oficial.

A organização dos nossos serviços constituirá assunto em separado, para mais detalhada exposição do assunto.

DIVISÃO DA METEOROLOGIA E DOS SERVIÇOS METEOROLÓGICOS

A Ciência Meteorológica tendo por objetivo o estudo dos fenômenos atmosféricos, a sua divisão deve ser feita, visando a natureza física dos fenômenos a estudar. Assim, uma divisão da ciência propriamente dita compreenderá os seguintes estudos:

- I — Composição e altura da atmosfera
- II — Aquecimento e resfriamento da atmosfera
- III — Vapor d'água da atmosfera
- IV — Circulação geral da atmosfera
- V — Circulação secundária da atmosfera
- VI — Eletricidade e óptica da atmosfera.

Estes são os fenômenos que se estudam no domínio puramente científico da Meteorologia, fazendo a sua observação e procurando tornar a sua explicação, cada vez mais precisa.

Essa é, portanto, a divisão teórica do assunto.

As especulações científicas dos ramos da Meteorologia, não só tendo em vista o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da

própria ciência como também as suas aplicações práticas determinaram o desdobramento dos serviços meteorológicos em diversos ramos que, utilizando o cabedal acumulado pela ciência, pudesse ampliar benêficamente o raio de ação dessas aplicações e, simultaneamente, trazer ainda mais amplo desenvolvimento para a ciência Meteorológica.

E' assim que pudemos decompor os serviços meteorológicos completos nas seguintes atividades:

- I — Instrumentos meteorológicos
- II — Climatologia
- III — Aerologia
- IV — Previsão do Tempo
- V — Hidrometria
- VI — Meteorologia Agrícola.

Dêsses ramos, alguns desenvolveram-se, visando as aplicações práticas; outros devem a causa primordial de seu desenvolvimento a investigações científicas.

Definiremos, em seguida, êsses ramos da atividade da meteorologia, precisando também as razões do seu desenvolvimento e de suas aplicações práticas.

INSTRUMENTOS METEOROLÓGICOS

Fim

Os progressos da mecânica de precisão e o desejo de obter resultados mais rigorosamente exatos na observação dos fenômenos meteorológicos, trouxeram, como consequência, a construção de instrumentos cada vez mais precisos e o aperfeiçoamento dos já existentes, ou, melhorando-lhe a sua sensibilidade, ou tornando mais perfeitos os métodos de observação.

Utilidade

Resultou disso o conhecimento mais completo dos fenômenos meteorológicos, o que refletiu benêficamente sobre todo o edifício da ciência meteorológica, cujas princípios e leis têm as suas origens na observação dos fenômenos meteorológicos da atmosfera.

CLIMATOLOGIA

Tempo e clima

Clima significa o conjunto de fenômenos meteorológicos que caracterizam as condições médias da atmosfera, num lugar da superfície da terra. Chamamos “tempo”, somente uma fase na sucessão dos fenômenos.

O “tempo” muda de um momento para outro, enquanto que o clima mantém-se constante.

O tempo caracteriza-se por valores especiais de um determinado momento, ao passo que o clima, pelos valores normais.

Definição de climatologia

A Climatologia que é a Ciência que estuda os climas, serve-se das observações da marcha dos fenômenos meteorológicos. Trata não só da descrição dos climas, mas estuda as suas causas características e as suas variações, as suas influências sobre a vida animal e vegetal e as suas relações com a atividade humana.

UTILIDADE

A Climatologia tem como razão de seu desenvolvimento a sua aplicação nas investigações de outras ciências e as vantagens que o conhecimento do clima pode trazer para a coletividade, pelas suas numerosas utilizações práticas que dele se pode tirar.

Enumeramos, em seguida, as utilidades da Climatologia, extraíndo, parte dos trabalhos recentemente publicados pelo Dr. Morize sobre o clima do Brasil, e parte de relatórios organizados durante nossa aprendizagem nos Estados Unidos.

INFLUÊNCIA DO CLIMA SOBRE A VIDA

Tôda a agricultura depende evidentemente da ação solar, em primeiro lugar pelo calor que a terra recebe da energia irradiada pelo Sol, e que, absorvida e transformada pelo solo, pelo ar e pela água, fornece a todos os seres vivos a temperatura, sem a qual não poderiam viver.

Além disso, sob influência desses mesmos raios solares, especialmente dos de mais curto comprimento de onda, pela ação clorofiliana, a planta estrai do anidrido carbônico sempre existente no ar o carbono ligado ao oxigênio, que, em contacto com a água contida nos tecidos vegetais, e dadas certas condições de temperatura, sofre transformações mais ou menos complexas, das quais resultam celulose, amido, açúcares, etc., ao mesmo tempo que torrentes de oxigênio puro são restituídas à atmosfera.

Ora, constituindo essas substâncias o corpo das plantas, e sendo preciosas para a alimentação e a economia humana, vê-se que o sol, o calor e a humidade governam o desenvolvimento dos vegetais e que temos o máximo interesse em conhecer as condições em que esses fatores exercem sua ação em cada lugar.

Além disto, o clima, especialmente pela distribuição da temperatura e da umidade pelo curso do ano, ainda exerce considerável influência no desenvolvimento das plantas, conforme a espécie destas. Assim, não será possível fazer crescer e frutificar a oliveira, a videira, o coqueiro, etc., no clima da Escandinávia, enquanto que, em contraposição, plantas das altas latitudes não podem proliferar em clima demasiado quente.

Há certos vegetais que não se desenvolvem senão entre dois limites, inferior e superior, de temperatura. Além disto, para que possam produzir frutos, é necessário que o acúmulo de calor pela planta, habitualmente medido pelo produto da temperatura diurna do ar pelo número de dias, contados desde a germinação da planta até a terminação de seu período vegetativo, tenha determinado valor mínimo.

E' para muitas também necessário haver período de repouso causado pelo abaixamento da temperatura, durante o qual se acumulam nos tecidos substâncias nutritivas que serão utilizadas logo que a temperatura o permita, e alimentarão as folhas e os frutos que se desenvolverão com extrema rapidez, aproveitando o calor dos dias de verão.

Esse efeito, muito marcado nos países de elevada latitude, onde durante o inverno a maior parte das plantas per-

dem as folhas para entrar no sono hibernar, é a razão de muitas não conseguirem frutificar quando transportadas a regiões mais quentes, onde a temperatura não baixa suficientemente para saírem as folhas. Causas opostas podem produzir efeitos análogos: nas regiões onde reinam estações secas prolongadas a quasi totalidade dos vegetais perdem as folhas e entram em repouso; mas, logo que a estação chuvosa se inicia, a vegetação desabrocha impetuosamente e a frutificação é rapidamente alcançada.

INFLUÊNCIA HIGIÊNICA E SOCIAL DOS FATORES CLIMATÉRICOS

Não é menor a importância do clima quanto à hygiene e aos fenômenos sociais. Antes de tratar de povoar certo país, é de mais elementar prudência estudar as suas condições climáticas, afim de ver se elas permitem a aclimação dos futuros habitantes. A atividade que estes podem desenvolver depende por tal maneira dessas condições que é muitas vezes preciso renunciar a qualquer tentativa de colonização por homens de raças, que, pelos seus predicados de energia e operosidade, seria muito de desejar que se pudesse implantar definitivamente. Esse impedimento pode resultar tanto das condições nocivas ou simplesmente incômodas de temperatura e umidade, como até da ação de climas, que, pela constância e amenidade, tornam a vida tão simples e agradável que pouco seja necessário lutar, donde resulta o abandono das qualidades de energia e iniciativa, que climas mais rudes incutem nos habitantes, pela luta permanente e vitoriosa exigida contra os elementos. O clima da Ilha de Taiti, muito brando e perfeitamente saudável, é conhecido exemplo dessa rápida debilitação de qualidades essenciais nos europeus que para ali emigram.

Exemplos muito característicos do mesmo fato são os apontados pelo professor Ellswort Huntington, célebre geógrafo e meteorologista americano, que em sua conhecida obra *Civilization and Climate* (1) diz do sadio e brando clima da África Meridional e de certas regiões da própria América.

A África Meridional goza da reputação de ter um clima admiravelmente adaptado aos europeus, e eu compartilhei dessa opinião até quando comecei a coligir dados estatísticos sobre os efeitos do clima na eficiência. Estes dados mostram, conforme demonstrarei mais adiante, que, a-pesar-de ser agradável o clima sul-africano, êle carece das qualidades estimulantes que são tão importantes na Europa e na América do Norte.

Outro caso ainda mais notável que o da África, se depara nas Ilhas Baamas. Na época da Revolução Americana, considerável número de legalistas foram tão fiéis à Inglaterra que sacrificaram tudo para escapar à nova bandeira estrelada. Deixando suas casas na Geórgia e nos outros Estados do Sul êles procuraram o território britânico das Ilhas Baamas, onde se lhes vieram reunir imigrantes da Grã-Bretanha. Agora, passadas três a cinco gerações, o novo ambiente teve mais oportunidade ainda que na África Meridional para produzir todos os seus efeitos. Em nenhum outro lugar do mundo homens de raça inglesa viveram como puros colonos por diversas gerações em um clima tão tropical. E qual foi o resultado? Não há senão uma resposta: foi desastroso.

E, entretanto, o clima parece excelente; não há moléstia alguma endêmica e a fertilidade do solo é admirável. Entretanto, muitas pessoas dizem que a vida é ali demasiado fácil.

Parece, pois, que, mesmo menos agradável, porém mais propício ao completo desenvolvimento físico e intelectual, é um clima com estações mais acentuadas, onde o efeito tônico do frio de inverno se faça sentir. Embora possam ser temperaturas tão baixas quanto às dos países de elevada latitude, as estações montanhosas das regiões equatoriais não podem ter o mesmo efeito tônico, porque ali não se sente o contraste entre o calor do estio e as baixas temperaturas do inverno.

Reconhecendo a importância da luta contra as condições ambientes, diz conceituado escritor contemporâneo:

Uma atmosfera agradável, ao mesmo tempo fresca e excitante, numerosas necessidades, com os meios de satisfazê-

las a custo de certo esforço, são circunstâncias favoráveis ao desenvolvimento da atividade individual.

A êste mesmo respeito, assim se expressa notável meteorologista americano.

Dentro dos trópicos sob o sol equatorial, e onde existe abundância de umidade, a vida animal e vegetal alcança seu maior desenvolvimento.

Alí estão as terras de mais valor para o homem branco, por causa da riqueza de seus produtos tropicais. Alí se acham as esferas de influência e as colônias que são as mais cubiçadas posses. E' nessa zona que o alimento é obtido pelo homem, em todo o ano, com o mínimo de trabalho, onde a geada e a sêca não são de temer, onde o vestuário e a habitação são facilmente alcançados, e, muitas vezes, são tão pouco necessários que a vida se torna excessivamente fácil. A natureza trabalha demais e pouco deixa que fazer ao homem.

Em um clima debilitante e enervante, sem a obrigação de trabalhar, a vontade de progredir e desenvolver os recursos dos trópicos, falta geralmente. Não é de esperar que haja esforço voluntário para alcançar tipo mais elevado de civilização; daí provém a reputação geralmente atribuída aos nativos dos trópicos de serem indolentes e de não merecerem confiança. Evidentemente, porém, não se deve aceitar ao pé da letra tão lata generalização, pois as baixas latitudes têm produzido muitos homens que não podem ser acusados de deficientes em potência intelectual e física.

Além disso, nas regiões onde as condições são mais severas, os naturais são geralmente mais industriosos. Mas é incontestável que as raças mais enérgicas e empreendedoras não se desenvolveram nas fáceis condições de vida dos trópicos.

Qualquer que seja o fundamento dessas asserções, não se lhe deve exagerar o alcance e admitir de maneira absoluta a incapacidade das regiões mais quentes para sustentar vigorosas, tanto do ponto de vista intelectual como físico. O professor Courcy Ward cita, êle próprio, o fato histórico das primeiras e mais altas civilizações de nossa Terra terem nascido e se desenvolvido em zonas quentes ou mesmo tór-

ridas, como são, por exemplo, a Índia Meridional e o Egito, nas eras em que os germanos, os celtas e os saxônios não passavam de bandos selvagens.

Reconhecendo que zonas reputadas impróprias ao implante da civilização européia podem entretanto progredir rapidamente, ainda diz o mesmo autor.

Estas generalizações não devem evidentemente ser levadas longe de mais. Hawaii, favoravelmente situada quanto ao clima, transformar-se-á com o tempo em um estado americano, e o Brasil, do qual grande parte da imensa área é tipicamente tropical, recebe um afluxo crescente de imigrantes europeus que se fixam definitivamente no país.

Além disto, o higienista inglês professor Leonardi Hill estudando as condições climáticas da vida humana nas diversas regiões do Globo, conclue que as intencionalmente procuradas no interior das casas inglesas se aproxima das observadas em clima tropical úmido, tal como o de Ceilão, considerado enervante pelos europeus.

Por outro lado, o fator raça pode ter influência favorável que contrabalance os inconvenientes do clima. A raça portuguesa, por exemplo, é, talvez com a espanhola, a que melhor conserva seus hábitos de energia e sua aptidão ao trabalho em regiões nas quais os aborígenes do Norte da Europa, dotados de qualidades sociais superiores em seus países nativos, não as transmitem a seus descendentes em regiões de clima quente, onde nem mesmo as podem exercer plenamente, por encontrarem condições tão diferentes daquelas em que nasceram. Notável exemplo dêste fato surge nas Índias onde os ingleses, tão robustos na sua terra natal, não podem criar seus filhos e se mantêm por constante renovoamento de sua imigração, a qual não se pode fixar na região, enquanto que o elemento português se encontra robusto e prolífico em climas comparáveis, como temperatura e umidade.

A êsse respeito devo mencionar que êste trabalho já estava quasi terminado quando deparei com a mesma opinião expressa em livro antigo e que eu conhecia, mas a cuja passagem não tinha prestado a devida atenção. Êsse livro é:

Estudos sôbre o clima e a mortalidade da capital de Pernambuco (Brasil), por Emílio Bériger, chefe do Serviço Topográfico da Província de Pernambuco, extraído do Anuário da Sociedade Meteorológica de França, tomo XXVI, ano de 1878, traduzido e aumentado pelo bacharel Manuel Duarte Pereira — Pernambuco — Tipografia Comercial, 1891.

O trecho, que se encontra é o seguinte:

E' verdade que a raça portugueza parece dotada de um temperamento que lhe permite adaptar-se mais facilmente do que outras raças a climas diferentes do de mãe pátria. Atribue-se a esta qualidade não só ao cruzamento dos portuguezes com os israelitas que se domiciliaram em Portugal depois de uma expulsão da Espanha, e que possuem uma notável aptidão para aclimação, como também a influência persistente do sangue negro que foi largamente propagado em Portugal na época em que, no próprio país, se fazia um importante tráfico de escravos. O Sr. Elisée Reclus é de opinião que êle provém sobretudo, da sobriedade dos colonos portuguezes. Esta razão me parece a melhor, e creio que a experiência por êles feita poderá ser repetida com bons resultados pelos indivíduos de outras nacionalidades, e principalmente pelos de raça latina.

Os meteorologistas americanos, mais que outros quaisquer, têm procurado evidenciar, mesmo entre seus concidadãos, as reações sociais ocasionadas pela grande variedade dos fatores existentes em seu país, devido à considerável extensão dêste ao longo dos meridianos. Assim o professor Edwin Grant Dexter, da Universidade de Illinois, prescrutou as relações porventura existentes entre os fenômenos meteorológicos e os fisiológicos sociais manifestados por seus compatriotas, em uma série de memórias finalmente condensadas em seu conhecido livro *Weather Influences*. Utilizando as observações meteorológicas recolhidas durante dez anos escoados de 1888 a 1897, comparou-se com as estatísticas dos acontecimentos delituosos ou criminosos, ocorridos nos mesmos anos, na Cidade de Nova York.

Foram utilizados os relatórios da polícia, as indicações dos professores públicos e dos diretores de cadeias. O número

de fatos recolhidos alcança a mais de 4.000.000. Por parte da polícia, constam de rixas, ataques, suicídios, casos de loucura. Por parte dos diretores de escolas e de cadeias, são casos de insubordinação e de mau comportamento. Os dias foram subdivididos, ou classificados, conforme a sua temperatura média, o estado de chuva ou de bom tempo, de calma ou de ventania, etc., e, para cada uma dessas categorias, contou-se o número de acontecimentos ocorridos. Os resultados foram então tabulados, e a lei, caso existisse, tornar-se-ia fácil de observar.

Se, por exemplo, a média do número de dias claros fôr de 30 % do número total de dias e achar-se que lhe corresponde 30 % dos casos totais de rixas, suicídios, etc., concluir-se-á não haver conexão entre as duas ordens de fatos. Mas, se a percentagem fôr 40 %, será forçoso admitir que os dias claros têm influência preponderante, embora de causa desconhecida, na produção dos fenômenos sociais estudados.

Foram examinados desta maneira todos os elementos climáticos, traçando-se para cada um e o correspondente fenômeno sociológico a curva respectiva. Acharam-se assim os seguintes resultados: Calores moderados produzem aumento em todos os delitos, e, pelo contrário, há diminuição destes quando as temperaturas são baixas. Quando a temperatura média sobe a 25 ou 30 %, a frequência das rixas entre homens aumenta de 88 e 100 % a das causadas por mulheres. Subindo mais a temperatura, ainda se nota aumento no número dos delitos, mas em muito menor escala. Assim, entre 30° e 35°, houve aumento de 33 % para os homens e diminuição de 23 % para as mulheres, resultado que pode ser explicado pelo estado de depressão causado por essas altas temperaturas.

A criminalidade pareceu independente da temperatura durante o inverno, mas logo que chegou a primavera tornou a crescer com o aumento de calor.

A observação da pressão indicou que a frequência dos delitos aumenta quando baixa o barômetro, mas há razões de crer que essa influência seja indireta e realmente causada por

outros fatores, como a aproximação dos temporais, que aumenta a irritabilidade em muitas pessoas.

Mas a curva mais extraordinária é a dos suicídios, pois mostra que os desesperados escolhem os dias mais límpidos para se libertarem da existência. E' no verão, em maio e junho (no hemisfério Norte), que êles são mais comuns. A conclusão geral é "que quando as condições meteorológicas mais favoráveis à energia física se manifestam, há aumento nas manifestações de violência, com os delitos correspondentes. O excesso de força física será, pois, infelizmente mais perigoso, no ponto de vista da moralidade, que péssimo caráter acompanhado por falta de energia".

Na Suíça, o Dr. Mercier, no "Journal Statistique", estudou os mesmos fenômenos meteorológicos, comparando-os com o número de admissões em 5 manicômios, durante 15 dias.

Para os cinco hospícios mencionados, (Zurich, Berna, Argóvia, Saint-Gall, Vaud), o máximo de número de admissões ocorre no mesmo mês. Parece, a priori, que o máximo de eclosões de perturbações psíquicas devesse coincidir com o momento do ano em que são mais acentuadas as más condições, frio, excesso de umidade, etc.; entretanto, o máximo se produz justamente quando são mínimos os fatores da morbidez geral e é no verão.

Para os suicídios, abrangem as estatísticas apenas seis anos.

Reconhece-se nesse prazo que em dezembro e janeiro, isto é, no inverno, há o menor número de suicídios, os quais vão aumentando progressivamente até junho, havendo pouca diferença entre os diversos meses do verão, o que corrobora o resultado já encontrado nos Estados Unidos por Dexter.

E' justo, porém, reconhecer-se que os resultados encontrados no Rio de Janeiro, quanto à frequência dos casos de alienação mental, não corroboram as afirmações suíças e americanas. Em interessante trabalho, elaborado em 1905, sob o título de "Les Maladies dans les Climats Tropicaux" pelos ilustrados alienistas drs. Juliano Moreira e Afrânio Peixoto, encontra-se um diagrama, estendendo-se de 1895 a 1904, em

que se acha representada a frequência dos casos de demência, mês por mês. Pois bem, é difícil encontrar nessa curva qualquer dependência entre os números de casos de alienação e os fatores meteorológicos, notadamente com a época fresca ou quente do ano, conforme se depreende do exame do seguinte resumo em que estão assinalados os meses de maior frequência em cada ano. Apenas pode-se notar que o mês de junho aparece seis vezes, enquanto que o de maio não é mencionado.

Não desejo alongar esta resenha das conclusões análogas à que chegaram numerosos autores, e quero apenas firmar a influência dos fatores meteorológicos, principalmente temperatura e umidade sobre as manifestações da atividade humana.

Em uma memória já antiga mostrei que a temperatura ideal para o habitante do Rio de Janeiro era de mais de 21°, enquanto o professor F. Laulanié admite como equivalente a de 14 a 15° para a Europa ocidental. O professor Ellsworth Huntington, da Universidade de Yale, perscrutando a influência do calor sobre o trabalho físico e mental em operários e em estudantes, achou que a temperatura mais satisfatória variava com a latitude do lugar, e que para o Norte dos Estados Unidos era de 58° F. (16°,1 C) no Estado de Connecticut, e de 70° F. (21°,1 C) para Florida, no Sul, o que está de acôrdo com o valor achado para o Rio de Janeiro, cujo clima se aproxima do litoral meridiano dos Estados Unidos.

Estes valores conduzem a duas conclusões importantes: a primeira que a temperatura ótima depende do clima da região habitada pelo observador, e a segunda que o organismo humano tem grande elasticidade e pode progressivamente se adaptar a condições térmicas, que, no comêço, parecem intoleráveis.

UTILIDADE DA CLIMATOLOGIA NA ENGENHARIA

Diversos são os ramos da engenharia, onde os dados climatológicos de uma região podem prestar importante auxílio na organização dos projetos. Nalguns, êles apenas desem-

penham um papel auxiliar, ao passo que, em outros, êles servem de base à organização dos projetos. Observações feitas numa região de clima semelhante podem ser usadas, porém são tais os caprichos do “tempo”, que o engenheiro nunca poderá estar seguro se tais dados satisfazem as condições climatológicas da região. Temendo errar, exagera os dados, o que resulta sempre num encarecimento do projeto.

Passaremos em revista os principais ramos da engenharia, em que são úteis os dados climatológicos.

Na construção

Os dados de velocidade máxima dos ventos são utilizados no cálculo do material que está sujeito aos esforços desse elemento. E' o valor da intensidade máxima dos ventos, observados por diversos anos, que pode servir de base ao engenheiro, afim de que não sejam introduzidas no cálculo força superior ou inferior a que é necessária para a região onde se constrói.

Na hidráulica

São de grande uso todos os dados relativos às precipitações. Nas regiões onde as chuvas são quasi nulas nalguns anos, onde é necessário a construção de açudes afim de que assegure à agricultura a umidade suficiente, os dados médios das precipitações, colhidos em diversos anos, são a mais segura base do sucesso de tais açudes. Nas regiões de desertos dos Estados Unidos, abandonaram-se açudes porque foram constituídos sem tomarem-se como base tais dados, e não satisfizeram aos fins a que se destinavam. O atual grau de aproveitamento, que se tem realizado em tais regiões, até alguns anos atrás, consideradas inaproveitáveis para agricultura, mostra quão úteis são os dados climatológicos, desde que sejam inteligentemente aproveitados.

Na engenharia sanitária

Tratando-se do saneamento de uma cidade, conforme o sistema de esgotos usados, os dados de intensidade máxima das chuvas são indispensáveis na resolução do problema.

No esgoto de águas pluviais, os mesmos dados servem de base à organização de projeto e a solução inteligente do problema depende, em parte, de um bom estudo de chuvas.

Na construção de portos

Na construção de portos, desde que estes sejam situados na foz de rios, os dados de chuva são importantíssimos no estudo do regime dos rios. Tal fato é evidenciado pelo uso feito dos nossos mapas de distribuição de chuvas, pela Comissão de obras do Pôrto do Rio Grande.

Na construção ou melhoramento de um grande número de portos, um projeto definitivo não poderá ser organizado sem o prévio estudo do regime dos ventos, na região onde está situado o pôrto.

Na instalação de moínhos de vento, como produtores de fôrça motriz, para condução de água nos grandes estabelecimentos agrícolas, são necessárias detalhadas análises de velocidade média dos ventos, nas épocas de menos chuva, afim de que tal fonte de energia possa sempre satisfazer os fins a que se destina.

Os engenheiros eletricitas

Os engenheiros eletricitas dedicam atenção ao estudo da umidade do ar, em relação à transmissão de correntes de alta voltagem. A umidade relativa influe nas perdas de energia.

São, finalmente, os dados de chuva que nos permitem o estudo do regime de um rio e, por conseguinte, beneficiam a navegação interior e os trabalhos de pontes.

NA MEDICINA

A posse dos dados climatológicos relativos à temperatura, umidade, ventos e insolação, podem prestar relevante auxílio à medicina.

A construção de um hospital deve ser sempre executada, tendo em vista a direção predominante dos ventos, grau de umidade que elles produzem, aspecto de tempo que trazem, etc. A posse de tais dados permite ao engenheiro efetuar a boa orientação das aberturas e conveniente distribuição de aposentos, de acôrdo com as necessidades apontadas pela medicina.

Os dados de insolação têm grande aplicação no estudo de curas de certas moléstias, entre ellas a tuberculose.

A umidade é também importante no estudo de um grande número de moléstias, entre as quais podemos apontar, ainda, a tuberculose.

Dados de temperatura são utilizados pelos médicos, para indicarem regiões favoráveis de moradia para seus clientes.

Dados de trovoadas têm grande importância no estudo de moléstias nervosas, o mesmo acontecendo com os dados de nebulosidade.

Finalmente todos os estudos médicos de propagação de certas epidemias, condições de salubridade, etc., tem como base os dados fornecidos pela climatologia.

NA MAGISTRATURA

Freqüente é o uso de dados meteorológicos, especialmente os de nevoeiro, nas decisões da magistratura.

Nos sinistros marítimos dos navios cargueiros, junto às costas de um Continente, muitas vezes é alegada a existência de denso nevoeiro. Os dados meteorológicos podem negar ou justificar tal asserção.

A sentença do magistrado, que determinará o pagamento pelas companhias de seguro, será sempre baseada nas informações climatológicas officiais.

Num crime, muitas vezes, uma testemunha afirma ter

visto um determinado fato. A existência de um forte nevoeiro registado nessa ocasião, mostra que, na distância em que ela se achava, era impossível distinguí-lo.

Outras vezes, uma testemunha afirma a existência de tempo mau na ocasião do crime, enquanto que outra afirma o contrário. A climatologia mostra ao magistrado qual das duas testemunhas é merecedora de confiança.

NAS INDÚSTRIAS

O conhecimento de determinados elementos meteorológicos pode auxiliar a escolha de pontos onde uma determinada indústria tem probabilidades de desenvolver-se favoravelmente, sem que as condições atmosféricas locais afetem o produto.

Tôdas as indústrias cuja matéria prima é o açúcar são muito afetadas pela umidade do ar. A climatologia pode fornecer dados, que indicam se a umidade média predominante será ou não suficiente para produzir uma alteração na qualidade do produto.

Na indústria de seda, também a questão de humidade do ar desempenha importante papel, e o sucesso de uma empresa pode, até certo ponto, depender das condições higrométricas da região onde tal indústria é explorada.

Em outras indústrias, é necessário levar em conta a percentagem de insolação como elemento secativo. Assim sendo antes que ela seja estabelecida é necessário o exame dos dados climatológicos dêste elemento meteorológico afim de que o sucesso da indústria seja garantido por êsse lado.

Nalgumas indústrias, onde parte do trabalho necessita ser executado no ar livre, é necessário examinar o número médio de dias de chuva, durante o tempo que tal parte dos trabalhos precisam ser executados, afim de que o cálculo da produção provável possa ser feito com antecedência.

Além disso, o conhecimento de tais valores médios permite uma melhor distribuição de operários, tendo em vista a maneira pela qual os elementos meteorológicos podem afetar

os trabalhos, e, por conseguinte, assegurar um melhor rendimento.

NA AGRICULTURA

O uso da Climatologia, na Agricultura, é tal, que, determinou, no Weather Bureau, a criação de uma secção especial, sob o nome de Divisão de Climatologia Agrícola.

AEROLOGIA

A palavra aerologia tem sido recentemente usada em Meteorologia e designa a parte desta ciência, que investiga os fenômenos nas camadas superiores da atmosfera.

Determinou o progresso dêste mais moderno ramo da Meteorologia, o desenvolvimento assombroso da Aviação e, também, ânsia de investigar com mais detalhe e tornar mais científica a arte de prever o tempo.

PREVISÃO DO TEMPO

As aplicações de uma previsão do tempo na vida prática de um povo, são tais, que é difícil dar uma relação exata de todos os seus usos nos diversos ramos da atividade humana.

Ainda mais, a possibilidade de aumento de sua utilidade cresce dia a dia à medida que novos meios de vida surgem com o aumento da população de um país, e não se pode prever num futuro próximo, como todos os detalhes, a maneira pela qual essas informações serão utilizadas.

A PREVISÃO DE TEMPERATURA

As estradas de ferro de tôdas as companhias de transportes fazem um contínuo uso desta previsão em tôdas as suas expedições. Produtos são protegidos contra temperaturas extremas, por meio de resfriamento ou aquecimento, conforme sua natureza exige. Uma determinada mercadoria, quando

sujeita a alterações por uma variação brusca de temperatura, pode ser transportada com preferência de outra que não está sujeita a tal fenómeno, indo assim esperar as condições desfavoráveis de temperatura em lugar seguro, onde não esteja sujeita a tal variação. A previsão de uma “onda de frio” (quando a temperatura baixa 9° ou 10° em 24 horas ou 11° em 36 horas) pode evitar que as companhias de transporte aceitem cargas que estejam sujeitas a ser alteradas pelo frio, enquanto a “onda” não tiver passado.

Esta previsão é usada mesmo com variações de temperatura entre limites mais próximos. Bananas por exemplo, devem ser conservadas numa temperatura cujos limites são 14° e 20°. Durante o tempo que são conduzidas, uma temperatura de 13° é suficiente para produzir uma alteração na qualidade.

Ao mesmo tempo uma temperatura superior a 20°, produz amadurecimento. Como a banana aquece rapidamente quando colocada nos carros, o problema de manter a temperatura torna-se delicado, sendo necessária cuidadosa ventilação e o conhecimento das futuras condições de temperatura ao longo de todo o caminho a percorrer.

Idênticas precauções, baseadas nas informações diárias de previsão e auxiliadas pelo estudo diário dos mapas que dão as condições do tempo, são aplicadas na condução de ovos, vegetais, frutas, lacticínios e outros produtos sujeitos às variações bruscas de temperatura.

O transporte de carne é feito de preferência em tempo fresco, ainda que o uso de frigoríficos evite perdas. Gado em pé, porcos, ovelhas, etc., não são transportados tôda a vez que uma “onda de calor” é anunciada.

Altas temperaturas são também perigosas no transporte de ostras e peixes e a quantidade de gelo utilizada na sua conservação, depende unicamente da “previsão de tempo”.

As previsões diárias e as notícias das condições gerais do tempo permitem determinar para onde devem ser enviados muitos artigos de uso dependente do aspecto do tempo. O

movimento de ovos num mercado, por ex. é usualmente seguido duma forte leva desta mercadoria do Oeste para os mercados de Leste em antecipação da alta de preços.

A mesma previsão é esperada atentamente pelo negociante de cerveja e vinhos. Transporte de vinho é evitado até que a onda tenha passado e muitos cervejeiros deixam de remeter carregamentos de cerveja, quando a distância a percorrer é superior a 60 milhas e uma temperatura mínima de 7° é esperada.

Nas cidades a utilidade de uma previsão de “tempo” é bem maior do que geralmente se julga.

A previsão de uma “onda de frio”, por exemplo, é largamente utilizada.

As estufas de flores são fechadas e aquecidas convenientemente.

Os trabalhos em concreto param. As fábricas de cerveja tomam precauções com os condensadores e as ligações d’água.

Companhias de bondes e estradas de ferro tratam de aquecer os seus carros. Os gazômetros aumentam a produção. Os negociantes de fazendas preparam os artigos apropriados com antecedência. E’ diminuída a produção do gêlo. Protegem o ferro contra a ação da umidade acompanhada de forte queda de temperatura. As pessoas doentes podem precaver-se contra o frio. Os hospitais tomam medidas destinadas a evitar o mais possível a ação da temperatura baixa sôbre os diversos doentes.

Operações cirúrgicas que não devem ser executadas com uma baixa repentina de temperatura e que ao mesmo tempo não devem ser adiadas, podem ser executadas com antecedência.

A agricultura é o ramo da atividade humana em que a meteorologia pode prestar maiores benefícios. Nos distritos agrícolas são extraordinários os benefícios que a previsão de uma “onda de frio” ou uma formação de geada, pode prestar.

Na primavera os vegetais tenros são protegidos cobrindo-os com papel; as frutas são salvas pela produção de fumaça ou aquecimento de ar por meio de estufas (usadas na Florida, porque observaram que a fumaça prejudica o sabor da fruta) ou ainda irrigando o solo, isto é, usando meios destinados a manter a temperatura acima do ponto perigoso. Feijão, uvas podem ser salvos, colhendo-os antes da chegada da "onda de frio". Fumo e milho podem ser cortados com antecedência. A colheita de batatas é parada e a batata colhida removida para lugar abrigado.

A cana de açúcar também pode ser cortada com antecedência e os resultados benéficos disto são notados nos distritos da Lousiana.

A pecuária é também beneficiada com uma previsão de temperatura.

Os criadores de porcos aproveitam a chegada duma "onda de frio" para efetuar a matança dêsses animais. (No Rio Grande onde a produção de banha desenvolve-se dia a dia, uma tal previsão terá uma grande importância).

Os criadores de ovelhas podem aproveitá-la também deixando de efetuar a tosquia quando uma baixa rápida de temperatura é anunciada.

A PREVISÃO DE CHUVA

As culturas que se desenvolvem na Califórnia a previsão de chuva é largamente utilizada. Essas colheitas, quando estão na época de secagem não podem sofrer a ação de chuva. Os agricultores fazem grandes montes que são devidamente protegidos, quando uma previsão de chuva é anunciada. Essa medida tem evitado grandes perdas todos os anos.

Frutos que são prejudicados pela chuva, podem ser colhidos com antecedência. Vegetais colhidos em tempo seco, conservam-se em melhores condições do que quando apanham chuva.

Na cultura de alfafa a previsão de chuva tem grande aplicação, porque essa forragem deve ser cortada e embalada em

tempo sêco. O mesmo benefício nota-se na alfafa cortada para semente, porque apanhando chuva depois de cortada perde o seu valor comercial.

Nos trabalhos de barro: tijolo, telha, tijoleta, tem também sua utilidade, porque tais trabalhos requerem proteção durante a sua manufatura, e o cimento deve ser protegido de 24 a 48 horas da ação da chuva.

Os médicos usam-na para aconselhar resguardo aos seus clientes quando estes são sujeitos a inflamações de garganta, nariz e ouvidos.

E' usada pelo dentistas que aproveitam os dias de chuva para trabalhos de prótese.

PREVISÃO DE TEMPORAIS

A previsão de um temporal tem grande utilidade em muitos ramos da atividade humana.

Uma tal previsão interessa muito os plantadores de arroz porque estes podem inundar as culturas, diminuindo assim a ação do vento forte que viria quebrar e em parte inutilizar a cultura.

Frutas podem ser colhidas com antecedência evitando que sejam derrubadas e machucadas, o que diminue o seu valor comercial.

Agentes de companhias de seguros marítimos, recusam aceitar seguros até que os temporais tenham sido previstos.

A saída de vapores é regulada pela trajetória dos temporais.

Pescadores evitam também sair quando se aproxima um temporal.

Nos grandes lagos dos Estados Unidos grande número de desastres têm sido evitados com a previsão dos temporais.

Entre a grande variedade de usos dos diversos elementos meteorológicos anunciados numa previsão de tempo, pode-se assinalar a sua aplicação na manufatura de certos artigos, onde uma pequena variação de temperatura, umidade e dou-

tros elementos meteorológicos, pode afetar a qualidade do produto. Isso é verdadeiro em certos estados da manufatura de anilinas, vernizes, óleos, cimento, cal, tijolos, papel, material fotográfico, todos os produtos de açúcar e diversos ácidos.

E' muito utilizada em tôda a classe de divertimentos públicos, teatros, companhias de excursões, etc.

Quantas doenças terríveis, entre elas a tuberculose, seriam evitadas se o povo conhecesse, com 24 horas de antecedência, as diversas mudanças dos elementos meteorológicos que afetam mais de perto a sua saúde.

Pequeno dicionário histórico e geográfico do município de Osório

(Antigo Conceição do Arroio) ⁽¹⁾

CONTRIBUIÇÃO PARA O DICIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO
RIO GRANDE DO SUL

por M. E. Fernando Bastos.

ABÓBORAS (Arroio das —) Arroio que nasce na serra e lança-se na lagoa da Pinguela, no 1.º distrito.

ÁGUA-BOA — Lugar situado no 6.º distrito, entre Cidreira e Palmares.

ÁGUA PARADA — Arroio tributário do rio Tramandaí. Banha a povoação de Cachoeira ou Fazenda, sede do 5.º distrito. Do Pôrto de Cachoeira para baixo é navegável, com o nome de rio da Água Parada. Em certo ponto, onde o rio muito se aproxima do curso principal (rio Tramandaí), correndo quasi em paralelo, foi aberto um valo, em perpendicular, ligando os dois rios. Com as enchentes, êsse valo alargou-se e tomou profundidade, permitindo isso que as embarcações que demandam o porto de Cachoeira sigam pelo rio Tramandaí até o valo, e por êste, alcancem o rio Água-Parada. Continua entretanto, o curso primitivo do Água-Pa-

(1) Recebemos êste interessante trabalho em fins de 1935. Motivos vários só agora permitiram sua publicação. — N. R.

rada até sua foz do Tramandaí, que fica nos campos do Jaguarão ou Borba. Do valo para baixo o rio antigo está tomado de água-pés e muito raso em vários pontos; pelo que chamam esta parte de **Rio Morto**. Últimamente a administração municipal mandou construir um atêrro e um pontilhão, proporcionando ao público uma boa estrada que cruza êsse **Rio Morto**, facilitando muito as comunicações com a povoação de Cachoeira que, conforme ficou dito, é a sede do 5.º distrito municipal.

ÁGUA-PÉS — Lugar situado no 1.º distrito, na costa da serra, à margem da Lagoa do Morro Alto, entre os lugares chamados **Livramento** e **Salazar**. Ficava aí situada a antiga fazenda de Luiz da Silva Ferreira, que foi Capitão de Cavalaria Miliciania do Continente do Rio Grande do Sul, em 1803. Essa fazenda abrangia 1.500 braças de frente e se formara pela junção de três diferentes concessões feitas pelo General Rafael Pinto Bandeira, de 500 braças de frente cada uma delas. Foram concessionários Luiz da Silva Ferreira, Felizardo de Faria Santos e João Inácio do Nascimento. O primeiro, Luiz da Silva Ferreira, adquiriu por compra os terrenos pertencentes aos dois outros. Em 1813 foi essa fazenda medida e demarcada judicialmente. Dividia-se ao norte, com terras de José Peixoto ou Jacinto Nunes; ao sul, com ditas de Gonçalo de Oliveira Preto, fazendo frente à lagoa do Morro Alto (Pinguela) e fundos às vertentes da serra. Por ocasião dessa medição já não existia Luiz da Silva Ferreira. A fazenda estava na posse de sua viúva D.^a Luciana Assunção. Existiam nessa fazenda em 1813, fábricas de aguardente e de farinha de mandioca.

ÁGUA-PÉS — Arroio que nasce na Serra e desagua na lagoa do Morro Alto. E' também chamado Arroio do Salazar.

AGUDO — Morro situado na Colônia Borrussia, na divisa dêste com o município de Santo Antônio da Patrulha. Tem 400 metros de altura.

ÁGUAS-CLARAS — Lugar situado no 2.º distrito, perto do "Espigão".

ÁGUAS-CLARAS — Lugar situado no 1.º distrito, nas proximidades do "Capão da Areia".

ÁGUAS-CLARAS — Arroio, afluente do Rio Tramandaí, no 4.º distrito.

AGRIÃO (Arroio do —) Arroio que nasce na serra e lança-se na lagoa da Pinguela, no 1.º distrito.

ALTO — Veja **Morro Alto**.

ALTO (Capão —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda do Quintão.

ALTO (Capão —) Lugar situado no 1.º distrito, na fazenda do Palmitar.

ALTO (Capão —) Lugar situado no 1.º distrito, à beira da estrada de Tramandaí.

ALTO (Capão —) Capão situado no 2.º distrito, junto aos cômodos da costa do mar, nas imediações do “Capão da Canoa”.

ANITA GARIBALDI — Colônia de pescadores fundada em 1921 pelo Comandante Frederico Vilar, em Tramandaí, recebeu oficialmente a designação Z. 10.

ANTAS (Arroio das —) Veja **Arroio das Esperas**.

ANTAS (Arroio das —) Denominação antiga de um arroio existente nas proximidades da Pinguela.

ANANAZ — Lugar próximo ao Caconde, no 1.º distrito.

ARROIO — Lugar situado no 1.º distrito, junto à lagoa de Tramandaí. Fica aí situada a Fazenda do Arroio que pertenceu a Tomaz José Luiz Osório, avô do grande General Brasileiro. Foi nessa fazenda que nasceu em 10 de maio de 1808 o valente cabo de guerra General Manuel Luiz Osório, filho do casal Manuel Luiz da Silva Borges e D. Rosa Cardoso Osório. A estância do Arroio fôra comprada a José Cardoso Osório. Dela obteve concessão definitiva D. Rosa Joaquina de Souza, viúva de Tomaz José Luiz Osório e cabeça de casal. Do título de concessão constam os seguintes limites: “Por uma parte com uma ponte que dá trânsito ao Arroio que vai ter por lagoas ao mar grosso; por outra, com a lagoa de Tramandaí; por outra, com umas lagoas e matos que com os poteiros da mesma Estância extremam com casais moradores da mesma Freguesia da Conceição, e por outra, com terras da Estância de Antônio Ribeiro Morais e ao presente (época da

concessão) da herança do Sargento Mor Custódio de Souza Oliveira.

ARROIO (Capão do) — Praia Balnear Marítima situada no 7.º distrito, entre as de Tramandaí e Tôrres. Também é chamada Praia do Capão da Canoa. O nome de Capão do Arroio vem da circunstância de ser ali o ponto onde vem lançar-se no mar um arroio que tem suas nascentes no campo. Esse arroio é conhecido por “Arroio da Pescaria”.

Regularmente desenvolvida, a praia do Capão do Arroio ou da Canoa conta alguns bons hotéis, entre eles os de propriedade dos senhores Alberto Mury e Henrique Rœnau, e muitas moradias particulares. Dispõe de comunicações telefônicas com a sede do Município. Dista esta praia Balnear pouco mais de um légua do pôrto de “João Pedro”, servido pela navegação entre Conceição do Arroio e Tôrres.

Em 1930 foi aí levantado um farol de cimento armado. Este farol fica equidistante dos de Cidreira e Tôrres.

AREIA (Capão da —) Capão situado no 1.º distrito, à beira da estrada que conduz a Tramandaí. Dista da sede do município, aproximadamente, 6 quilômetros. Capão situado no 7.º distrito, à beira da estrada que segue para Tôrres, nas imediações do lugar denominado “Poços”.

AREIA (Rio da —) Veja rio do Gildo.

ARROIOS — Lugar situado no 7.º distrito, no campo.

ARROIO GRANDE — Lugar situado no 1.º distrito, atrás da Serra das Larangeiras.

ARROIO FUNDO — Lugar situado no 5.º distrito, à margem da lagoa dos Quadros.

ARAÇÁ (Capão do —) Lugar situado no 7.º distrito, no campo, nas imediações da **Tapera**.

ARAÇÁ — Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda de S. Bernardo, próximo a Palmares. Aí ficavam situados antigamente a moradia e estabelecimento pastoril de João Rodrigues Salazar.

ARMAZÉM — Parte da lagoa de Tramandaí que tem essa denominação. Dizem que à margem meridional da referida lagoa existiu antigamente um depósito e que Garibaldi quando ali chegou com seus lanchões, vindo de Capivarí, foi

naquele ponto que os lançou à água. Na época em que Silva Pais aportou ao Rio Grande, difficilmente êle poderia encontrar meios para abastecer de víveres, regularmente, por via marítima, a tropa que alí fêz desembarcar. Procurou a Laguna. Dalí vinham mantimentos, principalmente a farinha de mandioca. O transporte era feito em carretas até a lagoa da Itapeva, nas Tôrres. Existia alí um primeiro depósito (ainda existe o Morro do Armazém) onde a mercadoria era recebida para seguir depois em lanchões e embarcações a vela até a lagoa de Tramandaí onde ficava o segundo depósito. Dêste ponto em diante o transporte passava a ser feito em carretas tiradas a bois pela antiga estrada que ia ter ao Rio Grande. Eis explicada a origem do nome da lagoa do “Armazém”.

ATERRADO — Lugar situado no 7.º distrito, junto à Barra do Quirino, na extremidade meridional da lagoa da Itapeva. E' também conhecido por “Quirinos”.

ATRÁS DA SERRA — Por êsse nome é conhecida tôda a região de matos que fica sôbre o planalto, à beira da Serra, a Oeste da Vila de Conceição do Arroio, compreendendo os lugares denominados Goiabeira, Larangeiras e Borrussia, no 1.º distrito.

BACOPARÍ — Lugar situado no 6.º distrito, na Fazenda da Charqueada, próximo à divisa com o Município de S. José do Norte. Projeta-se aí a criação de uma capela católica.

BANANEIRA — Lugar situado no 2.º distrito, próximo à serra do mesmo nome. Existe nesse lugar uma capela católica, subordinada à Paróquia de Conceição do Arroio.

BANANEIRA (Serra da —) Contraforte da Serra Geral, no 2.º distrito, na divisa com o Município de S. Francisco de Paula de Cima da Serra. Existe alí uma estrada para cargueiros que conduz aos campos de Cima da Serra.

BANANEIRA (Arroio da —) Arroio que nasce na serra do mesmo nome e desagua no rio Três-Forquilhas, à margem direita, abaixo da confluência do rio do “Pinto” e dos “Carvalhos”.

BARROS (Lagoa dos —) Extensa lagoa que fica na divisa com o município de Santo Antônio da Patrulha, na costa da

Serra. Seu primitivo nome foi Lagoa Formosa. Mais tarde tomou o nome de lagoa do "Defunto Barros" porque Manuel de Barros Pereira fôra o concessionário de grande extensão de campos banhados pela dita lagoa. Por idêntica razão chamou-se também mais tarde "Lagoa do Machado Gomes". E' navegável em tôda sua extensão. Por enquanto não é navegada. Diz a lenda que aparecem ali, à noite, sôbre as águas, ninfas montando belos corcéis brancos, enquanto que um rumor estranho quebra o silêncio daquelas paragens e um vento todo misterioso agita fortemente as águas da lagoa. Diz uma outra versão lendária que em noites de luar, em determinados lugares da praia ocidental dessa lagoa, aparece uma moça lindíssima coberta de tênue véu branco, ostentando basta e ondulada cabeleira dourada, que lhe chega quasi aos pés. Costuma ela pedir um pente. O mortal que conseguir trazer-lhe êste objeto, guardando o mais rigoroso segredo, quebrará o encanto e receberá enorme tesouro que se encontra misteriosamente oculto em lugar próximo à lagoa. Ao contrário, morrerá irremediavelmente no dia seguinte ao da aparição. Mais de uma pessoa, levadas por essas lendas, já têm feito excavações em lugares onde têm imaginado existir a cubiçada riqueza. Afirma-se que alguém já conseguiu encontrar um boião contendo onças de ouro. Outras pessoas têm visto nessa mesma lagoa, a horas tardias, linda e alterosa embarcação feèricamente iluminada e de velas amplas e douradas. E' freqüente, em dias de forte vento, principalmente de S. O. levantarem-se nessa lagoa trombas d'água que atingem altura considerável. Em certas épocas do ano cobrem-se as águas de uma grossa camada de limo muito verde. Antigamente teve também esta lagoa o nome de "Lagoa do Moreira" porque, em época anterior a 1779 esteve de posse, por muitos anos, de alguns campos à margem da mesma lagoa, João Moreira de Lemos ou João Moreira de Godoi. A viúva dêste possessor — Simoa da Cunha — obteve depois a concessão dos ditos campos, para ela e seus filhos. Essa concessão formou a "Sesmaria da Praia" ou "Sesmaria das 375 braças" que passou ao domínio de Antônio Machado Gomes e outros. A lagoa do Barros despejava antigamente para os banhados do

Capivari por um sangradouro que existia no lugar onde é ainda atualmente a divisa dos Municípios de Conceição do Arroio e S. Antônio da Patrulha. Aconteceu que este sangradouro obstruiu-se. As águas da lagoa cresceram muito transbordando e alagando os campos baixos ribeirinhos. Foi então que Antônio Machado Gomes e Manuel Marques de Souza, desprezando o antigo sangradouro, abriram um outro escoadouro formando-se, assim, o sangradouro que ainda existe e que é mais aproximado da serra. Tendo ficado descoberta uma regular faixa de terreno com o abaixamento do nível da lagoa, houve quem pretendesse requerer a concessão dessa faixa de terras. Antônio Machado Gomes e Manuel Marques de Souza opuseram-se, impedindo a concessão com a seguinte resposta que deram ao requerimento do presidente: “Em 10 de Julho de 1752, Bento José Pires obteve por Sesmaria do Exmo. Sr. Gomes Freire de Andrade meio quarto de legua de largo, com legua e meia de comprido principiando das vertentes do sitio e á margem da praia té a chamada Capivary, como consta da propria carta de Sesmaria que conservamos os que somos hoje desta limitada Sesmaria. Naquelle tempo a indicada lagôa fazia a sua margem no proprio lugar em que hoje se acha, cujo beneficio é devido aos respondentes aqui assinados, pois: Não haverá hua só pessoa que possa contradizer que aquella lagôa com as grandes e continuadas enchentes havia crescido de tal forma que já montava e inundava o pequeno campo que os respondentes possuem, por ser campo de varge, e porque se havia entulhado hum sangradouro por onde aquella lagôa despejava para Capivary, e vendo-se que com similhante crescimento da lagôa e inundação do campo viriam a perder tanto os seus animaes, como o campo, passaram com grande trabalho a abrir hum novo sangradouro, pelo qual fazendo a lagôa o seu despejo se tornou ao seu primeiro ser: desta verdade é V. Sa. testemunha assim como o são os mais moradores, quer do Termo da Freguezia desta Villa (S. Antonio) como os da Freguezia da Serra (Conceição do Arroio). Com esta deligencia e trabalho dos respondentes, baixou aquella lagôa a distancia de vinte braças com pouca diferença, e neste lugar ainda continúa a

deligencia dos respondentes, que foi em plantarem sobre aquella areia que a lagôa deixava em varias partes torroens com capim, não só a beneficio de seus animaes como para que aquellas areias com os continuados ventos não fossem cobrindo os campos que principiavam a cobrir e que inda hoje se vê coberta grande parte do dito campo. Em cujas circunstancias, e sendo a nossa Sesmaria confrontada pela margem da praia, parece que de direito a nós nos deve pertencer, e com direito nos devemos opôr á pretensão da supplicante que só se encaminha a futura inquietação, pois, não excedendo a distancia que baixou a lagôa de vinte braças ou vinte huma braças quem tem uma tão limitada quantidade nunca poderá alli conservar animaes sem perturbação e inquietação dos Respondentes por se passarem os animaes para o pequeno campo dos Respondentes, cuja circumstancia se deve muito atender, isto hé, a parte que respeita ao cumprimento da sua dita Sesmaria. V. Sa. sabe assim como todos os moradores deste Terreno sabem, que o pequeno campo que daquelle primeiro Sesmeiro Bento José Pires, hé hoje possuido por dez possuidores e que para poderem criar á proporção da parte que respeita a cada um, por louvação então ordenada pelo Governo desta Provincia, somente criar cada um vinte cinco rezes, tirando-se porém todos os anos as produções. Hé o que presentemente respondemos e V. Sa. informará aos Exms. Snrs. do Governo com a verdade de que costuma. Vila de Santo Antonio da Patrulha. 11 de Março de 1822. Signal de Antonio Machado Gomes. Signal de Manoel Marques de Souza”.

BARROS (Sesmaria de —) Denominação antiga do lugar atualmente denominado Passinhos e suas imediações. A sesmaria de Barros foi concedida a Manuel de Barros Pereira por título expedido no Rio de Janeiro de 1777. A viúva do concessionário casou-se com João Pereira Chaves. Era ela Laureana Joaquina Pereira. Êste casal por escritura de 12 de abril de 1787 vendeu estes campos a José Pereira Marques e outros. Antes disso havia sido desmembrada da sesmaria uma parte que formou a Fazenda das Pitangueiras pertencente a Francisco da Silveira Peixoto, o qual obteve uma

parte por doação do referido Manuel de Barros Pereira, em dote de casamento, e o restante por compra a José Rodrigues de Figueiredo. Êste restante, constituía os quinhões hereditários de dois herdeiros de Manuel de Barros Pereira. Pelas confrontações constantes do título de concessão, a Sesmaria de Barros dividia-se pelo Norte com a lagoa (do Barros); pelo Leste com os campos de Francisco Xavier, André da Fonseca e João Pinto da Mota e pelo Sul, com Bernardo Pinto Bandeira. Figuraram como compradores na escritura de venda passada por João Pereira Chaves e sua mulher Laureana Joaquina Pereira, José Pereira Marques, Manuel Correia da Silveira, Manuel Antônio de Souza, José Luiz Viegas, e Luzia de Souza.

BATATAL — Lugar situado no 3.º distrito, próximo às “Pitangueiras”. Veja “Luciano Pinto”.

BARRANCEIRAS — Lugar situado à margem da lagoa do Morro Alto, no 5.º distrito.

BARRA DA DOMINGA — Lugar situado na Colônia Borussia, no 1.º distrito, próximo ao núcleo colonial “Fraga”.

BARRIL (Capão do —) Capão situado junto à estrada que conduz de “Pitangueiras” a “Palmares”, na divisa da Fazenda da Galinha com a de Luciano Pinto.

BARRACÃO — Lugar situado no 5.º distrito.

BARCO (Capão do —) Capão situado no 7.º distrito, junto aos cômodos da praia do Oceano enfrente à “Tapera”. Vem o nome do fato de haver dado à costa junto ao dito capão, há muitos anos, um barco de vela.

BARRA DO OURO — Veja “Marquês do Herval”.

BARREIROS — Lugar situado no 6.º distrito, na “Fazenda do Patrimônio”.

BARRA (Mato da —) Lugar situado na Sesmaria de Palmares, no 6.º distrito, contra a barra do rio Palmares.

BORRUSSIA — Colônia fundada por João Enet em 1888. Fica situada no planalto, nas proximidades da Vila de Conceição do Arroio. Entre os anos de 1884 e 1886, o Govêrno da Província, depois dos competentes processos de legitimação, concedeu diversas áreas de terras naquele lugar aos seguintes posseiros: Antônio Inácio Machado, Felicidade Joa-

quina de Jesús, Manuel José de Souza Costa, Amaro Antônio Pereira, Felisbino José Pires, Manuel Teixeira de Miranda, Clara Maria de Souza, Domingos da Silva Peixoto, Laurentino Francisco Ferreira, Manuel Luiz Alves, José Gonçalves de Oliveira, Jerônimo Antônio de Souza, Zeferino Antônio de Oliveira, Manuel José de Souza Costa, Quintino José Teixeira, Cândido Rodrigues Pereira e José Ferreira Vidal. Dêstes concessionários, em várias datas, João Enet adquiriu por compra 134.364.400 metros quadrados de terras. Mandando proceder a um levantamento geral e subdivisão em lotes, fundou João Enet a Colônia á qual deu o nome de "Colônia Borruссия".

A princípio, devido à falta de meios de comunicação, muito lutou João Enet para estabelecer colonos naquelas terras. Porisso, além, de ter estabelecido preços baixos para os lotes coloniais, ainda os vendia a longo prazo. Depois que foi construída uma estrada de rodagem da Vila de Conceição do Arroio, até as imediações do núcleo colonial Bocó, atravessando a colônia Borruссия em grande parte, a colonização desta se fêz mais rapidamente. Hoje, segundo cálculos estatísticos, bem aproximados, a população é ali superior a 600 almas, predominando a nacionalidade italiana. Na colônia existe uma escola estadual, que conta grande freqüência. Construíram há alguns anos uma capela católica. Possui também um cemitério. As terras prestam-se bem para a cultura do milho, do feijão, do trigo e da mandioca, havendo também excelente material para olaria. Existem ervas e abundante casca para cortume.

BÓCA DA ESTIVA — Lugar situado no 7.º distrito e nas proximidades da "Tapera", nos campos que pertenceram a Severino José Alves.

BOA VISTA — Lugar situado no 7.º distrito, aproximadamente 6 kms. adiante do Sangradouro dos Cornélios, onde existe uma capela consagrada ao Bom Jesús. Essa capela foi fundada pelo Snr. Manuel Antônio de Quadros há cerca de 16 anos. E' de madeira e fica à margem direita da estrada. A primitiva capela ali existente, menor que a atual, ficava à esquerda do caminho. Anualmente é celebrada ali

a festa do Bom Jesús, a 6 de agosto. — Lugar no 4.º distrito, no alto da Serra, na estrada que liga a sede do distrito, ou seja a colônia Marquês do Herval, à cidade de Taquara.

BOIS (Rincão dos —) Lugar situado no 6.º distrito, próximo às cabeceiras do Rio Palmares. — Lugar situado no 3.º distrito, nas proximidades do “Rincão das Custódias”.

BONITO (Arroio —) Arroio tributário do rio da “Sanga Funda”. Atravessa a Sesmaria dos Quadros. — Arroio tributário do rio dos “Três Pinheiros” ou “Encantada”, no 2.º distrito.

BOM RETIRO — Veja Retiro.

BOM RETIRO (Arroio —) Arroio tributário do rio dos “Três Pinheiros” ou rio “Encantada”.

BORBA — Veja ilha do Borba.

BOCÓ (Arroio —) Arroio que nasce atrás da Serra da Pinguela e separa parte das terras da Colônia Borrussia, do núcleo Colonial de Bocó pertencente à colônia Vila Nova. Serve, em parte, de divisa deste com o Município de Santo Antônio da Patrulha.

BOCAÍNA (Arroio da —) Afluente do rio Tramandaí.

BOIADA (Capão da —) Capão na Fazenda do Patrimônio, situada no 6.º distrito.

BUTIATUBA — Lugar situado no 6.º distrito, logo além da ponte de Palmares. Vem o nome da grande quantidade de pés de butiá que ali existem, em estado silvestre. — Lugar situado no 7.º distrito, próximo à Boa Vista.

BURROS (Capão dos —) Capão situado na Fazenda de “Frei Bastião”, no 6.º distrito.

CABRAS — Lugar situado na costa do mar, entre Tramandaí e Cidreira. Em algum tempo existiram ali vários ranchos onde os moradores das imediações iam fazer estação de banhos.

CACHOEIRA (Linha —) Linha colonial situada no 4.º distrito, à margem do rio Tramandaí, também denominado Linha 14 de Julho, aliás, seu nome oficial.

CACHOEIRA — Povoação. Sede do 5.º distrito Municipal. Foi fundada em 1914 por iniciativa de Tomaz Teixeira

da Roza. Fica situada à margem direita do rio “Água Parada” e dispõe de um pôrto fluvial. Conta, aproximadamente 80 prédios, entre os quais alguns de alvenaria e de boa construção. Sua população orça por 500 almas. Existe alí uma belíssima igreja católica dedicada a Santo André, que é o padroeiro do lugar. Foi inaugurada em 1930 com a presença do Exmo. D. João Becker, Arcebispo Metropolitano. Na mesma povoação existem um grupo escolar, mantido pelo Estado, dois hotéis, várias casas comerciais, pequenas fábricas, olaria e um engenho de arroz. E’ um lugar pitoresco, muito aprazível e futuroso. Últimamente foi alí instalada uma pequena usina elétrica. E’ do teor seguinte o ato Municipal que criou o 5.º distrito: — Ato n.º 109 de 13 de março de 1914. Cria o 5.º distrito Municipal, denominado distrito de Cachoeira. Manuel E. Fernandes Bastos, Intendente Municipal de Conceição do Arroio. Considerando ser por demais extenso o território pertencente ao atual quarto distrito, circunstância esta que dificulta a boa distribuição da justiça e impõe que se proporcione a grande parte da população a comodidade necessária no contacto com os respectivos funcionários públicos; considerando, ainda, que por motivo da mesma circunstância, não pode ser de completa eficácia a ação da polícia administrativa e se torna também difícil a ação da polícia judiciária; considerando mais que além das razões expostas concorre a de ser o Município prejudicado em suas rendas, pela impossibilidade de uma fiscalização regular; resolve, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 15 § 15 da Lei Orgânica do Município, decretar: Artigo 1.º — Fica criado no Município mais um distrito, composto de parte do 4.º o qual se denominará Distrito da Cachoeira e terá a numeração de 5.º, sendo sua sede no lugar denominado “Fazenda”. Artigo 2.º — O novo distrito terá as seguintes divisas: Com o 4.º distrito: Pelo saco do “Pinheiro”, a terminar na barra do arroio do mesmo nome; daí, pelo rio da Cachoeira até a “Volta” da Timbaúva e dêsse ponto, ao nordeste, pela linha Divisória Norte da Sesmaria dos Pelúcios, de forma que fique pertencendo ao 4.º distrito o Fachinal do Oliveira e todo o território colonizado pelo Estado. Com o 2.º distrito se divi-

dirá pela estrada do Morro dos Costas até a praia da Lagoa dos Quadros. Com o 1.º distrito se dividirá pela porteira do Salazar, desde a Serra até a praia da Lagoa do Morro Alto. Artigo 3.º — Revogam-se as disposições em contrário. Intendência Municipal de Conceição do Arroio, 13 de março de 1914. Manuel E. Fernandes Bastos.

CACONDE — Lugar situado no 1.º distrito. O nome é antiquíssimo. Pertenceu o rincão do Caconde, compreendendo não somente a parte hoje denominada Caconde, propriamente dito, como toda a extensão que mais tarde passou a chamar-se “Palmital”, limitada ao Norte e ao Leste pelo rio Tramandaí, a Manuel de Barros Pereira e sua mulher Laureana Joaquina Pereira. Este casal fez venda dessa extensão de terras a Francisco Teixeira por escrito particular datado de 28 de setembro de 1775. Consta deste escrito de venda o seguinte: — “Uma sorte de campos de criar denominada de Caconde”. Tendo posteriormente falecido Manuel de Barros Pereira a viúva deste casou-se com João Ferreira Chaves. (Em alguns documentos lê-se João Ferreira Chaves; em outros, João Pereira Chaves. Do mesmo modo, em alguns, Laureana Rosa e em outros, Laureana Joaquina Pereira). Este segundo casal, por escritura pública lavrada em 9 de outubro de 1797, ratificou aquela venda, ampliando a descrição do terreno conforme se vai ver: huns faxinaes, algum campo e seus mattos no districto de N. S. da Conceição do Arroio nos quaes incluem dois costados de lagôa e sangradores das mesmas, cujos rincões se denominam ainda hoje Palmital do Caconde, ficando este dividido pela parte do Oeste pela estrada que segue da lagôa do referido “Caconde” e vae para a “Pinguella” e aquelle se divide pelo Leste pelo rio que divide e desagua na lagôa do “Morro Alto” para “Tramandahy”. Francisco Teixeira e sua mulher, Quitéria Joaquina de Araújo, fizeram doação de todo esse terreno a seu genro Antônio Felipe Martins (1797). Decorridos alguns anos (1803) Antônio Felipe Martins e sua mulher Antônio Joaquina de Araújo venderam o rincão do Palmital ao mencionado doador Francisco Teixeira, depois de terem transferido o seu domínio, sobre o outro rincão (o do Caconde) a Antô-

nio Gonçalves Pereira, em virtude de permuta celebrada em 1797. Uma parte do rincão do Caconde, chamada Grama, foi vendida a Trajano José Lisboa e a parte restante passou para o domínio de Maria da Conceição em virtude da venda que lhe fêz em data de 20 de dezembro de 1808 a viúva do mencionado Antônio Gonçalves Pereira, D. Luzia de Araújo Vilela. Maria da Conceição fêz medir e demarcar judicialmente, em 1813, o terreno do Caconde.

CACONDE (Lagoa do —) Pequena lagoa que faz parte da série que tem por início a do “Marcelino” junto à Vila de Conceição do Arroio e termina com a da “Caieira”, junto à lagoa do “Passo”. E’ também chamada lagoa da “Maria Caetana”.

CACONDE (Canal do —) Canal artificial mandado abrir pelo Governo do Estado, ligando as lagoas da “Pinguela” e “Peixoto” e permitindo assim a ligação fluvial entre Conceição do Arroio e Tôrres. Tem quasi dois quilômetros de extensão e é francamente navegável para embarcações até 1^m,50 de calado. Terminada a regularização e o revestimento dos taludes com relva e a arborização marginal para fixação das areias, pode-se afirmar que será um trecho bellissimo da linha fluvial — Conceição do Arroio-Tôrres. — Os trabalhos de dragagem foram feitos pela Draga Garibaldi nos anos de 1919 e 1920.

CAIERA — Lugar situado no 1.º distrito, próximo ao Passo da Lagoa. Antiga Fazenda que pertenceu a Maria da Encarnação, a quem foi concedida por título de 23 de janeiro de 1822 assinado pelo então Governador da Província. O rincão da Caieira passou depois a pertencer, em partes iguais, a Joaquim Silveira da Cunha, casado com Luíza Maria de Jesús e a Joaquim José de Souza Bitencourt, casado com Leonarda Joaquina de Araújo. Os atuais condôminos dêsse campo já promoveram a sua divisão judicial, estando a respectiva ação em juízo.

CAEIRA (Arroio da —) Arroio que nasce na Colônia “Borrussia” e vem lançar-se na planície, junto à Vila, formando as nascentes da Sanga que desagua na lagoa do Barros, com o nome de “Sangradourozinho da Praia”. Essa

sanga percorre no seu sentido longitudinal extensa e bela campina que foi outrora banhados impenetráveis, denominados “Banhados da Freguesia”. Na época da fundação da Freguesia, êsse arroio era forte. As imediações eram então conhecidas pelo nome de “Sítio do Arroio” e foi êsse lugar ou sítio o escolhido pelo benemérito Governador José Marcelino de Figueiredo para o estabelecimento da Povoação que é a atual Vila de Conceição do Arroio. Daí o seu nome — N. Sra. da Conceição do Arroio.

CAPÃO DA CANOA (Praia do —) Praia Balnear. Veja “Capão do Arroio”.

CAPÃO DA CANOA — Lugar situado no 7.º distrito. A fazenda do Capão da Canoa é um desmembramento da antiga fazenda pertencente a Inácio José de Araújo e abrange a parte que foi comprada por Manuel Marques da Rosa, na divisa com terras pertencentes à família Silveira.

CADEIA (Lagoa da —) Pequena lagoa tributária da de Tramandaí.

CADEIA (Rincão da —) Lugar situado no 1.º distrito. O “rincão da Cadeia” constituindo uma *data*, foi como tal concedido a um dos primeiros povoadores da freguesia de Conceição do Arroio.

CABO VERDE — Lugar situado no 6.º distrito, na Fazenda de Palmares, a 6 quilômetros de distância da ponte dêsse nome.

CAPIVARÍ — Lugar situado no 6.º distrito e banhado pelo rio do mesmo nome. Encontra-se ali em determinados pontos barro excelente para fôrmas de fundição. Este material é extraído e exportado para vários pontos do Estado.

CAPIVARÍ — (Rio) — Nasce na lagoa do Barros com o nome de “Sangradouro do Machado Gomes” e vai lançar-se na lagoa dos Patos com os sucessivos nomes de Galinha, Quilombo, e finalmente, Capivarí. O seu percurso é, aproximadamente, de 459 kilometros. São seus tributários, pela margem esquerda, as sangas da “Galinha” e do “Quilombo”. Sobre êsse rio, na estrada que conduz a Viamão, existe uma ponte de superstrutura metálica, mandada construir pelo Govêrno do Estado em 1914.

CAPOROROCAS — Lugar situado no 3.º distrito, na fazenda da Cidreira, próximo á praia balnear dêsse nome.

CAVALHADA — Lugar situado no extremo do 6.º distrito, na fazenda da charqueada, na divisa com o Município de S. José do Norte.

CARRAXI — Lugar situado no 3.º distrito, próximo à “Estância Velha.” Passa por ali a estrada que vai de Passinhos a Tramandaí.

CARRAXI (Capão do —) Pequeno capão situado no lugar do mesmo nome, no 3.º distrito.

CARNEIRO (Rincão do —) Lugar situado no 3.º distrito, próximo ao “Rincão das Custódias”.

CASA DAS TELHAS — Lugar situado no atual 7.º distrito, à margem da “Lagoa dos Quadros”, contra a serra. É denominação antiquíssima que se vê em documentos anteriores a 1800. Deve ter existido à margem da referida lagoa, em época muito remota, algum estabelecimento com cobertura de telhas, distinguindo-se consideravelmente dos outros que, em geral, eram cobertos com esteiras de palha.

CASA DE TELHAS (Lagôa da —) Veja lagoa dos Quadros.

CASA DE TELHAS (Sangradouro da —) Veja “Sangradouro dos Cornélios”.

CASA DE TELHAS (Sangradourosinho da —) Pequeno sangradouro que desagua na lagoa dos Quadros, entre a barra do “Sangradouro dos Cornélios” e a do da “Ponte dos Quadros.” Tem suas nascentes em dois arroios que descem dos “Banhados dos Alves.”

CASA VELHA — Lugar situado no 6.º distrito, distante cerca de seis quilômetros do pôrto de Palmares.

CASAMENTO — Lugar situado no 6.º distrito, à margem da lagoa dos Patos. Dista da sede do distrito cerca de 30 quilômetros. Fica ali situada a fazenda do Sr. Antônio de Azevedo e Souza.

CASAMENTO (Lagoa do —) Parte da lagoa dos Patos que tem esta denominação.

CASAMENTO (Sanga do —) Veja “Sanga do Curral Grande.”

CASCA (Capão da —) Capão situado na Caieira, 1.º distrito, junto ao “Passo da Lagoa”. Vem-lhe o nome da circunstância de existir alí grande jazida de conchas, aproveitadas para o fabrico de cal, (cal de mariscos). Casca, é o nome que o povo dá a tais conchas.

CASQUEIRO — Lugar situado no 1.º distrito. A data do Casqueiro foi durante mais de um século propriedade da Paróquia de N. S. da Conceição do Arroio. De três em três anos era dada em arrendamento ao melhor proponente. Afi-nal, há poucos anos, adquiriu a sua propriedade, por compra que fêz à Mitra Arquiepiscopal, o Snr. Fábio Araújo, que já era proprietário de terrenos limítrofes.

CAMARINHAS — Lugar situado no 1.º distrito, nas imediações da “Pinguela”.

CARRO ATOLADO — Capão situado na fazenda da “Charqueada”, no 6.º distrito.

CARVÃO (Rio do —) Pequeno rio existente no 4.º distrito.

CANGALHA — Lugar situado no 5.º distrito, na costa da Lagoa dos Quadros, junto à Serra. Foi alí que Felisberto de Souza Oliveira obteve em 1798, a concessão de uma data de terras de matos. Essas terras passaram para o domínio de D. Felisberta Luíza Osório, prima irmã do General Osório, e outros.

CARAHÁ (Arroio —) Arroio que nasce na Serra e atravessa a Colônia Borrussia, indo lançar-se no rio dos Sinos. Domingos de Araújo e Silva, no seu dicionário histórico e geográfico da Província de S. Pedro denominou êste arroio **Carabá**, e Alfredo Varela, **Carajá**.

CARVALHOS (Rio dos —) Rio que nasce na Serra Geral, próximo à divisa com o Município de S. Francisco de Paula de Cima da Serra, no 2.º distrito, e faz junção com o rio do Pinto, formando o rio “Três-Forquilhas”, divisa de Conceição do Arroio com Tôrres.

CAPÃO GRANDE — Lugar situado no 7.º distrito, próximo ao “Capão da Canoa”.

CAPÃO COMPRIDO — Lugar situado no 1.º distrito, à beira da lagoa da Pinguela, na “Fazenda do Palmital”. Existe naquêlê lugar um cemitério.

CARRO ATOLADO — Lugar situado no 6.º distrito, na Fazenda da Charqueada.

CAPÃO REDONDO (Lomba do —) Lugar situado na Sesmaria de Palmares, no 6.º distrito.

CAPOEIRAS — Lugar situado no 7.º distrito, na costa da lagoa Itapera.

CERQUINHA (Lagoa da —) Lagoa existente na Fazenda da Cidreira e situada no 3.º distrito.

CERQUINHA — Lugar situado no 3.º distrito, na fazenda da Cidreira. Em 1923, houve nesse lugar um encontro entre as fôrças do Govêrno e fôrças revolucionárias ao mando do Coronel Luiz Gomes.

CÉU — Lugar situado no 5.º distrito, distante cêrca de 3 quilômetros da sede do mesmo distrito.

CHARQUEADA — Lugar situado no 6.º distrito, na divisa com o município de S. José do Norte. Nesse lugar existiu em época anterior a 1738 uma charqueada, montada, certamente, por alguns dos primitivos povoadores do Rio Grande. Em 1739, quando o Tenente Antônio José de Figueiroa e o Alferes Antônio José da Gama Lôbo (ambos dragões) requereram a concessão de uma sesmaria naquele lugar, declararam que alí estivera estabelecido Cristóvão Pereira de Abreu, dando ao lugar o nome de “Charqueada Velha”.

Tendo Manoel George adquirido por compra essa sesmaria aos ditos Figueiroa e Gama Lôbo, foi-lhe ela concedida por Gomes Freire de Andrade em 19 de agôsto de 1743, sendo confirmada a concessão em 9 de maio de 1744.

Na época da concessão dividia-se pelo Sul, com a estância do Carro e pelo Norte, com João da Costa Quitão e João Diniz Álvares. Pelo leste dividia-se com a estrada pública que “vai para Tramandai e Viamão”.

CHIQUINHO (Morro do —) Morro situado num dos contrafortes da serra, no 5.º distrito, próximo ao **Morro Alto**. Passa alí a estrada para cargueiros mandada abrir pela Inten-

dência Municipal em 1914, para facilitar as comunicações da sede com o 5.º distrito.

CHIQUEIRO — Lugar situado no 7.º distrito, próximo à Boa Vista.

CIDREIRA — Lugar situado no 3.º distrito. A Estância da Cidreira pertenceu a Manuel Pereira Franco, Almoxtarife que foi da Colônia do Sacramento. A fazenda da Cidreira abrangia pela sua concessão original 3 léguas de campo.

Manuel Pereira Franco adquiriu por compra 1, ½ léguas que pertenciam à Estância limítrofe, do Quintão. Essa fazenda passou por morte de Manuel Pereira Franco, e por herança, para o domínio do padre Anacleto Pinto Gomes Brandão, morador no Rio de Janeiro. Por escritura pública, lavrada em 25 de agosto de 1819, naquela cidade, pelo Tabelião José Pires Garcia, foi a referida Estância vendida a Luiz José Ferreira Saraiva pelo preço de 8:000\$000. Há alguns anos e a requerimento de vários condôminos, foi iniciada a medição e divisão da mencionada Fazenda, sendo encarregado do trabalho o Engenheiro Militar Tancredo Fernandes de Melo. A área encontrada dentro dos limites assinalados foi de 161.774.430 metros quadrados. A medição não foi homologada por sentença. A Estância da Cidreira tem as seguintes confrontações: — Ao Norte Fazenda da Fortaleza; ao Sul as do Quintão e Sobras; ao Leste as lagoas da costa do Mar, e a sanga ou banhado da Cidreira, ao Oeste.

CIDREIRA (Praia da —) Praia balnear marítima, muito antiga, situada entre as de Tramandaí e Quintão. Conta aproximadamente 100 casas entre elas alguns belos **chalets**. Existem ali uma capela, bons hotéis e hospedarias, além de casas comerciais, açougues, barbearias, tambos de leite, etc. A viagem de Pôrto Alegre até aquela praia é feita, em automóveis, em 4 horas. A passagem das areias, outrora exigindo o emprêgo de quarteadas de bois e considerável perda de tempo, tornou-se fácil e rápida depois que uma empresa particular pôs em prática o serviço das “Esteiras”.

Essas “esteiras” são sarrafos de madeira presos às pontas por correntes e colocados sobre os cômoros. Sobre ela

os automóveis vencem os mais fortes areiais sem grande esforço do motor. A disposição dos sarrafos e a flexibilidade das esteiras permitem que estas se adaptem às ondulações do terreno e que sejam removidas facilmente quando o movimento das areias o exija.

CIDREIRA (Lagoa da —) Lagoa situada na fazenda do mesmo nome.

CINZA (Capão da —) Capão situado no 7.º distrito, no campo.

CHICO CUSTÓDIO — Lugar situado no 3.º distrito. Foi ali a morada de Francisco Custódio Salazar.

CONCEIÇÃO DO ARROIO — Veja **Osório**.

CORRIDA — Lugar situado no 6.º distrito, junto ao passo do Pangaré, na estrada que segue para Mostardas.

CORNÉLIOS (Sangradouro dos —) Sangradouro muito tortuoso que liga as lagoas da Itapeva e dos Quadros. É navegável. Passagem forçada das embarcações que demandam Três-Forquilhas e Tôrres.

CORNÉLIOS — Sede do 7.º distrito Municipal. Este lugar fica situado à margem direita do Sangradouro do mesmo nome e junto a lagoa dos Quadros. Há muitos anos estabeleceu-se ali um médico alemão, Cornélios Jacobs. Vem daí o nome do lugar. Aquele médico deixou ali larga descendência. O sétimo distrito foi criado por Decreto Municipal n.º 73, de 1.º de fevereiro de 1933, o qual é do teor seguinte: "Manuel E. Fernandes Bastos, Prefeito Municipal de Conceição do Arroio, no uso das atribuições que lhe são legalmente conferidas por lei e de conformidade com o Decreto n.º 19.398, de 11 de novembro de 1930, do Governo Provisório da República,

Considerando que a grande extensão territorial do atual 2.º distrito torna difícil e sempre imperfeito o serviço de vigilância que incumbe à polícia preventiva, a cargo do município;

Considerando, ainda, que essa mesma circunstância prejudica sensivelmente a fiscalização das rendas municipais, a inspeção de estradas e outras obrigações das quais não se pode desempenhar satisfatoriamente a respectiva sub-prefeitura;

Considerando mais que, sendo a sede do 2.º distrito no lugar denominado Três-Forquilhas, alguns pontos do mesmo distrito ficam a distância maior de oito léguas, o que acarreta para os moradores desses lugares grandes despesas e penosas viagens sempre que precisam recorrer às autoridades ou praticarem atos que o devam ser perante o Cartório Distrital;

Considerando, finalmente, que a divisão desse distrito para a formação de um outro distrito novo é uma velha aspiração da população interessada e agora ficara mais uma vez expressa em um Memorial dirigido a esta Prefeitura, assinado por 201 cidadãos, todos maiores e sabendo ler e escrever.

DECRETA:

Artigo 1.º — O território do atual 2.º distrito fica dividido em duas partes por uma linha divisória que terá o seguinte curso: Parte a divisa da barra do rio Três-Forquilhas na lagoa Itapeva e segue pela margem direita daquele rio e pela mesma margem do rio da Areia até à sanga denominada Arroio Bonito, que vai ter à ponte do Pantano do Espinho. Desta ponte segue a divisa até as primeiras caídas das águas em cima do Morro, pela linha da atual divisa das terras de Joaquim José Vieira, ficando estas terras para o 2.º distrito. Prossegue a linha, depois, sempre pelas caídas das águas, até encontrar a divisa com o 5.º distrito.

Artigo 2.º — A parte que fica a Leste constituirá um distrito novo que terá a sede no lugar denominado Cornélio e a numeração de 7.º.

Artigo 3.º — O 7.º distrito terá as seguintes divisas: A partir da boca do rio Tramandaí pela margem esquerda desse rio acima até a embocadura das Malvas, seguindo depois pela margem oriental da lagoa do mesmo nome até a barra do rio das Malvas e pela margem esquerda deste e depois pela margem oriental da lagoa dos Quadros e contornando esta lagoa até encontrar a divisa com o 5.º distrito, na costa do Maquiné. Com o Município de Tôrres se divide o novo distrito pelas di-

visas que separam os dois Municípios, a partir da praia do Oceano e até à barra do rio Três-Forquilhas, seguindo por êste acima pela divisa descrita no artigo 1.º.

Artigo 4.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Perfeitura Municipal de Conceição do Arroio, 1.º de fevereiro de 1933. (Assinado) Manuel E. Fernandes Bastos.

Existem em Cornélios três casas comerciais, uma escola municipal e uma capela catolólica, de alvenaria, consagrada ao Bom Jesús. O Estado mandou construir alí uma casa destinada ao posto Fiscal e a Empresa de Transportes entre Palmares e Tôrres mantém alí um centro telefônico.

Enfrente à povoação, fica o passo dos Cornélios, que é servido por uma barca de madeira.

Por enquanto, salvo duas ou três casas antigas, que são de material (alvenaria), as restantes são tôdas construídas de madeira.

COATÍS (Arroio dos —) Arroio que nasce na serra, na colônia Borrussia, no 1.º distrito. Êste arroio juntamente com o arroio da Dominga formam as nascentes do Rio dos Sinos, que vai lançar-se no Guaíba, junto a Pôrto Alegre.

CONCHAS (Lagoa das —) Lagoa que existiu na costa do mar e nas proximidades do rio Tramandaí, pela parte do Norte, e que desapareceu sob os areiais que alí se formaram. Em um documento datado de 1815 lê-se: ...“vimos a esta paraje da Lagôa das Conchas defronte ao Mar grosso, ao pé do Rio Tramandahy”.

CRUZ DAS ALMAS — Lugar situado nos subúrbios da sede do município. Por ocasião da primitiva demarcação do perímetro urbano da freguesia foi alí cravada uma cruz para servir de marco. Essa cruz ficava quasi à beira da estrada que seguia para a “Porteira” e “Passo da Lagoa”.

CRUZ (Çapão da —) Lugar situado no 3.º distrito, na fazenda das Pitangueiras. Existe alí um cemitério que foi construído há cerca de 25 anos.

CURRAL FALSO — Lugar situado no 3.º distrito, nas imediações da fazenda da Galinha. Lugar situado no 6.º distrito, na Fazenda de Palmares.

CURRAL GRANDE — Lugar situado no 6.º distrito. Nesse lugar, em época anterior a 1735 existiu uma invernada de gados pertencente a Frei Sebastião. Porisso, dão também ao lugar a denominação de “Frei Bastião”. Era também chamado, anteriormente, Rincão dos Palmares. Tendo o primitivo ocupante, dito Frei Sebastião, abandonado o lugar, tomou posse daqueles campos João Diniz Alvares, o qual em março de 1735 ali fundou uma Estância. Em 1739 obteve dito João Diniz Alvares a concessão de uma sesmaria de légua e meia.

Falecendo João Diniz Alvares, sua viúva, Catarina de Lima, casou-se em segundas núpcias com José Antônio de Vasconcelos e este casal fez venda daquela sesmaria, em 14 de setembro de 1782, a Manuel Jorge. Mais tarde, passou esta estância para o domínio de Antônio de Azevedo e Souza, tronco da família Azevedo, do município

Eis a petição que dirigiu João Luiz Alvares, pedindo a posse desses campos:

“Diz João Diniz Alvares que está de posse do Rincão a que chamam dos Palmares, donde Frei Sebastião esteve a invernar animaes, metendo o suplicante naquella sitio em março de 1735 animaes para povoar uma estancia e com efeito fez o sup.^{te} petição á camara da Villa da Laguna que informou estava aquelle sitio devoluto e com a dita informação requereu o sup.^{te} ao Governo de S. Paulo para lhe passar Carta de Sesmaria a qual até o presente lhe não tem vindo e para que o suplicante por aquella falta não experimente prejuizo, recorre a V. S.^a para ser conservado na posse que tem e com seu despacho poder novamente recorrer e tirar sua carta de Sesmaria na Capitania de S. Paulo. Pede a V. S. lhe faça mercê mandar que o sup.^{te} seja conservado na posse dos ditos campos inté suber a parte donde tocar, a tirar a sua carta de Sesmaria na forma em que V. S. fôr servido e receberá mercê”.
Despacho:

“O guarda mór d’este estabelecimento retifique
“a posse em que o suplicante está com a mesma
“antiguidade que tem e será obrigado a mostrar

“carta de sesmaria tirada pela Secretaria do Governo de São Paulo té os dois mezes de verão. “Estreito do Rio Grande do São Pedro, 14 de Maio de 1738. Coutinho” (André Ribeiro Coutinho).

CURRAL GRANDE (Sanga do —) Sanga que nasce no campo, no 6.º distrito, divide as fazendas do Quintão e Charqueada do Curral Grande e vai lançar-se na lagoa dos Patos, recebendo em seu percurso os nomes de Sanga do Pangaré e Sanga do Casamento.

CUSTÓDIAS (Rincão das —) Lugar situado no 3.º distrito, próximo ao Inhame. Fica na antiga Estância de Custódio de Souza Oliveira.

CUSTÓDIAS (Lagoa das —) Pequena lagoa situada na divisa do 1.º com o 3.º distrito, próximo ao lugar denominado Arroio. Despeja para a lagoa de Tramandaí.

CUTIA (Mato da —) Lugar situado no 6.º distrito, na Fazenda da Charqueada.

CURRAL VELHO (Capão do —) Capão existente na fazenda do Curral Grande, no 6.º distrito.

CURRAL VELHO (Capão do —) Capão existente na Fazenda de Frei Bastião, no 6.º distrito.

CUNHA (Lagoa do —) Lagoa do litoral, que despeja para a lagoa Fortaleza.

CUNHA (Tapera do —) Lugar situado na Fazenda do Arroio, no 3.º distrito.

DESPRAIADO — Veja Espraiado.

DOMINGA — Arroio situado no 1.º distrito, na colônia Borruссия. Êste arroio e o arroio dos Coatís formam as nascentes do Rio dos Sinos.

DOMINGAS — Lugar situado no 3.º distrito, nas proximidades da lagoa dos Barros.

DOURADILHO — Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda da Charqueada.

DONA ANTÔNIA — Lugar situado no 3.º distrito, próximo ao Rincão das Custódias.

ÊGUAS (Rincão das —) Lugar situado no 6.º distrito.

EMBOABA (Lagoa do —) Pequena lagoa situada no 1.º distrito, que desagua para a Lagoa do Pesqueiro.

EMBOABA (Arroio do —) Arroio que nasce na lagoa do mesmo nome e atravessa a estrada que conduz da Vila de Osório a Tramandaí. Liga as duas lagoas: Pesqueiro e Emboaba.

EMBOABA — Lugar situado no 1.º distrito, na Fazenda do Arroio e nas imediações da lagoa do mesmo nome. Dizem alguns membros da família que ficava ali situado o estabelecimento de Manuel Luiz da Silva Borges, pai do General Osório, na época em que este nasceu. Presumem, porisso, ter nascido nesse lugar o grande general brasileiro. Não existe, entretanto, ali nenhum vestígio de casa ou moradia.

ENCANTADA (Linha —) Linha colonial pertencente à colônia Marquês do Herval, no 4.º distrito.

ENCANTADA (Rio da —) Veja rio Três Pinheiros.

ENCRUZILHADA — Lugar situado no 7.º distrito nas proximidades do lugar denominado Espinho.

ERLING (Arroio do —) Afluente do rio Três Forquilhas, no 2.º distrito.

ESPIGÃO — Lugar situado no 7.º distrito sobre a costa da Serra, próximo ao lugar denominado “Casa de telhas”. Lugar situado no 5.º distrito.

ESPRAIADO — Lugar situado no 5.º distrito, próximo ao Morro Alto.

ESTÂNCIA DO MEIO — Lugar situado no 7.º distrito, no campo, próximo à divisa com o município de Tôres. Em 1766, Francisco da Fonseca Quintanilha e sua mulher Francisca Mariana, residentes na Villa do Destêro (S. Catarina) venderam a Manuel Bento da Rocha uma fazenda em Tramandaí que principiava na lagoa das Conchas e ia findar-se na Itapeva, compreendendo quatro sesmarias que haviam sido concedidas a Manuel Gonçalves Ribeiro, Francisco Xavier Ribeiro, José Pinto de Vilas Lobos e Vasconcelos e Francisco Pinto Vilas Lobos. A partir da lagoa das Conchas, abrangiam as duas primeiras concessões feitas a Manuel Gonçalves Ribeiro e Francisco Xavier Ribeiro, 6 léguas. Essa estância, compreendendo as quatro concessões ou sesmarias, recebeu

o nome de “Estância S. Maurício” e, em sociedade, passou para o domínio de Manuel Bento da Rocha e Antônio Luiz Escovar de Araújo. Em 1770 retira-se o sócio Escovar de Araújo, ficando a estância no exclusivo domínio de Manuel Bento da Rocha, o qual transferiu a propriedade da mesma a Manuel José Machado e Joaquim José Machado, sendo ao primeiro, três sesmarias, e uma, ao outro. A parte de Joaquim José Machado, abrangendo a concessão feita a Francisco Xavier Ribeiro, que era a que ficava no extremo Sul, contra a lagoa das Conchas, foi por êle vendida em 1789 a Pascoal Vieira e Antônio de Souza Bitencourt. Êste último vendeu em 1797 meia légua a Trajano José Lisboa, compreendendo o rincão chamado “Capão da Canoa”. Esta parte, em 1802, foi transferida a Inácio José de Araújo. Manuel José Machado fêz também venda de suas terras. Delas, veio Antônio Gonçalves Pereira a adquirir a parte que abrangia a sesmaria concedida a Manuel Gonçalves Ribeiro. Do domínio de Antônio Gonçalves Pereira passaram estas terras para o de Inácio José de Araújo, ficando êle, assim, com $3\frac{1}{2}$ léguas de extensão, sendo 3 da concessão a Manuel Gonçalves Ribeiro e $\frac{1}{2}$ da compra feita a Trajano José Lisboa. Esta estância, a de Inácio José de Araújo, é a que ficou com a denominação de “Estância do Meio”.

ESTÂNCIA VELHA — Lugar situado no 3.º distrito, próximo ao lugar denominado “Carraxi”. Pensamos ficar aí situada a antiga estância de Francisco Xavier Velho Ferreira, estância que o dito Velho Ferreira adquiriu por compra a Antônio Dias da Costa e sua mulher Perpétua Francisca Pereira. Dividia-se pelo Norte com a Estância da Serra (onde foi estabelecida a Freguesia de Conceição do Arroio); pelo Sul, com a da “Fortaleza”, de Francisco Ribeiro Gomes; pelo Leste, com o rio Tramandaí e a fazenda do Arroio e pelo Oeste, com a fazenda de Manuel de Barros Pereira. Da antiga Estância de Francisco Xavier Ferreira, parte foi aproveitada para a demarcação de treze datas de casais, por ocasião da primitiva demarcação das terras da Estância da Serra, para completar o número de casais que foram estabelecidos na mencionada freguesia de Conceição do Arroio.

ESTEIRA (Lagoa da —) Lagoa existente na fazenda da Cidreira, no 6.º distrito.

ESPINHO — Lugar situado no 2.º distrito, na divisa dos terrenos de areia com os da colônia de Três Forquilhas. Existe ali um cemitério. O arroio quê fica no mesmo lugar e é conhecido por arroio ou sanga do Espinho, é a divisa do 2.º com o 7.º distrito.

ESTIVA — Lugar situado no 1.º distrito, próximo ao Sangradouro Grande.

ESTIVA (Bôca da —) Lugar situado no 7.º distrito, nas proximidades da "Tapera", em campos que foram de Severino José Alves.

ESTIVA (Lagoa da —) Pequena lagoa situada no 7.º distrito

ESCANGALHADO — Arroio existente no 4.º distrito próximo à sede. E' afluente do rio Tramandaí.

ESPERAS (Arroio das —) Afluente do arroio Pinheiro, no 5.º distrito. E' também chamado arroio das Antas.

FARRAPOS (Morro dos —) Morro situado no 4.º distrito, entre o rio Encantada e o rio Tramandaí.

FACHINA — Denominação pela qual se conhece a zona próxima ao lugar denominado Cruz das Almas, nos subúrbios da Vila.

FACHINAL DO OLIVEIRA — Lugar na Serra, próximo à divisa com o município de S. Francisco de Paula, no 4.º distrito. Ficava ali situada uma antiga posse de terras de Manuel de Oliveira Prestes.

FAZENDA — Veja Cachoeira.

FAZENDA DO TERRA — Lugar situado no 3.º distrito, nas proximidades da Estação de Passinhos. Aí ficava situada a antiga fazenda de José Gonçalves da Terra. Essa fazenda foi comprada em 1808, por Joaquim Luiz Viegas e Domingos Corrêa de Andrade, Vicente Vidal de Negreiros e Izabel da Silva Laureana, dos quais veio a adquirí-la, por compra, em 1827, o mencionado Terra. Foi essa fazenda demarcada e dividida judicialmente em 1917. José Gonçalves da Terra faleceu em 1863. Grande parte dessa antiga

fazenda pertence atualmente ao General José Antônio Flores da Cunha.

FARIAS (Rio —) Lugar situado no 2.º distrito, contra a serra das Três Forquilhas.

FEIJÃO QUEIMADO — Arroio existente no 4.º distrito, na linha “Pedras de Amolar”.

FORTALEZA — Lugar situado no 3.º distrito. Ficava situada nesse lugar a antiga fazenda denominada Fortaleza que pertenceu originariamente a Francisco Ribeiro Gomes e mais tarde foi vendida a João Pinto da Mota. Em 1801 procedeu-se ao inventário por morte de João Pinto da Mota. Foi a fazenda dividida em duas partes distintas: o rincão da Fortaleza e o Campo de Fora. A primeira parte passou depois à propriedade da família Nunes e dos descendentes de Maria Bernarda. A outra parte, em 1802, foi vendida pelo Tenente João José de Carvalho e Freitas e sua mulher ao Alferes Felisberto de Souza Oliveira Salazar e a Antônio Rodrigues de Souza. Formaram-se, assim, duas fazendas. Ambas foram medidas e divididas.

FORTALEZA (Lagoa da —) Lagoa do litoral que despeja para a lagoa das Custódias.

FORQUETA (Linha —) Linha colonial da colônia Marquês do Herval, no 4.º distrito.

FORQUETA (Arroio —) Afluente do rio “Pedras de Amolar”, no 4.º distrito.

FORQUILHA (Capão da —) Lugar situado no 6.º distrito, na Fazenda de Palmares.

FULGENCIOS — Lugar situado no 1.º distrito, junto à estrada que segue para Tramandaí.

FUNDO (Capão do —) Capão existente no 7.º distrito, nas proximidades do Passo da Lagoa.

FUNDO — Veja Passo Fundo.

FUNDO (Arroio —) Lugar situado no 5.º distrito à margem da lagoa dos Quadros.

FUNDO (Capão do —) Capão existente no 6.º distrito, na fazenda de Palmares.

GATEADO — Lugar situado no 6.º distrito.

GALINHA (Capão da —) Capão existente no 3.º distrito, à margem da antiga estrada que de Passinhos conduzia ao passo de Capivarí.

GALINHA (Sanga da —) Sanga que nasce no campo e desagua no rio Capivarí.

GALINHA — Lugar situado no 3.º distrito. Ficava aí situada a antiga Fazenda da Galinha, um desmembramento da Sesmaria de Manuel de Barros Pereira. Essa fazenda pertenceu a José Pereira Marques e, mais tarde, a José Luiz da Silva, irmão de Manuel Luiz da Silva Borges, pai do General Osório.

GAMO (Morro do —) Morro situado no 5.º distrito, nas proximidades do Morro da Vigia.

GENTIO — Lugar situado no 3.º distrito, nas proximidades da “Estância Velha”.

GENTIO (Lagoa do —) Lagoa do litoral que despeja para a lagoa das Custódias. Esta lagoa fica entre os rincões da Fortaleza e das Custódias.

GERIVÁ (Morro do —) Lugar situado no 2.º distrito, próximo ao lugar denominado “Casa de Telhas”.

GILDO (Rio do —) Braço do rio Três Forquilhas, no 7.º distrito. Também conhecido por rio da Areia.

GIRIBATUBA — Veja Pontal dos Osórios.

GOIABEIRA — Lugar situado no 1.º distrito, atrás da Serra das Larangeiras.

GRAMA — Lugar situado no 1.º distrito, próximo à lagoa da Pinguela. Fazia parte da antiga fazenda do Caconde. Essa parte, chamada Grama foi vendida a Trajano José Lisboa, aproximadamente em 1810.

GRAVATÁ (Passo do —) Lugar situado no 7.º distrito, no campo, nas proximidades do “Aterrado”.

GRANDE (Ilha —) Ilha formada por dois braços do rio Tramandaí, no 5.º distrito.

GRANDE (Capão —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda da Charqueada.

GUARÁ (Rincão do —) Lugar situado no 7.º distrito, no campo, próximo à barra do João Pedro.

INÁCIO (Sítio do —) Veja-se Tapera.

INACINHO (Lagoa do —) Denominação que em certa época foi dada à lagoa dos Quadros.

ILHOTA (Lagoa da —) Pequena lagoa próximo à lagoa dos Barros e que desagua para esta.

ILHA DO BORBA — Lugar situado no 5.º distrito, próximo ao lugar denominado Jaguarão.

IMBÉ (Rio do —) Nome pelo qual é conhecido o rio Tramandaí nas proximidades de sua foz na lagoa dêste nome.

IMBÉ (Capão do —) Lugar situado no 7.º distrito, à margem esquerda do rio Tramandaí, onde existe uma pequena povoação de pescadores. Era aí estabelecida a antiga guarda de Tramandaí. Em 1813, Manuel Inácio da Silva Mascarenhas requereu a concessão daquelas terras. O seu requerimento obteve a seguinte informação, prestada pelo Capitão do distrito, Custódio de Souza Oliveira:

“Ilm.º e Exm.º Senhor. A meia Legoa de Terras de q faz menção este requerim.º em tempo que estava a Guarda que hoje está Nas Torres. No Rio de Tranmandahy tinha-se reservado aquella meia Legoa de Terras na beira do d.º rio p.º serventia da mesma Guarda e Beneficio dos antedentes e do bem commum e depois q se mudou a d.ª Guarda não me consta q aquelle Terreno fosse consedido a pessoa alguma e so sendo medidos e demarcados os Coeréos Finantes se poderá saber os terrenos q ha devollutos pr que sam Lugares que inda se não demarcarão e vivem os d.ºs coeréos huns com faltas e outros com sobras como se tem visto nas demarcações q Nesta Freguezia se tem feito Judicialmente. He o que devo informar a V.ª Ex.ª que mandará o que fôr servido. Conceição do Arroyo 19 de Dezbr.º de 1813 — Custodio de Souza Oliveira. Captm. (sic.).”

A medição dêste terreno foi feita em 1815, sendo confrontante dêle, Vicente Vidal de Negreiros e sua mulher Apolinária Joaquina de Andrade.

INHAME — Lugar situado no 3.º distrito, próximo ao Rincão das Custódias.

ÍNDIOS (Lagoa dos —) Lagoa situada no 3.º distrito, que despeja para a lagoa dos Barros.

ÍNDIOS — Lugar situado no 3.º distrito, próximo à lagoa do mesmo nome. Nesse lugar existiu uma das Postas ou Estalagens da antiga estrada de Pôrto Alegre à Laguna.

ÍNDIO (Capão do —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda da Charqueada.

IPÉ — Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda da Charqueada, à margem esquerda da sanga do Curral Grande.

IRINEU (Arroio do —) Arroio que nasce na serra e lança-se na Lagoa da Pinguela. No sítio atravessado por êste arroio rezidiu durante muitos anos Irineu da Silva Ferreira, pertencente a uma antiga família de Mostardas. Vem daí o nome do arroio.

ITAPEVA — Extensa lagoa que banha a serra, ficando parte neste município e parte no município de Tôrres.

Saint'Hilaire deu-lhe o nome de **Itapera**, mas em todos os documentos antigos lê-se: **Itapeva**.

IZABELINHA — Lugar situado no 7.º distrito, próximo à Tapera. Em 7 de junho de 1797 Antônio Gonçalves Pereira e sua mulher Luzia de Araújo Vilela fizeram doação a Izabel, parda fôrta, filha de Joana, escrava dêsse casal, de um campo com $\frac{1}{4}$ de légua de comprimento e meio quarto de largura e, conjuntamente, um pedaço de matos. Do nome da donatária, **Izabel**, veio o nome do lugar: **Izabelinha**.

JAGUARÃO — Lugar situado no 5.º distrito, nas proximidades do Maquiné e à margem esquerda do rio Tramandaí. Os campos alí são excelentes mas sujeitos a inundações periódicas determinadas pelas cheias do rio Tramandaí. Foi originariamente do proprietário da "Estância do Meio". A fazenda do Jaguarão abrangia a superfície de um quarto de légua de sesmaria ($\frac{1}{4} \times 1$ légua). No inventário a que se procedeu por morte de Inácio José de Araújo, em 1822, foi a fazenda do Jaguarão dividida em duas partes iguais, cabendo uma delas à viúva D. Ana Maria de S. Joaquim e a

outra, também em partes iguais, aos cinco filhos ainda menores, do casal, a saber: Euzébio, Constância, Damázia, Maria e Inácio. A fazenda foi avaliada por 960\$000.

JOÃO PEDRO (Sangradouro —) Veja Sangradouro das Malvas.

JOÃO PEDRO (Barra do —) Lugar situado no 7.º distrito, próximo ao lugar denominado Capão da Canoa, à beira da lagoa dos Quadros e sangradouro das Malvas. Os campos ali situados faziam parte da Estância do Meio, de propriedade de Inácio José de Araújo. Naquele ponto estabeleceu-se João Pedro da Silva, genro do mencionado Araújo. Eis aí a razão do nome do lugar. Os campos, naquele lugar, são de primeira qualidade.

JOÃO TEIXEIRA (Capão do —) Capão existente no 7.º distrito, no campo, nas proximidades do "Aterrado".

JOÃO CASADO (Capão do —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda de Palmares.

JUNCO (Lagoa do —) Pequena lagoa existente no 1.º distrito, nas proximidades do lugar denominado "Paraíso".

JUNCO (Passo do —) Lugar situado no 1.º distrito, nas imediações da lagoa do mesmo nome.

LAGRIMAL — Arroio existente na costa da lagoa dos Barros (lado da Serra). Denominação antiga, que se lê em um documento de 1813.

LARANGEIRAS (Costa das —) Lugar situado no 1.º distrito, à margem ocidental da lagoa dos Barros.

LAVAGEM (Lagoa da —) Lagoa situada no 6.º distrito, nas proximidades da lagoa da "Porteira".

LAGOA DO PEIXE (Várzea da —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda das Sobras.

LEÃO (Capão do —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda de Palmares.

LEÃO (Arroio do —) Arroio existente no 2.º distrito. É afluente do rio "Três Pinheiros".

LESSA (Lagoa do —) Pequena lagoa situada no 1.º distrito, nas proximidades da "Caieira". Pequena lagoa situada

no 3.º distrito, na Fazenda da Cidreira, que despeja para a lagoa do Cunha.

LENHA SÊCA — Lugar situado no 1.º distrito à beira da lagoa de Tramandaí, nas proximidades do “Rincão dos Veados”.

LIVRAMENTO — Lugar situado no 1.º distrito, à margem da lagoa da Pinguela. Ficava situada nesse lugar o Sítio ou Estância denominada “do Livramento” pertencente ao padre Manuel José Sanhudo. Entre os anos 1820-1830, foi esta Estância vendida pelo referido Padre a Joaquim José de Souza. Dividia-se com terras de Gonçalo de Oliveira Preto. Em março de 1863 foi concedida licença para a fundação de uma ermida nesse lugar, parecendo que tal não se realizou. Atualmente existe alí uma capela católica, sendo sua padroeira, S. Ana.

LIMOEIRO (Capão do —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda da Charqueada.

LIMEIRA (Capão da —) Capão existente no 6.º distrito.

LOMBINHA — Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda das Sobras.

LOPES (Arroio do —) Arroio situado na Colônia Borrusia, no 1.º distrito.

LUCIANO PINTO — Lugar situado no 3.º distrito, nas proximidades do lugar denominado “Pitangueiras”. Antiga concessão feita a Francisco Coelho Valadão em 1776, foi depois por êste vendida esta fazenda a João Antunes Pinto. Abrangia ela a área de 1 ½ légua de comprimento e 1 légua de largura. Depois que passou ao domínio de João Antunes Pinto passou essa fazenda a chamar-se “Estância do Bom Sucesso”. João Antunes Pinto e sua mulher Vicência Inácia da Pureza faleceram, ambos em princípios do século XIX. Passou a mencionada fazenda para o domínio de Luciano Antunes Pinto ou Luciano Antunes da Porciúncula. Vem daí o nome do lugar: Luciano Pinto.

MADEIRA (Sanga da —) Sanga existente no 6.º distrito da fazenda da Charqueada.

MADEIRA (Capão da —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda da Charqueada.

MALVAS (Sangradouro das —) Sangradouro que liga as lagoas Malvas e Quadros. Também é denominado Sangradouro do João Pedro.

MALVAS (Lagoa das —) Parte da lagoa da Pinguela (a parte setentrional) que tem essa denominação.

MALVAS (Rincão das —) Lugar situado no 7.º distrito, nas proximidades do capão da Canoa. Pertenceu antigamente êsse rincão à fazenda de Antônio Gonçalves Pereira, mais tarde de Inácio José de Araújo.

MANINO (Capão do —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda de Palmares.

MARQUES (Tapera dos —) Lugar situado no 3.º distrito, nas proximidades do lugar denominado Fortaleza.

MARCO DE PEDRA — Lugar situado no 3.º distrito, próximo à lagoa dos Barros. Lugar situado no 6.º distrito e onde convergem as linhas divisórias das fazendas Sobras, Palmares e Quintão.

MAQUINÉ (Rio —) Veja rio Tramandaí.

MAQUINÉ (Morro do —) Morro situado no 5.º distrito, junto à serra, à margem da lagoa dos Quadros. Tem 380 metros de altura.

MAQUINÉ (Costa do —) Lugar sôbre a Serra, à margem ocidental da lagoa dos Quadros (5.º e 7.º distritos).

MARCELINO (Lagoa do —) Lagoa junto à Vila de Osório, onde o Estado construiu um pôrto. Ponto inicial da navegação Osório-Tôrres. Teve a denominação antiga de "lagoa da Freguesia". Passou a chamar-se lagoa do Marcelino por que intestavam nessa lagoa as terras da data pertencente ao mesmo, data que pertencera originariamente a Izabel Maria.

MARQUÊS DO HERVAL — Colônia italiana fundada pela União em 1891. Conhecida também pela denominação "Barra do Ouro", pela circunstância de ficar situada na sede da mesma colônia, a barra ou confluência do arroio ou rio do Ouro com o curso principal, que é o rio Tramandaí.

Constitue essa colônia o 4.º distrito municipal, criado

por ato n.º 23, de 15 de setembro de 1905, do teor seguinte:
Ato n.º 23, de 15 de setembro de 1905.

Cria mais um distrito no município da Conceição do Arroio, sob a denominação de "Quarto". O Coronel Firmiano da Terra Osório, Intendente Municipal da Conceição do Arroio.

Considerando que o 1.º distrito dêste município, pela grande extensão de seu território; e em sua maior parte sendo sua estradas de "Serra" com um grande obstáculo que é o morro da "Vigia", não pode proporcionar a uma parte de seus habitantes a comodidade necessária para estarem em contacto com os respectivos funcionários públicos, o que lhes acarreta grandes prejuízos;

Considerando que os habitantes da Colônia Marquês do Herval, principalmente os moradores das linhas "Forqueta" e "Pedras de Amolar", ficam distantes da sede do distrito, nesta Vila, cêrca de 50 quilômetros onde, por êste motivo, é deficiente o policiamento e a distribuição da justiça;

Considerando, que além dos motivos expostos, concorre o de ser o município muito prejudicado em suas rendas, pela impossibilidade de fiscalização regular na arrecadação dos impostos municipais;

Considerando, que os inconvenientes apontados desaparecerão com a criação de mais um distrito, que fora de dúvida trará incontestável vantagem para os interesses da população e do município: Resolve, no uso das atribuições que lhe confere a lei organica do município, art. 15 § 15.

DECRETAR:

Artigo 1.º — Fica criado no município da Conceição do Arroio mais um distrito, composto de partes dos atuais 1.º e 2.º distritos, que terá a numeração de "quarto", e sua sede será na sede da Colônia Marquês do Herval.

Artigo 2.º — O novo distrito terá as seguintes divisas:
§ 1.º — Com o 2.º distrito divide-se por uma linha reta tirada da barra da ponte dos Quadros rumo Noroeste à divisa do

município de S. Francisco de Paula de Cima da Serra; da mesma barra em linha reta à barra do João Pedro; e daí pela margem direita do “Rio da Várzea do Morro Alto” até à lagoa das Malvas.

§ 2.º — Com o 1.º distrito divide-se com as águas das lagoas das “Malvas” e “Palmitar” até a praia do “Curtume” onde principia o “Morro Alto” e pelo dorso dêste até o seu entroncamento com a Serra Geral; dividindo-se daí em diante com os municípios de Santo Antônio da Patrulha e São Francisco de Paula de Cima da Serra.

Artigo 3.º — Revogam-se as disposições em contrário.
Registe-se e publique-se.

Intendência Municipal da Conceição do Arroio, 15 de setembro, (16.º da República) de 1905. O Intendente:

Firmiano da Terra Osório.

O primeiro encarregado da colônia Marquês do Herval foi o Agrimensor Júlio Antônio Vasques que tinha como Ajudante o também Agrimensor Guilherme Bach. Foi êste profissional quem demarcou os primeiros lotes. Eram polacos os primeiros imigrantes que chegaram à dita colônia. Devido à revolução foi a colônia abandonada pelos empregados e entraram os polacos a retirar-se, de modo que em 1893 contavam-se apenas em tôda a colônia 337 colonos.

De acôrdo com as instruções recebidas do chefe da Comissão de Terras e Colonização em Santo Antônio, Samorim Gustavo de Andrade, o Agrimensor Guilherme Bach, já então estabelecido novamente na Colônia, promoveu a introdução de italianos, na maior parte, procedentes de Caxias e Nova Trento. Em 1895 o recenseamento promovido na colônia já acusava o número de 1.301 habitantes, na grande maioria italianos.

A antiga igreja, de madeira, foi inaugurada em 1895.

A primeira casa de alvenaria da colônia foi construída, segundo dizem, em 1906, no lote n.º 63, próximo à igreja.

Em 1895 bebeu-se o primeiro copo de vinho fabricado na Colônia.

Entrou a Colônia em franca prosperidade, havendo já em 1896 na sede, casas comerciais, ferraria, sapataria, fábrica de cerveja, etc. e regular número de prédios. Em 1904 teve começo a construção de uma estrada de rodagem ligando a sede da Colônia à então Vila de Taquara. Essa estrada foi concluída em 1911. Grande desenvolvimento trouxe ela para a Colônia, em geral, pois a exportação dos produtos que até essa época somente podia ser feita em cargueiros, por falta de estrada de rodagem, passou a ser feita, daí em diante, em carretas, com apreciáveis vantagens.

Atualmente a Colônia dá preferência ao pôrto de Cachoeira ou Fazenda para o movimento de suas cargas.

Está em construção uma estrada de rodagem ligando a Colônia ao planalto serrano, pela serra do Umbú. Esta estrada, uma vez concluída, trará grande desenvolvimento para a mesma Colônia e para o vale do rio Tramandaí.

Em 1907 foi lançada a pedra fundamental da nova igreja, que apresenta boa construção e alterosa tórre, sendo bastante espaçosa.

Interessante desenvolvimento passou a ter na Colônia a criação e engorda de porcos. E' calculado em 6.000 o número de porcos que a Colônia exporta anualmente para Taquara e outros lugares. Costumam os colonos fazer grandes plantações de milho na serra para nelas largarem os porcos quando o milho amadurece. Encarregam-se os animais, êles próprios, de colher e consumir o grão, de modo que, com tal prática, passados dois ou três meses, ao colono somente resta o trabalho de reunir os animais, já então gordos, e entregá-los ao tropeiro.

Segundo os dados obtidos pelo recenseamento de 1920, existiam naquela época, em todo o 4.º distrito, 325 prédios, sendo a população de 2.336 almas.

A população construiu na sede da Colônia um bom edifício de alvenaria, com dois andares, espaçoso, destinado a um colégio. Esse edifício foi doado ao Estado sendo nêle instalado um Grupo Escolar.

Marquês do Herval é um lugar muito pitoresco, que está a 245 metros de altitude.

MARTIM — Lugar situado no 6.º distrito, na Fazenda de Palmares, à margem esquerda do rio do mesmo nome.

MAURÍCIOS — Lugar situado no 3.º distrito, nas proximidades da fazenda da Fortaleza.

MANUEL DIAS (Rincão do —) Lugar situado no 3.º distrito, próximo à lagoa dos Barros.

MARIA CAETANA (Lagoa da —) Veja Lagoa do Conde.

MÃE ROSA (Arroio da —) Arroio que nasce no campo e desagua na lagoa do Pesqueiro. Êste arroio atravessa a estrada que conduz de Osório a Tramandaí.

MARGARIDA (Arroio da —) Arroio tributário do rio da Sanga Funda, no 7.º distrito.

MITTMANN (Arroio do —) Arroio tributário do rio Três Pinheiros, no 2.º distrito.

MORRO ALTO — Lugar situado no 5.º distrito, banhado pela águas das lagoas das Malvas e Quadros e pelo sangradouro do João Pedro.

MORRO ALTO — Morro existente no 5.º distrito. Tem 360 metros de altura.

MOSQUITO (Mato do —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda de Palmares.

MORRO AGUDO — Veja Agudo.

MUNDO NOVO — Lugar situado no 5.º distrito, nas proximidades da colônia Sinimbú.

MUQUIRANA (Capão da —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda de Palmares.

NEGRADA (Capão da —) Lugar situado no 2.º distrito, no campo, entre o Capão da Canoa e a Tapera.

NEGRA (Lagoa —) Pequena lagoa no 1.º distrito, próxima à da Pinguela. Tem sua lenda também esta lagoa: Um escravo muito maltratado pelo senhor, depois de um horrível castigo que êste injustamente lhe inflingira, desesperando, resolveu fugir. À beira da lagoa solitária e à sombra do mato o foram encontrar cadáver. Enforcara-se o pobre ao galho de uma figueira. Desde então começaram nessa lagoa misteriosas aparições noturnas. São gritos estranhos;

canoas brancas que cruzam a lagoa em vários sentidos; cantar de galos à meia-noite em meio da lagoa; luzes que brilham nos matos marginais; e o negro a percorrer aquelas paragens, misteriosamente, ora cruzando as águas, ora subindo às árvores; às vezes chorando ou dando horríveis e estridentes gritos, outras, cantando amenas e ternas canções.

OLHOS D'ÁGUA — Lugar no 3.º distrito, no extremo meridional da Lagoa dos Barros.

OURO (Arroio do —) Arroio que nasce na Serra e desagua no rio Tramandaí junto à sede da Colônia Marquês do Herval.

OURO (Linha do —) Linha colonial no 4.º distrito, pertencente à Colônia Marquês do Herval.

OURO (Rincão do —) Lugar existente no 1.º distrito. E' também chamado Rincão de S. Caetano, aliás seu nome primitivo.

OSÓRIO (Vila de —) Antiga denominação: Conceição do Arroio. Sede do município do mesmo nome. Povoação que teve por início a Capela fundada em 1742 por Antônio Gonçalves dos Anjos e consagrada a N. Senhora da Conceição.

Foi elevada a freguesia em 18 de janeiro de 1773, sendo fundador o Governador da Província José Marcelino de Figueiredo.

Foi seu primeiro pároco encomendado o padre João Antônio Rodrigues. Em 4 de dezembro de 1804 o Governador Paulo José da Silva Gama propôs ao Visconde de Anadia que essa freguesia fôsse anexada a S. Antônio da Patrulha. Foi elevada à categoria de Vila pela lei provincial n.º 401, de 16 de dezembro de 1857, assinada pelo Presidente da Província Conselheiro Ângelo Moniz da Silva Ferraz. Em 12 de abril de 1858 tomou posse a primeira Câmara Municipal, assim constituída: João Antunes Tavares, Firmiano José Luiz Osório, José Luiz da Silva Marques, João Antônio Marques, Francisco Inácio Bernardino da Silva, Joaquim Antônio de Souza Neto e João Antônio Gomes.

Os limites do município são estes: Ao Norte, os municípios de Tórres e S. Francisco de Paula de Cima da Serra;

ao Sul, o de S. José do Norte; ao Leste, o Oceano Atlântico e a Oeste, os de S. Francisco de Paula de Cima da Serra, Santo Antônio da Patrulha e Viamão.

Divide-se o município de Osório, atualmente, em sete distritos, a saber:

1.º distrito, sede, Vila de Osório; 2.º distrito, sede, Três Forquilhas; 3.º distrito, sede Passinhos; 4.º distrito, sede, Marquês do Herval; 5.º distrito, sede, Cachoeira ou Fazenda; 6.º distrito, sede, Palmares e 7.º distrito, sede, Cornélios.

Segundo o recenseamento feito em 1920, contava o município naquela época 3.114 prédios. Esse número é hoje calculado em 4.500.

A população do município é calculada em 23 mil almas e assim distribuída:

1.º distrito — sede.....	1.800	
Restante do distrito.....	3.700	5.500
2.º distrito		2.000
3.º distrito		3.000
4.º distrito		3.000
5.º distrito		4.500
6.º distrito		3.000
7.º distrito		2.000
Total.....		23.000

Além da sede, existem no município vários povoados, são eles os seguintes:

Tramandaí e Livramento, no 1.º distrito; Três Forquilhas, no segundo; Passinhos e Cidreira, no terceiro; Marquês do Herval, no quarto; Cachoeira, no quinto; Palmares, no sexto e, finalmente, Cornélios e Sanga Funda, no sétimo.

A área do município é calculada em 2.470 k.m², sendo a densidade de população, 10,12 por quilômetro quadrado.

A Vila de Osório dista da Capital do Estado 106 quilômetros.

Segundo os dados publicados em 1929 pela Repartição de Estatística do Estado, registaram-se no ano de 1928:

Nascimentos	319
Casamentos	139
Óbitos	128

A receita total (federal, estadual e municipal) foi em 1928 de 25\$719, em média, por habitante.

Essa média elevou-se em 1934 para 26\$000, em média, por habitante.

Segundo dados oficiais, a receita pública do município de Osório, no decênio 1925-1934, foi a seguinte:

	Federal	Estadual	Municipal
1925.....	52:770\$060	500:813\$840	163:069\$699
1926.....	61:609\$890	329:516\$307	150:156\$467
1927.....	54:711\$322	450:949\$108	159:608\$009
1928.....	59:681\$914	437:786\$665	179:570\$991
1929.....	61:129\$510	497:367\$481	187:133\$009
1930.....	49:846\$418	297:946\$200	239:933\$455
1931.....	64:927\$671	276:678\$400	231:610\$672
1932.....	68:243\$030	367:421\$900	182:322\$830
1933.....	114:088\$100	374:718\$700	165:523\$445
1934.....	74:349\$500	388:258\$400	189:359\$027

Pecuária: O rebanho bovino do município é de 200.920 cabeças, no valor de 12.788:100\$000.

Agricultura: O valor dos principais produtos agrícolas, na safra 1927-1928 foi de 9.398:000\$000.

As transações de imóveis acusaram, em 1927, 296:375\$, e nos três primeiros trimestres de 1928, 246:505\$000.

Valores comerciais em 1927, 1.690:000\$000; valores industriais, no mesmo ano, 891:000\$000.

A Vila de Osório é ligada à Capital do Estado por uma linha do Telégrafo Nacional.

Tem ligações telefônicas com Tramandaí, Palmares, Pas-

sinhos, Barra do João Pedro, Capão da Canoa, Carnélios, Três Forquilhas e Cachoeira.

Existem linhas postais, da União, ligando a sede do município aos seguintes lugares: Cornélios, Três Forquilhas, Cachoeira e Marquês do Herval, Santo Antônio da Patrulha e Tórres.

Ficam situados no município de Osório as praias balneares marítimas de Tramandaí, Capão da Canoa, Cidreira e Quintão.

Está em adiantada construção uma rodovia de macadam asfáltico ligando a Vila de Osório à de Gravataí e a entroncar na faixa de cimento que liga esta última Vila à Capital do Estado.

Encontra-se também em construção uma estrada de rodagem ligando a Colônia Marquês do Herval ao planalto serrano, pela serra do Umbú.

A instrução pública é ministrada por um Colégio Elementar, na sede do município, por dois grupos escolares instalados no 4.º e no 5.º distrito, e por cerca de 35 aulas primárias isoladas.

O serviço de higiene e profilaxia rural é atendido por uma Delegacia de Saúde instalada na sede do município.

A Vila de Osório tem uma praça principal, denominada Praça General Osório, que está sendo ajardinada e diversas ruas, sendo as principais as seguintes:

“Capitão Acácio”, “Júlio de Castilhos”, “Major João Marques”, “Padre Ramos”, “Lôbo da Costa”, “Marechal Floriano”, “12 de Abril”, “16 de Dezembro” e “Sepúlveda”.

Funcionam na sede do município duas agências bancárias, sendo uma do Banco do Rio Grande do Sul e outra do Banco Porto-Alegrense.

O município abrange duas paróquias a saber: Paróquia de N. S. da Conceição do Arroio e Paróquia da Barra do Ouro, contando ambas diversas capelas.

No município existem diversos clubes e associações, sendo as principais as seguintes:

Na sede: “Clube Comercial”; “Foot-Ball-Club Independen-

dência"; Sociedade Carnavalesca "Filhos do Oriente". Em Palmares: "Clube Palmarense".

Uma das principais atividades industriais do município é a fabricação de açúcar.

Além da "Usina Santa Marta", instalada no lugar denominado Pinguela, estão sendo montados dois engenhos banguês na colônia de Três Forquilhas. Na sede do município acaba de ser instalado um aparelho centrifugador para preparo do açúcar e um outro está em vias de instalação. Diversos engenhos fabricam o açúcar esfregado ou açúcar ligeiro. A cultura do arroz está tomando grande desenvolvimento no município. E' calculado em mais de 60.000 sacos a exportação do corrente ano de 1935.

Em 1936, a produção deverá alcançar mais de 100.000 sacos.

OSÓRIOS (Pontal dos —) Lugar situado no 1.º distrito, nas proximidades da fazenda do Arroio. Êsse pontal, que abrange terras de campo, foi de Antônio Gonçalves Pereira e mais tarde de Antônio Felipe Martins. Êste pontal ou rincão era denominado "Giribatuba". Foi depois vendido a Firmiano José Luiz Osório.

PADRE (Arroio do —) Arroio que nasce na Serra e desagua no rio Três Forquilhas à margem direita, no 2.º distrito. Também chamado Arroio de Pedras. O Padre protestante Carlos Leopoldo Voges era o proprietário dos terrenos onde tem suas nascentes êsse arroio.

PADRE (Várzea do —) Lugar no 1.º distrito próximo à Porteira. Foi aí morto em 1892 o padre Joaquim da Paz Fernandez. Dêsse acontecimento veio o nome que se deu ao dito lugar.

PALMARES — 6.º distrito municipal. Foi criado por ato n.º 213, de 3 de março de 1921, do teor seguinte:

ATO N.º 213 DE 3 DE MARÇO DE 1921

Cria o 6.º distrito municipal, denominado distrito de Palmares.

Manuel E. Fernandes Bastos, Intendente Municipal de Conceição do Arroio.

Considerando ser por demais extenso o território pertencente ao atual terceiro distrito, com dificuldade para a boa distribuição da justiça e prejuízo para a população;

Considerando, ainda, que pelo mesmo motivo não pode ser eficaz a ação da polícia administrativa nem imediata e sempre oportuna a da polícia judiciária, como convém para prevenção ou repressão dos crimes;

Considerando, mais que muito terá a lucrar com a medida a fiscalização das rendas municipais, resolve, no uso das atribuições que lhe são conferidas pela Lei Orgânica do Município;

DECRETA:

Artigo 1.º — Fica criado no município de Conceição do Arroio mais um distrito, composto de território pertencente ao atual terceiro distrito, o qual se denominará de sexto, sendo sua sede no lugar denominado Palmares.

Artigo 2.º — O novo distrito terá as seguintes divisas com o terceiro distrito: A partir do passo do Quilombo, pela estrada do mesmo nome, até frontear a casa de Felisberto Boeira, no cruzamento da estrada que do passo do Capivari, se dirige à Cidreira e por esta estrada até encontrar o extremo meridional do banhado das Palomas. Dêste ponto, em reta, até o capão do Zângão, morada de Braz Cândido de Oliveira, ficando para o 6.º distrito a morada de Nicanor José Patrício, conhecida por “Casa Velha”; e daqui, ainda em reta, até a Cerquinha, na fazenda da Cidreira, prolongada esta reta até a costa do mar.

Artigo 3.º — Os outros limites do 6.º distrito serão as divisas do município com os de Viamão e S. José do Norte; isto é, o rio Capivari e a costa da logoa dos Patos, até o ponto

onde começa a linha divisória da Fazenda da Charqueada com a dos Povos e dos Barros, que é, ao mesmo tempo, a divisa com o município de S. José do Norte.

Artigo 4.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Intendência Municipal de Conceição do Arroio, 21 de março de 1921.

Manuel E. Fernandes, Intendente.

PALMARES — Pôrto de embarque no rio do mesmo nome e ponto terminal da estrada de ferro Osório-Palmares. Ligada à sede do município por uma linha telefônica, Palmares é uma povoação que já conta vários prédios de regular construção, entre êles, o Clube Palmarense, a Igreja de São José, e a casa paroquial. Existem alí uma agência do correio e uma aula pública.

Principal exportação: Lã, couros e cabelo.

Pretende a população construir alí um amplo e alteroso edifício destinado a um colégio com internato, dirigido por freiras.

PALMARES (Sesmaria de —) Antiga concessão feita em 1738 a Domingos Fernandes de Oliveira, abrangendo légua e meia de campo. Êsse concessionário fêz venda dessa estância a José Antônio de Vasconcelos, casado com Catarina de Lima, viúva de João Diniz Álvares. Êste casal transferiu a propriedade dessa mesma estância a Manuel Jorge. Pertence atualmente aos herdeiros de Antônio de Azevedo e Souza. Foi medida e demarcada judicialmente pelo Engenheiro Godolfim Tôrres Ramos.

PALMARES (Rio —) Nasce nos banhados da Cidreira e desagua na lagoa dos Patos, recebendo, além de outras, as águas da sanga do Rancho-Velho. Sôbre êsse rio existe, na estrada de Capivarí a S. José do Norte, uma antiga ponte de alvenaria sôbre arcos, de construção sólida.

PALMEIRA (Rincão da —) Lugar situado no 1.º distrito.

PALMEIRA (Capão da —) Capão existente no 7.º distrito, no campo, em frente ao Aterrado.

PALMA — Lugar situado no 1.º distrito, na costa da lagoa dos Barros.

PALMA (Capão da —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda de Palmares.

PALOMAS — Lugar situado no 6.º distrito, nas proximidades do lugar denominado “Quilombo”, na estrada que conduz a Capivari.

PASSO FUNDO — Lugar situado no 1.º distrito, próximo ao Rincão dos Veados.

PATRIMÔNIO — Lugar situado no 6.º distrito, sobre a margem esquerda do rio Palmares. E’ a antiga fazenda do Padre Antônio de Azevedo e Souza. Esse sacerdote, que faleceu em Pôrto Alegre deixando avultados bens, pertencia à família Azevedo, cujo tronco foi Antônio de Azevedo e Souza, casado com Monica Pereira de Souza. Eram do domínio desse casal a Estância de Palmares que compreendia a Sesmaria de Palmares propriamente dita, a das Sobras, a de Curral Grande e a de Charqueada. Entre vários filhos tinha aquele casal o de nome Antônio, que se tornou padre. Como devia ter um patrimônio, seus pais lhe fizeram doação de uma légua de campo da Sesmaria de Palmares, passando a chamar-se essa Estância — **A légua do Patrimônio** e por simplificação — **Patrimônio**.

PAVÃO (Arroio —) Arroio existente no 4.º distrito, sobre a Serra Geral. E’ afluente do rio Tramandaí.

PAVÃO — Lugar situado no 4.º distrito, próximo à divisa com o município de S. Francisco de Paula de Cima da Serra.

PASSO (Lagoa do —) Pequena lagoa formada pelo rio Tramandaí, próximo à “Caieira”. Chama-se **Lagoa do Passo** porque existe ali uma barca que dá passagem ao viajantes que se dirigem a Tórres. Porisso é também denominado o lugar, **Passo da Lagoa**. Em alguns documentos antigos se vê também o nome **Lagoa do Souza**.

PASSO DA LAGOA — Lugar situado no 7.º distrito, junto à Lagoa do Passo.

PANTANO GRANDE — Lugar situado no 7.º distrito, próximo à Boa Vista.

PAI MANUEL — Sangradouro que liga a lagoa das Custódias à de Tramandaí e sobre o qual existe uma ponte de madeira, na estrada de Tramandaí. Esse sangradouro rompeu-se em 1907, por ocasião de uma grande enchente. Havia ali anteriormente apenas um pequeno córrego que somente com fortes chuvas apresentava alguma água. Aconteceu que um negro velho, — o Pai Manuel do Arroio — contemporâneo da guerra de 35, havia passado para Tramandaí pela manhã, quando não existia, ainda, o Sangradouro, embora, devido à enchente, as águas do córrego estivessem muito crescidas. Pela noite, quando voltou, meteu o cavalo no passo sem preocupação alguma mas, por infelicidade, exatamente no ponto onde se havia formado um grande poço com o rompimento do novo rio. Pereceram afogados êle e o animal que montava. Com esse triste acontecimento recebeu aquele novo Sangradouro o seu batismo: “Pai Manuel”.

PAULO (Arroio do —) Afluente do rio Tramandaí, no 4.º distrito.

PATOS (Capão dos —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda de Palmares.

PAIOL (Lagoa do —) Pequena lagoa situada no 5.º distrito. Despeja para a lagoa das Custódias.

PALMITAR — Lugar situado no 1.º distrito, próximo à lagoa do mesmo nome. Sobre o histórico, veja **Caconde**.

PALMITAR (Lagoa do —) Parte da lagoa da Pinguela que tem essa denominação.

PARAÍSO — Lugar no 1.º distrito próximo ao **Passo do Junco**.

PANGARÉ (Sanga do —) Veja Sanga do **Curral Grande**.

PASSAL — Lugar próximo à Vila, entre a Serra e a lagoa do Marcelino.

PASSAL (Arroio do —) Arroio que nasce na Serra e lança-se na lagoa do Marcelino.

PASSINHOS — Sede do 3.º distrito municipal. Nesse lugar fica situada uma das Estações da estrada de Ferro Osório-Palmares. A principal exportação consiste em gado, pois há nas imediações boas invernadas. Também exportam-se couros, lã e pelegos no que pertence à pecuária; quanto à agri-

cultura, cebola e arroz. Passinhos, nome que provém de uns pequenos arroios que existem no campo e que são atravessados pela estrada, pertenceu à antiga Sesmaria de Manuel de Barros Pereira. Mais tarde, passaram a chamar de “Galinha” a fazenda que ali existia e que já era, um desmembramento da de Barros Pereira. A denominação Passinhos não é muito antiga. Fica aí situada a sede da Fazenda do General Flores da Cunha.

PEDRAS DE AMOLAR — Linha colonial pertencente à Colônia Marquês do Herval, no 4.º distrito.

PEDRAS DE AMOLAR (Rio —) Afluente do rio Tramandaí, 4.º distrito.

PEDRA BRANCA (Morro da —) Morro situado no 5.º distrito, próximo ao do Maquiné e à beira da lagoa dos Quadros. Tem 320 metros de altura.

PEIXOTO (Lagoa do —) Lagoa situada no 1.º distrito e ligada à da Pinguela pelo canal do Caconde mandado abrir pelo Estado, liga esta lagoa à do Marcelino. É navegável em toda a sua extensão. Antiga denominação: lagoa de “Francisco Gonçalves”.

PELÚCIOS — Lugar situado no 5.º distrito à margem do rio Tramandaí.

PERUA — Lugar situado no 1.º distrito, próximo ao Sangradouro, onde existe uma cancha de corridas.

PERÚ (Arroio do —) Arroio existente na Colônia Borussia, no 1.º distrito.

PEDRAS (Arroio das —) Arroio que nasce na Serra e vai lançar-se na lagoa do Peixoto, no 1.º distrito.

PEDRAS (Arroio de —) Veja **Arroio do Padre**.

PESCARIA (Arroio da —) Arroio que nasce no campo, e lança-se no mar, no lugar onde está situada a praia de banhos **Capão do Arroio** ou **Capão da Canoa**. Fica no 7.º distrito.

PESQUEIRO (Lagoa do —) Pequena lagoa situada no 1.º distrito, que desagua para a lagoa do Armazém pelo Sangradouro do Potreiro Grande.

PESQUEIRO (Lagoa do —) Pequena lagoa no 3.º distrito que desagua para o lagoa dos Barros.

PEDRA OCA (Arroio da —) Arroio existente na Colônia Borruссия, nas proximidades do Morro Agudo.

PENIDO (Arroio —) Arroio existente na Colônia Borruссия, no 1.º distrito. E' afluente do Rio Bocó.

PINGUELA — Lagoa situada no 1.º distrito. E' dividida em três partes por meio das penínsulas do Palmitar, Ponta da Ilha e Pontal do Morro Alto. A parte meridional chama-se Pinguela, a do centro chama-se lagoa do Palmitar ou do Morro Alto, e a parte setentrional é denominada lagoa das Malvas. Contam que por ocasião da guerra civil em 1835, dois negros tentaram com forte vento atravessar a lagoa em uma pequena canoa, partindo do Morro Alto. Traziam êles dinheiro e roupas que pretendiam ocultar, por ordem dos seus senhores. Aconteceu que pelas alturas da Ponta da Ilha a canoa naufragou, perecendo ambos os tripulantes. Moradores afirmam terem visto em dias calmos aparecer exatamente no ponto onde ocorreu o naufrágio, uma canoa tripulada por dois remadores. Essa canoa transforma-se em seguida em dois lindos patos brancos que mergulham graciosamente nas águas mansas da lagoa, para reaparecerem adiante, afastando-se lentamente até perderem-se de vista.

Em 1897 ocorreu nessa lagoa o naufrágio do vapor "Gustavo", pertencente a D. Luíza Voges e outros e que fazia viagens para Três-Forquilhas, Cachoeira e Tôrres. Era uma embarcação a vapor. Seu comandante era o jovem Gustavo Voges. Além dêste, pereceram afogados mais nove pessoas, entre tripulantes e passageiros. O vapor esteve submerso algum tempo até que Albino Berglund o adquiriu e fê-lo flutuar. Êsse mesmo Berglund, num rasgo de admirável coragem e altivez, imitando o arrojo de Garibaldi, lançou o pequeno vapor ao mar pela barra de Tramandaí e o levou para Laguna, onde foi vendido por bom preço.

PINGUELA (Arroio da —) Arroio que nasce na Serra e lança-se na lagoa da Pinguela.

PINGUELA (Costa da —) Lugar situado no 1.º distrito, nas imediações da lagoa do mesmo nome. Está aí instalada a Usina Santa Marta.

PINHEIRO — Arroio situado na divisa do 4.º e 5.º distrito. Afluente da margem direita do rio Tramandaí.

PINHEIRO — Lugar situado no 5.º distrito.

PINHEIRO (Capão do —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda do Quintão.

PINHO — Lugar situado na divisa dêste com o município de Santo Antônio da Patrulha, na costa da Lagoa dos Barros.

PIÕES — Arroio existente no 4.º distrito. É afluente do rio Tramandaí.

PINTO (Serra do —) Denominação de parte da Serra Geral, na divisa com São Francisco de Paula de Cima da Serra, acima das Três Forquilhas. Sobe por alí a estrada que leva aos campos de Cima da Serra.

PINTO (Rio do —) Rio que nasce na Serra, na divisa com S. Francisco de Paula de Cima da Serra, e faz junção com o rio dos Carvalhos e da Bananeira, formando o rio Três Forquilhas.

PITANGUEIRAS — Lugar situado no 3.º distrito, na estrada que conduz a Palmares e Capivarí. Nesse lugar esteve Augusto Saint'Hilaire, quando de Tórres dirigiu-se a Pôrto Alegre, em 1820.

PITANGAS (Capão das —) Lugar situado no 1.º distrito onde está o estabelecimento que pertenceu ao padre Bartolomeu Tiecher, e por êste doado à Mitra Arquiepiscopal.

PITANGAS (Capão das —) Capão existente no 7.º distrito, à margem da estrada que se dirige para Tórres.

PIPAS (Capão das —) Capão existente no 1.º distrito na fazenda da Caieira.

POÇOS — Lugar situado no 7.º distrito, próximo ao Capão da Canoa.

POMBAS (Lagoa das) — Pequena lagoa próxima à de Tramandaí. Em 1829 era conhecida por lagoa da Cristina.

POMBAS — Lugar situado no 1.º distrito. Fica alí situada a data das Pombas, concedida, originariamente, em 1778 a Domingas de Souza, viúva.

PONTA DA ILHA — Península na lagoa da Pinguella.

PONTAL — Lugar à beira da lagoa do Morro Alto, pró-

ximo ao Palmitar, no 1.º distrito. Fazenda pertencente ao Sr. Adolfo José Diehl.

PONTAL — Lugar situado no 2.º distrito próximo à Boa Vista. Fazenda pertencente aos sucessores de Manuel Antônio de Quadros.

PONTA DO MATO — Lugar situado no 3.º distrito, próximo à lagoa dos Barros.

PONTA DO MATO — Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda da Cidreira.

PORCOS (Arroio dos —) Afluente do rio do Ouro, no 4.º distrito.

PORTEIRA — Lugar situado no 1.º distrito, à beira da estrada que segue para o Passo da Lagoa. Ficava aí situada a data concedida a Francisco Martins da Rocha.

PORTEIRA — Lugar situado no 6.º distrito na fazenda da Cidreira na divisa com a fazenda do Quintão.

POTREIRINHO — Lugar situado no 6.º distrito, à beira-mar, junto às lagoas das Costa do Quintão.

PÔSTO — Lugar situado no 3.º distrito, próximo ao Quilombo. Pertence à fazenda denominada “Luciano Pinto”.

PONTA — Lugar situado no 5.º distrito, próximo ao Maquiné, na Serra, à margem da lagoa dos Quadros

PONTE (Mato da —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda de Palmares.

PRAÍNHA — Lugar situado no 5.º distrito, sobre a Serra, à margem da lagoa dos Quadros.

PRAIA DO CORTUME — Península na lagoa do Morro Alto, no 5.º distrito.

QUADROS (Lagoa dos —) Extensa lagoa muito agitada com os ventos, que recebe as águas do rio Tramandaí, pela barra do Maquiné e liga-se à da Itapeva pelo Sangradouro dos Cornélios e à das Malvas pelo Sangradouro do João Pedro. Teve antigamente a denominação de Lagoa de Manuel Bento. Manuel Bento da Rocha foi concessionário de grande extensão de terras situadas à beira daquela lagoa. Lê-se também em documentos antigos o nome de “Lagoa da casa de Telhas”. Passou a ser conhecida por “Lagoa dos Quadros” depois que

se estabeleceu em suas imediações José Antônio de Quadros, o qual requereu e obteve uma sesmaria de terras de matos, tendo também adquirido por compra uns campos sôbre a margem oriental da mesma lagoa. José Antônio de Quadros é o tronco da família Quadros, da qual não sòmente em Osório como em outros municípios do Estado existem muitos representantes.

QUERINOS — Veja **Aterrado**.

QUEIMADO (Morro —) Morro situado à margem direita do rio Tramandaí, no 4.º distrito.

QUILOMBO — Lugar situado no 3.º distrito, próximo ao Pôsto.

QUILOMBO — Lugar situado no 1.º distrito, atrás da Serra das Laranjeiras.

QUINTÃO — Lugar situado no 6.º distrito. Antiga fazenda pertencente a Pedro Pereira Maciel. Esteve estabelecido nesse lugar um dos primitivos povoadores do Rio Grande do Sul: João da Costa Quintão. O Governador José Marcelino de Figueiredo, segundo a sua portaria de 11 de outubro de 1771, havia escolhido êsse lugar para a fundação de uma Freguesia, o que não se realizou por ter resolvido fundá-la na Estância da Serra, onde assenta a atual Vila de Conceição do Arroio. Anteriormente a Pedro Pereira Maciel, pertenceu a Sesmaria do Quintão a Domingos Fernandes de Oliveira o qual dela alcançara concessão regular em 25 de agosto de 1755.

QUINTÃO (Lagoa do —) Lagoa existente no 6.º distrito entre a fazenda do Quintão e a Costa do Mar.

RAMALHETE — Lugar situado no 5.º distrito, na fazenda do Morro Alto.

RAMALHETE (Lagoa do —) Pequena lagoa existente no 5.º distrito, próximo à lagoa dos Quadros.

RANCHO VELHO — Lugar situado no 6.º distrito. Antigo pôsto da fazenda de Bernardo Pinto Bandeira.

RANCHO VELHO (Sanga do —) Sanga que nasce no campo e desagua no rio Palmares. Sôbre essa sanga existe uma ponte na estrada de ferro Osório-Palmares.

RANCHO VELHO — Estação da estrada de ferro Osório-Palmares.

RABICHO — Lugar situado no 5.º distrito, na Costa do Maquiné.

RETIRO — Lugar situado no 3.º distrito, antiga fazenda de São José do Bom Retiro, que pertenceu a Custódio de Souza Oliveira Salazar.

REDONDO (Capão —) Lugar situado na fazenda do Quintão, no 6.º distrito.

REDONDO (Serro —) Serro na Serra Geral, no 4.º distrito.

RENGO (Capão do —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda de Palmares.

RINCÃO — Lugar situado no 2.º distrito, próximo ao Passo da Lagoa.

RIBEIRÃO — Lugar situado no 5.º distrito.

ROÇA-VELHA — Lugar situado no 2.º distrito, no campo.

ROÇA-VELHA — Lugar situado no 3.º distrito, na fazenda da **Cidreira**. Em 1923 houve aí um combate entre forças do Governo e ditas Libertadoras. Foi morto o Tenente Hortêncio Gonçalves, da Brigada Militar.

RONDINHA (Lagoa da —) Lagoa existente no 3.º distrito, na fazenda da Cidreira.

RONDINHA (Capão da —) Lugar situado entre a fazenda do Arroio e o Rincão dos Bois, no 3.º distrito.

RONDINHA (Fazenda da —) Fazenda situada no 3.º distrito, pertencente a sucessores de Pompeu Rodrigues Saraiva.

ROSÁRIO (Capão do —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda da Charqueada.

ROÇA DE TRIGO — Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda do Curral Grande.

S. MARTINHO (Ilha de —) Pequena ilha no rio Tramandaí, no 5.º distrito.

S. CAETANO (Rincão de —) Veja **Rincão do Ouro**.

SALAZAR — Lugar na divisa do 1.º com o 5.º distrito, à beira da lagoa do Morro Alto.

SALAZAR (Arroio do —) Veja Agua-pés (arroio).

SANGRADOURO GRANDE — Sangradouro que liga as lagoas dos Índios, do Pesqueiro e da Ilhota à lagoa dos Barros. Sobre êsse Sangradouro existe uma ponte na estrada de ferro Osório-Palmares. Essa ponte, com encontros de alvenaria, foi construída em 1915.

SANGA-FUNDA — Povoado situado no 7.º distrito, próximo ao lugar denominado **Casas de Telhas**. Existe alí uma capela católica.

SANGA-FUNDA (Rio da —) Também chamado Sangradouro da Ponte dos Quadros. Nasce na Serra do Espigão e lança-se na lagoa do Quadros, recebendo em seu curso, como tributários da margem direita, os arroios da **Margarida** e **Bonito**. É navegável até ½ légua acima de sua foz.

S. BERNARDO (Sesmaria de S. Bernardo) Sesmaria situada no 6.º distrito, em Palmares. Foi concedida em 1765 a Bernardo Pinto Bandeira com o nome de Butiaí. Pertenceu anteriormente a Francisco Pinto Bandeira. Fica situada nessa sesmaria, a povoação de Palmares.

SERRITO — Lugar situado no 4.º distrito, contra a Serra que divide com o município de São Francisco de Paula de Cima da Serra.

SERTÃO — Lugar situado no 1.º distrito, na Costa da Serra, à margem da Lagoa da Pinguela.

SERTÃO (Arroio do —) Arroio que nasce na Serra e lança-se na Lagoa da Pinguela.

SÊCO (Capão —) Lugar situado no 7.º distrito, próximo à divisa com o município de Tórres.

SINIMBÚ — Colônia particular situada no 5.º distrito, fundada por Carvalho, Rech & Cia., à margem direita do rio Tramandaí, na antiga Sesmaria de São João da Pedra Alva, concedida a João dos Santos Abreu. Essas terras pertenceram mais tarde a Barbosa & Silva e atualmente são do domínio dos Snrs. Possidônio Cunha, Sergio de Oliveira, Wiedmann e outros.

SÍTIO DO LOPES — Lugar situado no 1.º distrito, atrás da Serra das Laranjeiras.

SOLIDÃO ou **SOLITÃO** — Lugar situado no 5.º distrito.

SOLIDÃO (Arroio da —) Afluente do rio Tramandaí, no 5.º distrito.

SOBRAS — Lugar situado no 6.º distrito, entre a Porteira e Palmares. Esse nome foi dado a uma fazenda que pertenceu a Manuel Rodrigues Jorge, seu concessionário, e que abrangia campos que sobraram da Sesmaria de Palmares.

SOBRADINHO — Lugar situado no 3.º distrito, próximo aos "Passinhos".

SUZANA (Lagoa da —) Lagoa existente na fazenda da Cidreira, no 3.º distrito.

TAPERA DO AGOSTINHO MENDES — Lugar situado no 3.º distrito, nas proximidades da Lagoa dos Barros.

TAPERA (Tapera dos Quadros) Lugar situado no 2.º distrito, no campo, à beira da lagoa dos Quadros e próximo à estrada de Tôrres. Foi aí que existiu a antiga morada de Inácio José de Araújo, e porisso era também conhecido esse lugar pelo nome de Sítio do Inácio. A êle fizeram referência Augusto de Saint'Hilaire e o Visconde de São Leopoldo. Nesse lugar existiu uma das postas ou estalagens da antiga estrada de Pôrto Alegre à Laguna. O Govêrno Imperial adquiriu por compra, para o estabelecimento daquela posta, uma área de terras de 193.600^{m²}. Foram vendedores Inácio de Araújo Quadros e sua mulher. Esse terreno pertence hoje ao Sr. Adolfo José Diehl.

TAPERA — Lugar situado no 3.º distrito, próximo ao Inhamé.

TAQUARA — Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda das Sobras.

TAIPA — Lugar situado no 1.º distrito, próximo ao Retiro. Fazenda que pertenceu a João Rodrigues Salazar e outros e por êles vendida a Joaquim Francisco da Silva Rosa.

TERRA DA AREIA — Lugar situado no 7.º distrito, próximo à Lagoa da Itapeva.

TIRA-CHAPÉU (Capão do —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda de Palmares.

TIGRE (Capão do —) Lugar situado no 2.º distrito, na divisa do rincão do Carneiro com o rincão dos Bois. Neste

capão nasce um pequeno sangradouro que despeja para a lagoa do Paiol.

TRÊS PINHEIROS (Rio dos —) Também chamado rio da Encantada. Nasce na Serra e tem um percurso de cerca de 15 quilômetros. Não é navegável. É afluente do rio Três Forquilhas. Recebe em sua margem esquerda os seguintes arroios principais: Mittmann, Bom Retiro, Bonito e Leão.

TRÊS PINHEIROS — Lugar situado no 2.º distrito, contra a Serra. Fundos da Sesmaria dos Quadros.

TRÊS FORQUILHAS (Rio —) Este rio forma-se pela confluência dos rio do Pinto e dos Carvalhos, e vai lançar-se na Lagoa Itapeva, depois de percorrer todo o extenso vale onde assenta a Colônia Três Forquilhas. Serve de divisa entre os municípios de Osório e Tôrres. Recebe êle como afluentes, pela margem direita, o arroio do Padre, e do Esling, o rio dos Três Pinheiros e o arroio ou sanga do Espinho; e pela margem esquerda, o rio do Josafá ou de José Feit, o arroio dos Dahl, o arroio ou sanga dos Teixeira, o rio dos Alagios e o rio do Chapéu. Todos êsses afluentes da margem esquerda pertencem ao município de Tôrres. É esse rio francamente navegável até o pôrto do Gildo, no município de Conceição do Arroio.

TRÊS FORQUILHAS — 2.º distrito municipal. Sede da Colônia do mesmo nome. Essa colônia foi fundada em 1826 pelo Governo Imperial que aí colocou imigrantes alemães procedentes da colônia recém-fundada em S. Leopoldo.

Deu margem à fundação dessa colônia o fato de estarem já ocupadas tôdas as terras disponíveis na Feitoria Velha (S. Leopoldo) e não poder o governador da Província acomodar todos os colonos alemães que vinham chegando para aquela nova colônia.

Depois, sobreveio uma séria desinteligência entre os dois pastores protestantes que lá se encontravam: João Jorge Ehlers e Carlos Leopoldo Voges.

Era urgente uma providência. Aproveitou, então, o governo esse incidente e consegue que o pastor Carlos Leopoldo Voges se decida a encaminhar-se com cerca de 80 famílias para o Vale do Três Forquilhas onde, naquela época (1826)

estava abrindo uma estrada em demanda dos campos de Cima da Serra, o encarregado do Presídio das Tôrres, Tenente Coronel Francisco de Paula Soares de Gusmão.

Receberam os colonos terras em uma e outra margem do rio Três Forquilhas. A cada família foi entregue um prazo de terras com 100 braças de frente e 1.600 de fundo.

Durante os primeiros anos abonou-se-lhes determinado subsídio, além de ferramenta e animais de trabalho.

Em certa época tornou-se próspero o comércio entre a colônia e a Serra. Desciam ao vale inúmeras tropas que ali iam abastecer-se de generos coloniais.

A cana de açúcar foi sempre a principal cultura da colônia. Atualmente o Governo do Estado está mandando construir ali dois engenhos banguês para fabricação de açúcar.

A sede da colônia fica situada no município de Osório. Existe aí uma igreja protestante, que é a religião predominante, e uma agência do correio, além de escola e várias casas comerciais.

A parte da colônia que assenta sobre a margem esquerda do rio, pertence ao município de Tôrres. Nessa parte existem também casas comerciais e uma capela do culto católico.

TRAÍRA (Lagoa da —) Lagoa existente no 1.º distrito, nas proximidades da lagoa da Caieira. (Capão da —) Capão situado no 6.º distrito na fazenda de Palmares.

TRAMANDAÍ — Praia balnear marítima pertencente ao 1.º distrito. A povoação assenta sobre a península formada pela lagoa e rio Tramandaí e o mar. Contam-se ali, atualmente, cerca de 400 prédios, na maioria de madeira, entre eles alguns "chalets" de construção moderna. Sua população é, aproximadamente, de 1.000 almas. Existem duas praças na rua principal: A praça Leonel Pereira e a praça Capitão Mariante.

Tramandaí é povoação de pescadores muito antiga. Já Saint'Hilaire quando por ali passou, em 1820, encontrou vários ranchos.

Lugar de grande importância na época do povoamento do Rio Grande, por ser ponto forçado de passagem para Santa Catarina, existiu ali, já no século XVIII, uma guarda que

dava passagem no rio aos viandantes e era ainda encarregada do policiamento das Estâncias da Laguna. Tornou-se ainda célebre na história do Rio Grande por ter sido ali que Giuseppe Garibaldi, por ocasião da revolução de 35 saiu ao mar com os seus lanchões. No verão afluem a Tramandaí centenas de veranistas de tôdas as procedências, ficando repletos os hotéis e casas de aluguel.

Os hotéis principais são: Parque Balnear, Hotel Sperb, do Sr. Jorge Enéas Sperb; e Hotel Corrêa, do Sr. Germano Corrêa da Silva.

Durante a estação balnear é Tramandaí iluminada à luz elétrica, e não faltam açougues, tambos de leite, banca de peixe, mercadinhos de frutas e legumes, barbearias, bilhares e cinema, além das boas casas comerciais ali estabelecidas, das quais as mais importantes são as dos Snrs. Ego Hoffmeister e Fernando Amaral.

Tramandaí é ligada à Vila de Osório por linha telefônica regular, em tráfico mútuo com o Telegrafo Federal.

Há ali uma agência do correio que recebe malas semanalmente.

Em automóvel, a viagem normal de Pôrto Alegre a Tramandaí, é feita em seis horas.

Existe em Tramandaí uma bonita capela que foi mandada erigir pelo Comendador Militão Borges de Almeida, em 1908. E' de alvenaria e consagrada a N. S. dos Navegantes.

TRAMANDAÍ (Rio —) Também chamado rio Maquiné. Esse rio, que nasce na Serra Geral, nas proximidades da divisa com o município de São Francisco de Paula de Cima da Serra, lança-se no mar, junto à povoação do mesmo nome depois de atravessar as lagoas dos Quadros, Malvas e Tramandaí, e de receber as águas de seus vários tributários e as do rio Três Forquilhas e demais afluentes da Lagoa da Itapeva.

São afluentes do rio Tramandaí: pela margem direita, arroio da Solidão, rio Pedras de Amolar e arroio Águas-Caixas; pela margem esquerda, rio Água Parada, arroio Pião, rio do Ouro, arroio Escangalhado e arroio do Paulo.

Observa-se com a barra dêsse rio um curioso fenômeno:

o seu deslocamento para o Norte a ponto de afastar-se até 3 e mais quilômetros do local anterior. Com êsse afastamento e o conseqüente desenvolvimento do rio, a barra vem a obstruir-se e opera-se então, naturalmente o rompimento da nova barra no ponto anterior, para iniciar-se logo e com marcha rápida ao princípio, o periodico afastamento para o Norte. Em 1914 ocorreu a obstrução da barra velha e o rompimento da nova. Êsse rompimento foi provocado como das vezes anteriores pela abertura de um canaleta atravessando a estreita faixa de areia que fica de permeio o rio e o mar nas proximidades da povoação. Logo que as águas do rio se encaminhem ao mar, não sobrevivendo qualquer resaca que obstrua o canaleta aberto, uma noite é suficiente para se formar o novo rio, largo e profundo, porque à corrente se encarrega de arrastar as areias e de dragar assim o próprio leito. Pela barra do rio Tramandaí entram em determinada época do ano grandes cardumes de bagres que procuram a lagoa próxima para desovarem. Passado o período da desova, inicia-se então a pesca por meio de redes, chegando os pescadores a recolherem de um só lance 30 e 40 mil peixes, que são convenientemente preparados e salgados, e constitue objeto de largo e lucrativo comércio. Como derivados da pesca há o preparo do azeite e do bucho, sendo êste último produto destinado à fabricação de cola. Ao lado da pesca do bagre há a da taíinha e a de outros peixes saborosos que ali abundam.

Sôbre o rio Tramandaí mandou o Govêrno do Estado construir em 1930 uma ponte de madeira que dá trânsito aos veículos que demandam a Vila de Tórres pela praia do Mar.

TRÊS BARRAS — Lugar situado no 4.º distrito, na colônia Marquês do Herval.

TAQUARA — Lugar situado no 7.º distrito, nas proximidades do Capão da Canoa. E' também conhecido êsse lugar por "Rincão da Taquara". (Mato da —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda de Palmares.

UMBÚ (Serra do —) Lugar situado na divisa com o mu-

nicípio de São Francisco de Paula; está sendo construída nesse lugar a estrada de rodagem que deverá ligar a colônia Marquês do Herval aos campos de Cima da Serra.

URUBÚ (Capão do —) Capão existente no 7.º distrito, no campo, adiante do Aterrado.

VARAS (Capão das —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda de Palmares.

VARZINHA (Arroio da —) Afluente do rio dos Sinos, no 1.º distrito, na colônia Borrussia.

VELHA MARIA (Capão da —) Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda do Patrimônio.

VEADOS (Rincão dos —) Lugar situado no 1.º distrito, contra a lagoa de Tramandaí. Antiga fazenda de José Silveira.

VERMELHO (Arroio —) Arroio existente no 1.º distrito, no lugar denominado Grama. Divide a fazenda do Palmitar do rincão do Caconde e desagua na lagoa da Pinguela.

VIGIA — Lugar situado no 6.º distrito, na fazenda de Palmares; antiga moradia de Vicente José Gomes.

(Morro da —) Morro situado na Serra, próximo ao morro do Chiquinho, no 5.º distrito. Por êsse morro passava a antiga estrada de cargueiros que ligava a sede da colônia Marquês do Herval à Vila de Osório.

VULCÃO Arroio afluente do rio do Ouro, no 4.º distrito.

XARQUEADA — Veja-se Charqueada.

XAVIER — Lugar situado no 7.º distrito, entre o "Passo da Lagoa" e Tramandaí. Ficava ali situada a antiga sesmaria concedida em 1732 a Francisco Xavier Ribeiro.

ZÂNGÃO — Lugar situado na divisa do 3.º com o 4.º distrito, nas proximidades de Palmares.

Nótulas bibliográficas

A Colônia do Sacramento (1680-1777) pelo coronel Jônatas da Costa Rêgo Monteiro. — Publicação financiada pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul. — Pôrto Alegre — Livraria do Globo — 1937.

Acaba de sair do prelo o magnífico trabalho, em dois alentados tomos, — *A Colônia do Sacramento*, — da autoria do coronel Jônatas da Costa Rêgo Monteiro, engenheiro militar residente no Rio de Janeiro e que, nestes últimos tempos, tem feito interessante divulgação sôbre as cousas do nosso passado em relação à secular contenda das fronteiras hispano-portuguesas no sul do continente.

O coronel Rêgo Monteiro é um grande pesquisador de velhos arquivos. Esta Revista tem feito várias publicações de sua autoria, atinentes ao citado assunto, e a Revista Militar Brasileira publicou outro trabalho, dêsse autor, intitulado a “Dominação espanhola no Rio Grande do Sul”. E’ obra que demandou paciente pesquisa e gira em tórno da entrega da Fortaleza de Santa Teresa, fundação de origem portuguesa na Praia de Castilhos, aos espanhóis, em 1763.

A par de outras publicações, apresenta-nos agora o sr. Rêgo Monteiro “*A Colônia do Sacramento*”, obra que, presente ao governo do Estado, êste, num gesto de alta clarividência, determinou, por intermédio da Secretaria de Educação, fôsse a mesma dada à estampa, ficando sua impressão a cargo da Livraria do Globo.

E' uma obra digna do maior encarecimento e, pode-se bem afirmar, a história da malfadada Colônia do Sacramento está feita através dêsse paciente trabalho do coronel Rêgo Monteiro.

Servindo-se dos melhores autores, pesquisando os assuntos nos grandes arquivos do Rio de Janeiro, sobretudo na Biblioteca Nacional, onde ricos filões do precioso metal foram desvendados e aproveitados, a Colônia do Sacramento aparece nessa obra em seus mínimos detalhes que completam a sua história amparada em farta e insofismável documentação.

Fundação da Colônia. — A começar dos primeiros passos para a conquista, em 1679, até sua final entrega aos domínios de Espanha, a história da colônia está admiravelmente exposta. Desde D. Manuel Lôbo, em quem recaíra a escolha para governador da praça portuguesa, até final desfecho, num ininterrupto rosário de atrozes sofrimentos que em prova puzeram o valor da gente lusitana, alí se encontra descrito, de "modo" tal que o leitor vai ao fim sem sentir essa fadiga que, geralmente, traz a leitura de coisas dessa natureza.

— Fundando a Colônia do Sacramento, que era verdadeira praça de guerra, teve o govêrno português a intenção de com essa fundação assinalar o extremo sul das suas possessões em terras da América do Sul. O govêrno de Castella porém não se conformou com essa resolução de Sua Majestade Fidelíssima, pois a considerou como usurpação dos direitos da Majestade Católica.

Foi nomeado comandante e governador da praça D. Manuel Lôbo, como dissemos, homem considerado de alto valor, o que comprovara na última guerra peninsular em elevada função que lhe fôra imposta.

Organizada a expedição composta de poderosas naus e o pessoal militar que montava a mais de duzentos homens, partiu a mesma de Santos, a 8 de dezembro de 1679 e após vinte e três dias de viagem chegava a Maldonado onde houve desembarque de gente para suprir-se a expedição de alimento fresco, que consistia em carne de gado já alí abundante, em estado

selvagem. Continuando a rota assentada, a 20 de janeiro seguinte desembarcaram os expedicionários nas ilhas de São Gabriel, após “bem enfadonha viagem”.

Escolhido o local, deu-se princípio à fortificação, medida que de pronto se impunha, pois os naturais do país não se conformando com a usurpação de suas terras, contínuos ataques levaram à expedição.

Ficava assim fundada a povoação mais meridional do Brasil, assentando o marco português no extremo sul dos seus domínios na América, a Colônia do Sacramento que viria a ser, por largo período de tempo, o ponto de discórdia de duas coroas, a lusitana e a espanhola.

O primeiro assalto. — Não tardou, porém, que a notícia dessa fundação chegasse ao conhecimento de Espanha; as providências não se fizeram esperar e d. Joseph de Garros, governador de Buenos Aires, aparelhou fôrças para o ataque aos invasores de terras de Espanha, propriedade garantida pelo tratado de Tordesilhas.

As obras de fortificação da colônia foram apressadas; o aparelhamento de fôrças, à perspectiva de um ataque, contra o qual não havia esperanças de vitória, pois os atacantes contavam com elevados contingentes da indiada mandada reunir pelo padre Altamiro, superior dos jesuítas, o que tudo perfazia um poderoso exército que se movia contra a colônia, defendida com grande valor mas impotente para vencer inimigo tão numeroso e tão fortemente aparelhado, tudo isso enchia de desânimo os valentes defensores da praça.

No entanto a resistência se fazia. Os assaltos eram contínuos; novas tropas eram atiradas contra a praça e o socorro esperado do Rio de Janeiro, socorro com tanta insistência pedido, não chegava. Os claros nas linhas de defesa eram constantes, até que não foi mais possível continuar aquela luta desigual. Cederam os sitiados.

O saque. — Restituição da Colônia. — O toque das cornetas autorizou o saque e verdadeiro massacre sofreram aqueles bravos que com o seu valor tanto honraram o velho pavi-

lhão das quinas. D. Manuel Lôbo, que com a sua bravura escrevera uma das mais belas páginas da história da colonização portuguesa na América, preso, foi remetido para Buenos Aires ali morrendo, pouco depois, vítima de moléstia que o assaltara durante o cerco e do profundo desgosto de não ver o seu valor amparado pelo governo que, só tardiamente, lhe enviara socorro que pedira.

Mas, resolvem as côrtes de Espanha restituir a Colônia a Portugal. Restituir um montão de ruínas, que a tanto fôra reduzida a nascente povoação pelo canhoneio das fôrças atacantes em demorado assédio. Foi restituída.

Entretanto, a luta continuou, pois os naturais da terra, amparados moral e materialmente pelo governo de Buenos Aires, não se conformaram com a invasão, com o espólio das suas terras e obrigavam os portugueses a manter constante vigilância contra as suas investidas, determinando encontros, principalmente à noite, por vezes sangrentos.

Por êsse motivo as sementeiras não produziam; nenhum fruto da terra era aproveitado; a vida da Colônia estava adstrita, dependente dos recursos vindos de fora por via marítima. Era insustentável a posição da nascente colônia com essa dependência da metrópole, acrescentando a circunstância de que tudo quanto subia as águas do Prata era minuciosamente revistado e controlado pelos espanhóis. Começaram as dissensões internas, e entre as próprias tropas sentimentos de revolta se esboçavam.

Novo assédio. — Os espanhóis souberam bem se aproveitar dêsse estado de cousas, tendo oportunidade para levar à praça o segundo assédio. E' de notar que a guerra que por vezes irrompeu entre portugueses e espanhóis na América nem sempre era o reflexo da quebra de relações entre as duas potências. Não; o governo de Buenos Aires, vice-reinado espanhol, resolvia arbitrariamente a guerra e o sítio à desventurada colônia era logo efetivado.

Assim, o segundo cerco à Colônia do Sacramento não tardou. A indiada em frente única com o Exército vindo de Buenos Aires em inúmeras embarcações de tôdas as espécies,

de novo sitiou a cidadela. Cêrco em ordem, que apertava cada vez mais com enormes perdas para os sitiados, e os ataques noturnos da indiada desenfreada e ávida de saque, fêz com que a resistência afrouxasse cada vez mais até que o abandono da colônia foi resolvido.

Fim da dominação portuguesa. — Findava, assim, pela falta de recursos, mais uma vez, a segunda fase da dominação portuguesa no extremo sul da América. Os espanhóis de novo entravam na posse da Colônia do Sacramento.

Apenas, porém, tais fatos se desenrolaram na América, as duas coroas reafiam suas relações na Europa assinando-se novo tratado. E a Colônia do Sacramento, a cabeça de turco ou o bode expiatório que era sempre a vítima na ruptura de relações dos ibéricos, era restituída, mais uma vez, aos domínios lusitanos. E assume a sua administração o brigadeiro Antônio Pedro de Vasconcelos, sábio governador a quem a Colônia tanto deveu, pois com o seu governo entrou em fase de decidido progresso e engrandecimento.

Nesse tempo, porém, foi resolvida a fundação de Montevidéu e a promissora situação da Colônia, agravou-se de modo desesperador, pois, com essa fundação exaltaram-se os ânimos sempre belicosos da gente de Castella.

Foi um golpe de arrôjo do governo português, que tão caro havia de pagar essa intentona; a guerra irrompeu e desta vez com tal violência que não ficaria pedra sôbre pedra. Uma nova "via-crucis" se abriu à Colônia e o terceiro assédio não se fêz esperar.

Do Rio de Janeiro chegavam socorros desta vez a tempo e precisamente quando a fome começava a se fazer sentir, pois os celeiros se esvaziavam rapidamente a-pesar-das rações reduzidas.

Estamos em 1736 e aquí surge uma figura de grande projeção no cenário político de nossa terra: é José da Silva Pais, quem no ano seguinte havia de penetrar a barra do Rio Grande, "a diabólica", como a chamava Gomes Freire, e fundar o Presídio Jesús Maria José, fonte de irradiação do povoamento do Rio Grande do Sul.

Chegamos assim aos tempos de dom Pedro Ceballos, o famoso general de tão remarcado destaque naqueles tempos, e de quem o Exército português tão cruéis revezes experimentou. Ceballos foi, posteriormente, invasor do Rio Grande, tomando em 1763 a fortaleza de Santa Teresa então comandada pelo coronel de dragões Tomaz Luiz Osório, e trazendo os lindes espanhóis até à cidade do Rio Grande.

Diante de um tal aparelhamento de forças o chefe português viu quão inúteis seriam os esforços para a resistência. Achou melhor a capitulação e retirada para o Rio de Janeiro, evacuando a praça.

Mas, a Colônia do Sacramento ainda uma vez, em virtude do tratado de 1763, esteve em poder de Portugal, por pouco tempo, porém, porque logo em seguida voltava ao poder de Espanha, terminando para sempre a dominação portuguesa no extremo sul da América.

*

* *

E tudo isso que aí está, em ligeira síntese, é abordado na obra do coronel Rêgo Monteiro, impressionante trabalho que honra sobremodo o seu autor e apresenta aos coetâneos em magnífica descrição, êsse movimentado capítulo da história daqueles tempos

E' de notar que o livro em apreço apresenta, para ilustrar o espírito do leitor, uma sucinta notícia das primeiras explorações na região do Prata a começar de 1501, com as expedições de Gonçalo Coelho, Dom Nuno Manuel, João Dias de Solis, Fernão de Magalhães, Gaboto e outros.

Historia a expedição de Martim Afonso, senhor de vilas, alcaide de Rio Melhor, e sua chegada ao Prata, o naufrágio, a exploração de Pero Lopes e seu "Diário" que tanta luz fêz ao estudo da história de tão longínquas eras.

Foi dessa expedição que veio a denominação de São Pedro ao Rio Grande, pois nenhuma dúvida deixa o estudo comparativo dos documentos da época, notadamente as informações de Pero Lopes, em 1533, quando voltou para Portugal.

Fazendo escala pela fundação de Buenos Aires (1535) a luta com os silvícolas, os belicosos Querandies, o abandono da novel população, o Rio Grande do Sul, em 1676, quando doado em capitania a Salvador Correia de Sá, com sucessão a seu filho João Correia e ao neto Visconde de Asseca, concessão que abrangia os confins do Prata, chega o sr. Rêgo Monteiro à fundação da Colônia do Sacramento, tendo preparado o espírito do leitor a compreender e interpretar tudo que se contém no livro em relação à disputada posse daquelas terras de aquém Rio da Prata.

Tem essa virtude, a mais, o livro “Colônia do Sacramento” e a seu autor, nós que vivemos com o espírito integrado nessas cousas que versam nosso passado, não regateamos aplausos, que bem os conquistou quem com tanto patriotismo sabe empregar o seu tempo de modo tão proveitoso e útil à nossa gente.

E. D.

ITINERÁRIOS MENTAIS DA PAMPA BRASILEIRA — (1.^a série) — Por **De Paranhos Antunes**
— Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1937.

O brilhante escritor De Paranhos Antunes é um nome vitorioso nas letras rio-grandenses. Historiador dos mais apurados e concienzosos, De Paranhos Antunes, não se limita à literatura histórica unicamente. Poeta inspirado, crítico de vivo senso estético, biógrafo e cronista, o autor de **Itinerários Mentais da Pampa Brasileira** é incansável trabalhador e intransigente amante das cousas do espírito. Esse seu trabalho é uma série de crônicas divulgadas na imprensa local, que enfeixou em volume elegante impresso na Livraria do Globo.

O Tenente de Peranhos Antunes que pertencente à Academia Rio-grandense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, dia a dia mais se dedica às lutas do espírito e agora prepara um livro de alta envergadura sobre o grande estadista Barão do Rio Branco.

E assim se justifica o apreço com que o público acolhe, sempre, as obras do autor.

Em **Itinerários Mentais da Pampa Brasileira** encontramos excelente manancial de crítica onde são postos em relevo as últimas produções dos nossos intelectuais. Presta, dêsse modo, o autor bela homenagem às letras nacionais, revelando-se no seu estilo característico, arguto e cintilante observador.

O. S.

VIDA EXTINTA — Por Felipe d'Oliveira
Edição da Sociedade Felipe d'Oliveira — Rio de Janeiro — 1937.

Felipe d'Oliveira, o malogrado poeta santamariense, homem de pensamento e fino esteta, morto em Paris há pouco mais de 6 anos, encontrou em Álvaro Moreyra, êsse outro requintado artista rio-grandense, um amigo afetivo que tem dedicado longas vigílias à glória do poeta desaparecido.

Em 1911 quando o Rio Grande do Sul viveu um ciclo de intenso espiritualismo literário, Felipe d'Oliveira que pertenceu a essa geração, notabilizou-se brilhantemente com seu livro de versos puros, de colorido simbolista, **Vida Extinta**. Decorridos 26 anos, o livro de 1911 é agora reeditado, com prefácio de Álvaro Moreyra, em fino papel e excelente impressão tipográfica. Todo o livro, vem empregnado de estrofes quentes, descritivas, outras lúbricas, amorosas e humanas.

Vida Extinta apresenta páginas doces, versos cheios de sabor, e “a poesia que era moça, continuou moça”, sem perder seu ritmo sedutor porque a beleza lhe dá uma consistência vigorosa, magnitude de tudo o que é perfeito e emocional.

O. S.

SANGUE E ALMA DO RIO GRANDE — Por
Fernando Osório — Livraria do Globo — Porto
Alegre, 1937.

“Sangue e Alma do Rio Grande” é um livro cheio de movimento, de exaltação histórica. O sr. Fernando Luiz Osório, com sua vigorosa cultura, tornou-se, no seio dos pensadores modernos, figura de brilhante relêvo. Estudando sua vasta bibliografia, o autor nos aparece como um enamorado das coisas do Rio Grande, da sua história, dos seus homens, da sua sociologia, do seu ambiente heróico.

Em “Sangue e Alma do Rio Grande”, destacam-se diversos trabalhos históricos, alguns dos quais de caráter polemista onde estuda a ação do Coronel de Dragões Tomaz Luiz Osório nos embates registados nas campanhas continentinas. Todo o livro é cheio de conceitos históricos, rico de beleza, de ensinamentos, de adjetivação colorida.

O autor que com tantas páginas peregrinas vem enriquecendo o patrimônio espiritual do Rio Grande, em **Sangue e Alma do Rio Grande** apresenta-se com o mesmo ardor verbal, com o vigor de seus conhecimentos e pesquisas onde são exaltados os valores dos nossos heróis e a índole da nossa gente. O dr. Fernando Osório em seu novo livro, particulariza os acontecimentos, estuda os detalhes, analisa documentos e conclue com rigidez.

O. S.

CISALHAS — Por Luiz Emílio Léo — Em-
presa Gráfica da Revista do Tribunais — São
Paulo, 1937.

A poesia clássica, o passadismo como os modernistas a denominam, continua esplendidamente vitoriosa. “Cisalhas” é um testemunho altivo de que o verso preso ao rigorismo dos velhos métodos, é a eterna fonte da legítima poesia.

O sr. Luiz Emílio Léo escreveu com muita inspiração e bastante engenho o livro que acaba de lançar no mundo das letras. A sua profissão de fé é como a de todos os artistas. A ansiedade da forma, a tortura de perfeição que confessa

não ter alcançado. Mas o poeta no seu colorido parnasianista deu-nos um livro bom onde há versos harmonisos, intensidade verbal, poemas admiráveis como **Vida**, não faltando o **Hino ao Rio Grande** que diríamos, impróprio para um livro de arte.

Cisalhas marca um início vitorioso.

O. S.

INSTITUTO DE ESTUDIOS AMERICANISTAS

— Imprenta de la Universidade de Cordoba, 1937.

A Universidade Nacional de Córdoba que fundou em 1936 o Instituto de Estudios Americanistas, homenageando assim a memória do ilustrado monsenhor Pablo Cabrera, doutor **Honoris causa** dessa universidade.

Todos os feitos iniciais e ato inaugural dessa importante iniciativa acaba a Universidade de Córdoba de enfeixar em livro. Nesse opúsculo encontramos a justificativa da idéia, os decretos, pareceres, programas, discursos proferidos pelo Reitor dr. Sofanor Novillo Corvalan, pelo dr. Ricardo Levene, presidente da Junta de História e Numismática Americana e do Diretor do Novo Instituto dr. Henrique Martins Paz.

São páginas belas que põem em relêvo a obra grandiosa do Padre Cabrera e a alta finalidade do novel Instituto de Estudios Americanistas a cujos iniciadores apresentamos os nossos vivos aplausos e os nossos cumprimentos pela criação de mais êsse centro de cultura com que se enriquece o mundo intelectual da amiga e vizinha república.

O. S.

ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, subsídio para a arqueologia do Brasil Meridional, por **Antônio Serrano**. — Separata da "Revista do Arquivo", n.º 36. — São Paulo, 1937.

Dentre os grandes estudiosos de arqueologia da América destaca-se, sem favor, o diretor do Museu de Entre-Rios, prof. Antônio Serrano, cujas obras tem merecido os mais calorosos aplausos sendo justamente estimado pelo critério com

que estuda esses assuntos, muitos dos quais contravertidos e indecisos, fazendo, sobre eles, vivos raios de luz.

Antônio Serrano cujo nome, ao lado dos de Lehmann Nitsche, Frederico Lunardi, Rodolfo Lenz, Acosta, Ravignani e outros muitos, se destaca pela simplicidade e concisão de suas obras, merece, hoje, pelo muito que tem feito e está fazendo pela arqueologia brasileira, carinho todo especial que nós não regateamos.

“**Arqueologia Brasileira**”, que acaba de publicar, em português, o ilustre etnógrafo argentino, é precioso subsídio para o estudo de nossa arqueologia indígena, especialmente as interpretativas que nêle figuram.

Encerra esse precioso livro do prof. Antônio Serrano, sua “primeira homenagem a esta grande república amiga”, 30 lâminas e um excelente mapa do Rio Grande do Sul, em que o “autor da carta arqueológica”, demarcou as diversas culturas indígenas. a **sambaquiana guaianá** que ocupa além da zona do Planalto e além da zona atlântica, barra do Rio Grande ao Mampituba, uma faixa estreita que parte das Missões indo morrer nas orlas da Lagoa dos Patos; a **charrua** (parte dos atuais municípios de Santana, Rosário, S. Gabriel e D. Pedrito); a **tape**, ao Sul, nos municípios de Herval, Pinheiro Machado, Piratini e Cangussú, e mais as de “cerâmicas de fundo chato” e os “mosaicos guaranís” demarcados pelo prof. Antônio Serrano em S. Borja, S. Luiz Gonzaga (ambos nas margens do Uruguai) Cruz Alta, S. Pedro, Venâncio Aires, zona de colonização italiana e costa atlântica (Rio Grande até Tórres).

Em “Arqueologia Brasileira” estuda, apenas, o prof. Serrano, algumas peças da grande quantidade por êle examinada no Museu Júlio de Castilhos, no Seminário de São Leopoldo, em Tórres e outras coleções particulares.

V. Sp.

O CONDE DE MOTA MAIA, médico e amigo dedicado de D. Pedro II — Reminiscências do Segundo Reinado. — Por **Manuel A. Velho da Mota Maia**. — Depositária: Livraria Francisco Alves — Rio de Janeiro, 1937.

São de especial atração todos os assuntos que dizem respeito ao segundo reinado brasileiro.

A época de D. Pedro II, tão cheia de encantamentos, tem, como as coisas do velho oriente, qualquer cousa de mistério que seduz e encanta. E', em última análise, o esplendor das cousas vistas de longe, de velhas eras, do tempo das cavalaria românticas, dos requintes da arte e do bom gosto, das boas maneiras e dos galanteios ingênuos dos salões, das visões orientalescas e de belos rostos mal entrevistados através daquelas sugestionadoras rótulas, ou, envoltos nas já quasi lendárias mantilhas de nossas avós.

E', sempre, com o espírito voltado para essas visões de um passado longínquo, com saudade de cousas que não vi, que olho para tudo quanto se escreve sobre o império.

Não sou monarquista, mas amo a monarquia que tantos anos de glória à pátria deu, e tanto bem espalhou, mau grado o regalismo cru de certas ocasiões, por este Brasil afora, especialmente no que respeita às ciências, letras e artes. O período áureo do Brasil intelectual está ali, nas páginas encantadoras da história do segundo reinado.

O Conde da Mota Maia, o ilustre e sábio fidalgo que D. Pedro II amou como amigo e como sábio médico seu, foi dessas figuras que, em outro meio teria já tido consagração definitiva.

Entretanto, aquí com a proclamação da República sob o patrocínio espiritual da doutrina de Comte, todos aqueles que não comungaram com os "históricos" ficaram ou no ostracismo, ou relegados para planos inferiores, com raras exceções, como Rio Branco, o grande chanceler.

Felizmente, essas gloriosas figuras vão ressurgindo agora através a pena fulgurante de escritores da têmpera do dr. Manuel A. Velho Mota Maia que acaba de publicar a biografia do grande médico, Conde da Mota Maia, dedicado amigo de D. Pedro II e amigo admirado de sumidades médicas como Charcot, Renaut, Naudim, Capellini, Giovanni, Semmola, e muitos outros.

Obra notável essa que o distinto membro do Instituto Histórico de Ouro Preto, dr. Manuel A. Velho da Mota Maia,

“fidalgo à boa moda antiga”, como o qualificou êsse outro talento peregrino que é Gastão Penalva, — obra notável, — dizia, — essa que o ilustre filho do sábio Conde de Mota Maia acaba de publicar, revivendo, brilhantemente, a figura empolgante de seu nobre pai, e da época em que viveu êsse médico-fidalgo.

A biografia é uma ressurreição. Benditos os que as escrevem com alma e coração, talento e justiça.

V. Sp.

JACINTO GUEDES DA LUZ (Notas para uma biografia), por Aurélio Pôrto. — Separata do 1.º volume dos “Anais do Itamarati”. — Rio de Janeiro, 1937.

Grande, grande e preciosa é a bibliografia do sr. Aurélio Pôrto, poeta, historiador, romancista, genealogista e um dos nossos maiores pesquisadores.

Dentre sua vasta bagagem literária destacam-se os estudos sobre os dragões do Rio Grande do Sul, sobre a imprensa do Rio Grande do Sul, o romance histórico “Tesouro do Arroio do Conde”, as eruditas notas ao “Processo dos Farrapos” (4 vols.) e, agora, êsse belo estudo biográfico, que modestamente intitulou “notas para uma biografia”, do grande cabo de guerra farroupilha Jacinto Guedes da Luz.

Cada um dos capítulos dêsse magnífico trabalho é um hino à glória do famoso guerrilheiro que empolgava seus comandados na épica façanha de 1835-1845.

Estuda Aurélio Pôrto o grande Guedes desde o berço fazendo sua genealogia, até o último alento, “ocaso de uma vida heróica”.

Ficamos, assim, devendo a Aurélio Pôrto mais êsse grande trabalho que honra, sobremodo, nossas letras históricas.

V. Sp.

COLONIAL HISPANIC AMERICA, Edited by A Curtis Wilgus. — Vol. IV da Série “Studies in Hispanic American Affairs”. — The George Washington University Press. Washington, D. C. 1936.

Como os anteriores, precioso é o presente volume de "Studies in Hispanic American Affairs", consagrado ao período colonial da América Espanhola, especialmente às guerras de independência dos países sul-americanos. Não menos preciosos são os estudos em "Apêndice", como os de Almon R. Wright, Maynard Geiger, Raul d'Eça e a Curtis Wilgus.

Com referência aos estudos independencistas, menção especial merece o que se refere ao Brasil que, aliás, não sabemos porque está incluído sob o título geral da obra "Hispanic America".

Bem apanhado, de modo geral está êsse estudo a-pesar-de alguns senões dos quais destacaremos, pela sua importância, o seguinte: "News of this decree reached the Prince Regent while he was on a hunting trip on the margin of the Ypiranga, a small stream near the City of São Paulo".

Ora, quando D. Pedro, príncipe regente do Brasil proclamou a independência a 7 de setembro de 1822 nas margens do arroio Ipiranga, êle alí estava não em caçada, como afirma o sr. prof. Alfred Hasbrouck, mas, sim, em viagem de inspeção para S. Paulo.

A parada que fêz às margens do Ipiranga o príncipe D. Pedro, longe de ser de recreio, foi forçada por um mal-estar intestinal que o acometera, conforme o relatou um testemunho ocular e está, hoje, amplamente divulgado.

Nada disso, porém, diminui o grande valor da obra e o nobre empreendimento dos ilustres professores da George Washington University.

O presente volume encerra, nas suas 690 páginas, os estudos seguintes:

The Significance of Hispanic American Colonization by
James Alexandre Robertson.

Geographical Background of the Colonial Period in
Caribbean America, by **Clarence F. Jones.**

Geographical Background or the Colonial Period in
South America, by **Clarence F. Jones.**

The Native Background in Latin American History, by
Philip Ainsworth Means.

- The European Background, by **Marie R. Madden.**
The Spanish Conquest and Settlement of the Indies, by
Arthur S. Aiton.
Colonial Government, by **Lillian Estelle Fisher.**
The Church in Colonial Spanish America, by **J. Lloyd
Mecham.**
Colonial Society, by **Irving A. Leonard.**
The Transmission and Diffusion of Culture in the Spa-
nish American Colonies, by **Cecil Knight Jones.**
Colonial Economic Life, by **Roland Dennis Hussey.**
Colonial International Relations. *Mare Clausum* and the
Theory of Effective Occupation, — Colonial Inter-
national Relations. *Oglethorpe* and the Theory of
Effective Occupation, — Colonial International Re-
lations. *Final Triumph of Effective Occupation* and
the Freedom of Navigation, by **John Tate Lanning.**
The Movements for Independence. Introduction, The
Movements for Independence in Southern South
America, The Movements for Independence in Nor-
thern South America, The Movements for Indepen-
dence in Mexico and Central America. The Move-
ments for Independence in Brazil, by **Alfred Has-
brouck.**

APPENDIX —

- The Catholic Church as an Economic Factor in Colonial
Spanish America, by **Almon R. Wright.**
The Early Franciscans in Florida and Their Relation
to the Colonization of the Spaniards, by **Maynard
Geiger.**
Colonial Brazil as an Element in the Early Diplomatic
Negotiations Between the United States and Portu-
gal, 1776-1808, by **Raul d'Eça.**
Spanish Royalist in the United States, 1809-1821, by
Philip Coolidge Broonks.
Sixteenth Century Histories and Historians of Hispanic
America, by **A. Curtiss Wilgus.**

Seventeenth Century Histories and Historians of Hispanic America, Eighteenth Century Histories and Historians of Hispanic America, Nineteenth Century Histories and Historians Dealing with Colonial Hispanic America, Twentieth Century Histories and Historians Dealing with Colonial Hispanic America, by A. Curtis Wilgus.

V. Sp.

O DEVER ELEITORAL DOS CATÓLICOS, pelo
dr. Armando Dias de Azevedo. — Boa Imprensa
— Pôrto Alegre, 1937.

Raros são os trabalhos divulgados em volume pelo nosso ilustre confrade dr. Armando Dias de Azevedo, destacando-se entre estes raros, além de trabalhos jurídicos, um estudo sobre D. Pedro II e o folheto que ora nos ocupa, sobre “o dever eleitoral dos católicos”.

De grande cultura, o autor do presente trabalho, “tese lida e aprovada na sessão de estudos do I Congresso Encarístico do Estado do Rio Grande do Sul”, versa o assunto eruditamente, fixando-o sob vários aspectos moral, social, patriótico e religioso, para chegar as seguinte concienzosas conclusões:

1) — O católico, . . . tem o dever de consciência de usar do voto para bem da Igreja e da Pátria.

2) — Só é permitido votar em quem, pela sua maneira de pensar e de agir, se espere que votará boas leis.

3) — Só é permitido votar em candidato hostil, para evitar mal maior, quando com êle concorrer outro piór.

4) — Quando todos os candidatos forem igualmente maus ou quando fôr mau o único candidato, impõe-se o voto em branco.

As 5.^a, 6.^a e 7.^a conclusões tratam do crime do católico que transgredir tais leis, da autoridade que deve consultar quando há dúvida e da liberdade que existe na inscrição dos católicos

em qualquer partido político desde que ofereça garantia de respeito à Igreja e observância às suas leis.

E', assim, êsse trabalho do dr. Armando Dias de Azevedo digno de nota não só pelo assunto de grande atualidade, como pela linguagem clara, concisa do autor que se não prejudicou pela erudição com que se apresenta.

V. Sp.

DUAS MONOGRAFIAS DE VALOR

Os trabalhos do abalizado historiôgrafo e paciente pesquisador que é o R. P. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J. sobre "As Primitivas Reduções Jesuíticas do Rio Grande do Sul" e "A Família guaraní cristianizada" são monografias de valor invulgar, que lograram aprovação unânime do 2.º Congresso de História, realizado em fevereiro do corrente ano, na cidade do Rio Grande.

Vasados em linguagem escorreita e elegante, versam o assunto de maneira original, trazendo contribuição valiosa, com verdadeiras revelações, o corrigindo não poucas inexactidões e equívocos em que incorreram os que o precederam no estudo da história primeva de uma gleba gaúcha

Essas correções o incansável e erudito jesuita pôde fazê-las, graças, não só a pesquisas pessoais a que procedeu **in loco**, como também com a descoberta de nova documentação que veio lançar luz sobre pontos obscuros de nosso passado, e com o aparecimento de novos trabalhos ultimamente publicados.

Os ensaios em aprêço primam pela síntese, mostrando em traços largos mas com grande clareza o que foram as primitivas reduções organizadas pelos seus irmãos de hábito, os beneméritos Jesuitas.

Lendo os estudos do Padre Jaeger, moldado em rigoroso estilo científico e com a serenidade do verdadeiro historiador, vemos quão verdadeira foi a sentença de Freire de Carvalho:

"Nenhum espírito justiceiro, ninguém de bons sentimentos, pode desconhecer, negar que mui re-

levantes foram os serviços que os Jesuitas prestaram ao Brasil no período de sua formação política, como posteriormente, evangelizando, difundindo os preceitos do cristianismo nos nossos aborígenes, tirando-os dos hábitos selvagens e trazendo-os ao grêmio da civilização.

Merece aplausos o autor pela publicação desses ensaios que revelam acurado estudo, polimorfa cultura, agudo senso crítico, extensa erudição e grande patriotismo.

Armando Dias de Azevedo.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

BOLETIN DE FILOLOGIA, Tomo I, n.º 2 — Publicação do Instituto de Estudios superiores, Montevideu, 1936. — Excelente publicação sob a direção do dr. Adolfo Berro Garcia. E' o seguinte o índice desse fascículo: "La enseñanza de las lenguas clásicas", Armando D. Pirotto; "Notas sobre ortografia", S. Perea y Alonso; "El lenguaje gauchesco", Enriqueta Laférière; "El periodismo y la lengua", Alberto Rusconi; "Prontuario de voces del lenguaje campesino uruguayo", Adolfo Berro Garcia; "La oracion", Luis Juan Piccardo.

BOLETIM DO MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO, n.º 33, maio de 1937, — 34, junho de 1937. — Ministério do Trabalho, Departamento de Estatística e publicidade, Rio de Janeiro.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, — Vol I, tomo I (Segunda fase) — Comissão de redação: Dolor Barreira, Clodoaldo Pinto, Ermínio Araújo e Martins de Aguiar, sob a direção de Antônio Sales — Fortaleza, fevereiro de 1937.

DOCUMENTOS INTERESSANTES PARA A HISTÓRIA E COSTUMES DE S. PAULO. — Ordens régias e dos gene-

rais relativas à Legião (1808-1814). Vol. LXI — Arquivo do Estado de S. Paulo — Edição do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo — S. Paulo, 1937.

SESMARIAS (1720-1736) — Vol. III — Arquivo Público de S. Paulo — Edição do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo — S. Paulo, 1937.

BOLETIM DO MUSEU NACIONAL — Diretor: A. Betim Pais Leme — Vol. XI, ns. 3-4; Vol. XII ns. 1 e 2, respectivamente de setembro-dezembro de 1935, março de 1936 e junho de 1936 — Rio de Janeiro.

BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS — Tomo I, Ano I, Fascículo II, (outubro-dezembro) — Diretores: Eremildo Viana, Gui de Holanda e Sílvio Elia — Rio de Janeiro, 1936.

GEOGRAPHICAL REVIEW, published by "The American Geographical Society of New York" — July, 1937, New York.

REVISTA DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO, Tomo XLII — 1936 (1.º semestre) e XLIII — 1936 (2.º semestre) — Comissão de redação: Alcides Bezerra, Alexandre Sommer, Carlos Domingues, Saladino de Gusmão e S. Fróes de Abreu — Av. Marechal Floriano, 212 — 1.º — Rio de Janeiro.

BOLETIN DE HISTORIA Y ANTIGUEDADES, Organó de la Academia Colombiana de Historia — Diretor: Luis Augusto Cuervo — N.º 270, Vol. XXIV — Bogotá, abril de 1937.

IDEARIUM, Organó de la Escuela Normal de Occidente — Diretor: Germán Peña — Redactor: Sergio Elias Ortiz — Año I, n.º 2 — Pasto, Colombia, junio 1.º de 1937.

BOLETIN DEL INSTITUTO DE CULTURA LATINO-AMERICANA — Diretor: Arturo Giménez Pastor — Año I, n.º 4 — Buenos Aires, julio de 1937.

REPERTORIO DE HONDURAS, revista quincenal de cultura — 15 de março e 15 de abril de 1937 — Año I, ns. 17 e 19. (Não recebemos o n.º 18) Tegucigalpa, Honduras, C. A.

REVISTA DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO AMAZONAS — Ano V — Vol. V — Ns. 1-2 — 1935-1936 — Manaus.

BOLETIM DO ARQUIVO MUNICIPAL DE CURITIBA — Documentos para a História do Paraná — Publicação sob a direção de Francisco Negrão — Vols. VI a XXV, XXVII a XXXVII, XXXIX a LXII — Muitíssimo agradecemos a gentileza da remessa dessa esplêndida publicação oficial que encerra valiosa documentação histórica.

Indice

A Religião de nossos Índios — <i>Ângelo Guido</i>	3
Lições de Meteorologia — <i>Dr. Ladislau Coussirat Araujo</i>	59
Pequeno Dicionário histórico e geográfico do município de Osório — <i>M. E. Fernando Bastos</i>	85
Nótulas bibliográficas	145

GEOGRAFIA:

Prof. Afonso Guerreiro Lima.
Dr. João Maia.
Tenente Dioclecio de Paranhos Antunes
Dr. Alcides Maya.

ARQUEOLOGIA, ETNOGRAFIA E PALEONTOLOGIA:

Prof. Jaci A. L. Tupi Caldas.
Desembargador Francisco Rodolfo Simch.
Prof. Jorge Bahlis.
Dr. Armando Dias de Azevedo.

FOLCLORE E LÍNGUA DOS INDÍGENAS:

Cel. Manoel de Faria Correia.
Prof. Valter Spalding.
Dr. Dante de Laytano.
Manoelito d'Ornelas.

ESTATUTOS E COMISSÃO DA REVISTA:

Dr. Adroaldo Mesquita do Costa.
Cel. E. F. de Souza Doca.
Prof. Othelo Rosa.
Dr. Eduardo Duarte.

ADMISSÃO DE SÓCIOS:

Dr. Armando Dias de Azevedo.
Prof. Afonso Guerreiro Lima.
Cel. Gaston Hasslocher Mazon.
Dr. Eduardo Duarte.

Condições de assinatura da Revista:

Por ano	15\$000 rs.
Por fascículo trimestral	4\$000 rs.
Preço da coleção até 1930	1:000\$000 rs.

Fascículos atrasados, preço da tabela existente na secretaria

Para assuntos da Revista dirigir-se diretamente ao Dr. Eduardo Duarte, à rua Duque de Caxias n.º 1231. Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.